

# Miguel Carneiro

## Breviário da Danação (Passado no Corrimboque do Dianho)



Croqui de *Vaca Empilhada*, do  
designer paulistano Rico Lins  
Foto Divulgação

*Para minhas filhas Laura e Nalva,  
aos cineastas Roque Araújo e Chico Drummond,  
aos poetas amigos, cativos em meu peito de criança,  
Pedro Casaldáliga e Pedro Vianna,  
e também para meu compadre Edu e minha irmã Angélica,  
que vem ao longo das décadas,  
acudindo-me, me dando a mão,  
tangendo-me pelos caminhos tiranos,  
dedico essas histórias de um tempo em chamás.*

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
PREFÁCIO.....	6
CANTILENA DE SORANGO.....	8
TEMPESTADE DE DEMÊNCIA.....	11
REVELAÇÕES DO GROTAÕ.....	13
LORETA DO OLHAR.....	18
NO MOFO DA MEMÓRIA.....	20
ARRAIAL DE TOCÓS.....	23
A PALIDEZ DA COVARDIA.....	27
BREVE MEMÓRIA DE UM GIGOLÔ.....	31
ALMANAQUE FONTOURA.....	33
CEGO NA PORTA DA IGREJA.....	42
O CANÁRIO DE HILDÉRICO.....	59
NAS COIVARAS DE FOGO DAS LABARETAS DESSE ROÇADO.....	87
RODES INCENDIADA.....	93
BAFO DE BOI.....	97
A SENHORA DO INFORTUNIO.....	100
NO OCO DA CAATINGA.....	128
ENTRE SÃO SEBASTIÃO E A CRUZ.....	135
HORA DO GAGAU, MÃE.....	139

Ler “Breviário da Danação”, de Miguel Carneiro, é freqüentar como quem seja um crente convicto dos oragos situados no Baixo Sertão, e é assim que convém compreender as locações preferidas de suas histórias. Como ficcionista naturalmente vocacionado para o trato dos temas pertinentes ao ideário das populações das Terras do Jacuípe, o poder de sua pena se alarga, porém, para empreender giros continentais, tal é, em “Rodes Incendiada”, a aventura do jovem Jardelino Oliveira, que, fugindo de seu torrão natal, no Triângulo Mineiro, para ganhar a vida na nevrálgica Ilha de Manhathan, aí vem a perecer, na condição de engraxate, no atentado terrorista do World Trade Center, soterrado nos escombros de uma das malfadadas torres gêmeas.

Na “Placidez da Covardia”, tem-se um conto bem atual, pontuando a crueldade do algoz. Em “Breve Memória de um Gigolô”, mostra-se o cotidiano de um casal em crise, manipulando com maestria as mágoas do marido, que termina vencido pela rotina do matrimônio. E, de volta ao tema regional, o autor nos traz a “Cantilena de Sorongo”, estória passada no Arraial de Gavião, onde o astuto tangerino é capaz de protagonizar sua façanha. Já a “Tempestade de Demência” faz incursão pelo campo da doença mental, tema do qual se tira o devido proveito.

Logo em seguida, “Revelações do Grotão”, estranha seqüência de fantasmagorias – as novilhas em fúria, o touro tomado de terror, a égua desembestada. Há também o acabrunhante discurso sobre a morte, relatando o velório da tia defunta, em “Loreta do Olhar”, cujas exéquias terminam numa manhã silenciosa e sem alardes.

No “Mofa da Memória”, estão as lembranças do velho pai e, de permeio, o cheiro de laranja-lima e o silvo do trem de ferro que vem das Grotas com destino à Cidade da Bahia. No “Arraial do Tocós”, após a alvorada dos galos, é Zidorinho quem toca os sinos da pequena igreja local...

No conto, “Cego na Porta da Igreja”, o autor relata com detalhes as peripécias de Pedro Baiano da Hora e seu guia, em função de peditório através dos Sertões da Bahia, e até do Nordeste, viajando ao longo dos quatro ventos, sem esquecer, no trajeto, as paragens imaginárias, desde as lonjuras da Cordilheira do Espinhaço do Cavalo até o Mar de Dona Janaína, paisagens essas que conferem à narrativa tanto mais encanto quanto mais sutilezas nos horizontes da prosa carneiriana que, nascida no conto regional sertanejo, ganha sempre novos rumos, na razão da escala universal, como convém a um escritor de seu porte.

Altamirando Camacam, escritor baiano, autor de “O coelho azul de Jabotão”.

## APRESENTAÇÃO

Talhado para as grandezas íngremes do sertão  
e a vastidão de espinhos e verde seco e maduro  
por entre os ventos sedentos feito saliva sem boca,  
o flanco e a cara basta de areia e mocho  
nos olhos anunciadores e apocalípticos,  
a crina aliciando a testa larga de meio-fio:  
troteias, cão e égua, cavalo e bicho de pé, em tiroteio sem brida e Lampião.  
Mestre de búzios nos olhos de retratista mórbido,  
fátuo jamais o fato que contas entre um risco e outro,  
uma lambida na seda e o fogo brando,  
escultura de tuas palavras, Galatéia viva,  
seca a tua presença onde a ausência não tem vez  
de ser em espaço algum de seus liames e cavidades,  
Ó, Miguel Carneiro! Me aconselha  
a tomar parte neste bando, nesta tropa,  
a ser guerreiro ou carnicheiro ou o seu curtume,  
pois que é sagrada a tua revolta de cabelos longos e trançados,  
e teu porte anuncia a chegada dos teus livros mais sagrados,  
tua Bíblia, o Livro de Jó, Confúcio, e um cercado de capim.

Henrique Wagner - poeta baiano, autor de “Horas do Mundo”, Selo Letras da Bahia,  
(2003).

## PREFÁCIO

Um escritor que seja medíocre não consegue ser sincero. A sinceridade, em literatura, depende da capacidade de se dispor de técnicas que possam signar sinceridade. Em verdade não existe um “eu” atrás do texto literário e periga da própria sinceridade ser apenas mais uma jogada de estilo. Desse modo, por não comportar um “eu” em seu texto, a literatura não aceita nenhuma realidade fora de si mesma. Nada que seja exterior a ela permanece, pois o texto literário só admite o seu interior.

A verdadeira ficção é completa em si mesma e auto-referencial em todas as suas nuances. Assim podemos dizer que estilo e/ou “escrever bem” não existem. O que há é pensar bem, como diz o poeta-pensador Paulo Leminski. Portanto seria lugar-comum e até poderíamos chegar à farsa, se quiséssemos classificar a escritura de Miguel Carneiro, chamando-a, por exemplo, de regionalista, ou quaisquer códigos acadêmicos. Miguel Carneiro vai, além disso.

Baiano de Riachão do Jacuípe, com diversos livros de poemas, contos, cordéis, passando pela literatura infantil, o texto jornalístico, teatral e o roteiro cinematográfico, o escritor multimídia Miguel Carneiro, traz a praça seu mais novo trabalho, uma novela com o picante e irônico título: BREVIÁRIO DA DANAÇÃO, que decerto fará corar as senhoras de família, as mocinhas casadoiras e causará constrangimentos a hipocrisia moralista de nossa imprensa cultural.

Poderia nesse prefácio dissecar a história que o autor nos conta, ficcionando a realidade, sem deixar de mostrá-la com todo o seu suor. Mas não é o que me proponho e uso o texto de Miguel para algumas reflexões sobre a necessidade de uma literatura que se faça essencial, já que o texto, ou melhor, o pensamento dele o é. Fazer literatura é entrar em sintonia telepática com toda a história. Uma obra é sempre uma variante de outras obras e o plágio, hoje já deglutido pela pós-modernidade, é o mais importante recurso literário, nos ensinou Jorge Luiz Borges. Não é o homem que faz literatura e sim a humanidade. É a etimologia o único modelo possível para uma ciência da literatura. E chega a ser ultrapassado exigirmos originalidade e, como dizia Nelson Rodrigues, só os idiotas da objetividade podem achar que a literatura possa ser reflexo de alguma coisa. A palavra não reflete nada. Sua importância se dá enquanto seja um gesto fundador e por isso mesmo cria na literatura um efeito mental.

Dito o escrito, só resta ao leitor misturar-se nessa fusão de sentimentos e comunicações que as palavras criam, quando a mente que as engendra consegue a luminosidade dos raros momentos de sintonia do homem com o cosmo e aí é que mora o segredo que forma os signos que o escritor Miguel Carneiro usa para seduzir o leitor e fazer dele seu parceiro.

Portanto o negócio é devorar o autor, pois o resto é alegoria de carnaval em papel crepom, que não resiste a primeira chuva.

Zeca de Magalhães, poeta carioca radicado na Bahia, autor de “O nome do vento” e “A oeste de meu coração” ambos pelo Selo Letras da Bahia, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia.

## CANTILENA DE SORANGO

**Para João Bá e Lila**

Havia o Arraial de Gavião, pedaço de chão de tal modo escondido naquele sertão adusto, que até mesmo os cangaceiros tiveram receio de visitar. Uma rua deserta, a ermida caiada de azul no canto da praça, Muliquinho com farmácia do outro lado do Mercado Municipal, Ezequiel Moura com seu cartório na esquina e Helena sentada num sofá, tricotando intermináveis colchas de retalhos, e a solidão tomando conta daquele piçarral com todo o seu anacronismo.

Codó Aboiador era filho adotivo de Abílio Cordeiro e vivia parecendo um eremita; não gostava de chamego e muito menos de xenhenhém. Andava feito um xepeiro a mendigar parcas esmolos e a efetuar pequenos mandados. Ficava a correr de casa em casa, participando da intimidade daquele ermo. À boquinha da noite se postava numa imensa pedra no Poço do Taquari e se punha a cantar para a lua aboios tristes que cobriam o arruado em lamentos.

Na Rua da Quixabeira, onde morava Hermira de Zé Tibúrcio, achava-se a residência de Filadelfo Guimarães, velho cobrador de efiteuse, que elegera Gavião como sua terra natal depois de rodar todo o Estado da Bahia em busca de uma pacata cidadezinha onde pudesse jogar suas pernas e terminar seus contados dias.

Filadelfo se abancava no avarandado da casa a ler livros de bolso e a tomar copos de limonadas de meia em meia hora, com receio de que um resfriado o alcançasse e o derrubasse para sempre. Largava a casa entregue a suas duas únicas filhas, uma vez que Nelsuíta, sua esposa, tinha partido para sempre.

Codó despontava cedo no chalé dos Guimarães e sempre lhe davam uma pequena tarefa: era um pacote de fósforo para adquirir na bodega mais próxima, uma cabeça de alho para ir buscar no mercado, na mão de Rosalina. E, com isso, Codó se encostava ali e passava o dia de rabo de olho nas meninas.

Dizem que “boi manso é que arromba curral” e Codó foi aos poucos caindo na graça Grimm para o solitário tangerino. Ao término da leitura, as duas faziam de Codó seu daquelas duas princesas. Trazia a encomenda, ficava amuado no fundo do quintal a observar a movimentação dentro de casa. O velho, de sua preguiçosa, pouco juízo fazia da presença do aboiador.

Codó não conhecia um “o” feito com um copo; se as meninas desejavam alguma coisa na rua, tinham que escrever na mão dele o nome da encomenda. Ele, de andar teso e olhar decretado, chegava ao destinatário, mostrava a senha e retornava com o bagulho, feio um foguete, contente em ter prestado um relevante serviço.

Ao meio-dia e meia, o almoço se findava. Codó se dirigia à cozinha para lavar a louça da casa. Nelcy e Cecinha ficavam também na varanda a observar os músculos rígidos do aboiador, enquanto Filadelfo se encaminhava para o quarto para tirar sua sesta habitual. Aquele deserto se estendia na aridez daquela paisagem monocórdia. Um ou outro galo distante cortava o silêncio da tarde, a longe. Um maribondo cavalo-do-cão voando atrás de uma presa. As meninas tomavam Codó pela mão e passavam a tarde a ler contos dos irmãos príncipe encantado que lutava contra dragões e alcançava a torre para beijar a donzela.

A noite caía em gavião. O aboiador, de sua pedra, aboiava para a lua. Gavião tinha algo de medievo. Aquela gente vivia com o tempo desencontrado, passava as tardes em fuxico a correr o olho de casa em casa para ver o que estava acontecendo no interior delas. Indiferente àquele mundo, Filadelfo dava seus cochilos. Era um tempo em que só chegava por mês uma única mala postal trazida por Estevão no lombo de um burro choutão.

Edira de Pequeno Colosso foi sempre a mais carola das carolas daquela joça. Seu finado partiu quando ainda estava na flor da mocidade, porém ela mantinha pelo Aboiador uma paixão incubada. Tudo fazia para que o estranho tangerino viesse um dia a servi-la. Nada, nada que Edira fizesse despertava a atenção de sua paixão. Codó vivia em brancas nuvens, em longos aboios para acordar o cavalo de São Jorge na treviselha da lua. Enciumada, resolveu fazer campana junto ao portão do quintal para flagrar o misterioso

banho do aboiadeiro. E, num dia desses sem importância, a viúva, pela greta do portão, vira a cena que ela tanto buscava: Cecinha e Nelcy a dar banho no moleque de recados, ensaboando-o, enxugando-o com uma toalha vermelha felpuda e vestindo-o com roupas de Filadelfo Guimarães. Do outro lado, no meio ao monturo, Edira, preste a desmaiar, observava extasiada o falo ereto de seu grande amado.

Por toda a noite, a viúva sonhou sendo cavalgada por Codó Aboiador, enquanto o cobria de carinho ao som de seus aboios. Pela manhã, ao acordar, percebeu o lençol de cambraia encharcado de gozo. As duas meninas jamais podiam imaginar que estavam sendo observadas pela carola. E a cada dia, aquele banho se tornava mais cáldo.

Aos poucos, Edira foi espalhando o achado lascivo, até que um dia chegou aos ouvidos do padre Pinto, vigário da grei, que, de seu púlpito, foi conduzindo a população. Passeatas foram feitas e o povo enfurecido tentou linchar o aboiador.

Filadelfo Guimarães, o velho cobrador de impostos, que só buscava paz para sua pacata vida, fretou o caminhão de Decinho de Antônio do Campo Alegre, colocou todos os seus “breguetes” e pegou a pista. Em cima da carroceria, entre móveis, bagulhos e quadros, estava Codó, aboiando por aqueles caminhos tiranos. Foi o aboio mais longo e mais alto que aquela gente ouviu. Na boléia, sorriam Nelcy e Cecinha, plenas de felicidade.

## TEMPESTADE DE DEMÊNCIA

*Os loucos dormem mansos como feras*  
Jose Alcides Pinto, in “Cantos de Lúcifer”

**Para Dr. Carlos São Paulo,  
revelador de sonhos.**

**T**empo de açoite, perscrutando seu sinal na epiderme, em dobras e vincos, o passar das horas. A sisudez dos ponteiros comuta no corpo sua indomabilidade. E no vergar dos anos vai se curvando, pedindo clemência quando se nota que vai se aproximando o fim. E também se intui que a morte está se avizinhand. Quem doma o cadavérico cavaleiro metido em sua mortalha de foice em punho? O agnóstico, o cristão, o judeu ou mulçumano? No dia que inventarem uma religião em que não se sucumba diante da vida, decerto Donato Alencar nela se encontrará em seu suntuoso templo.

Ele já passava dos setenta e cinco anos, perdera a mãe ainda menino e fora criado por uma madrasta, pois seu pai não se conformara com a solidão do leito. Contudo, mais tarde uma anomalia genética comeu o nariz do pai e o levou para sempre. Quando Donato ainda não contava quatorze anos completos, sem querer ter lido os poemas de Fagundes Varela, viu-se diante do mundo. Dali em diante, tocou a vida sozinho, com os próprios braços, e a cabeça conturbada por ausências que no passado povoaram sua alma.

Mudou de cidade, percorreu o mundo na tentativa de se encontrar e afugentar o fantasma da morte que sempre o rondou. Casou, constituiu família, teve empregos, aposentou-se. E, numa cidade distante de suas lembranças, abancou-se na espera de que o ponteiro do tempo um dia parasse para si mesmo.

Viera a depressão nervosa, e com ela o diagnóstico: “demência”.

Transformara, então, a casa num autêntico inferno onde ele próprio depois que se salvasse, depois do fogaréu, vivesse eternamente aquele mundinho de interesse particular. Da cama para a mesa, da mesa para o quarto, a solicitar de dez em dez minutos algo absurdo e desnecessário. Tudo era voltado para o seu mundo. Quem almejasse algo “que fosse se foder na vida”. Rezava somente para a sua prole; e para que ela fosse abastada, sempre abastada, e não faltasse comida em sua mesa farta de faisões e perus. O mundo lá fora batia à sua porta com fome. E ele, com egoísta que era, não estava nem aí. O mundo caminhava ao avesso, e dentro de sua casa tudo se mostrava em ordem, menos ele, que a cada instante derrubava meio mundo de indagações. Era a vida de Donato. Aquela vida miúda, sem horizontes, naquele universo miserável, salvando a própria pele e sem qualquer compromisso com a humanidade. Era assim Donato Alencar, um egoísta, vagando com suas loucuras e nem mesmo o Rivotril que tomava à noite o fazia adormecer.

Vivia percorrendo o imenso casarão, botando todos a pau-a-pique, sem deixar ninguém dormir. Era uma falação dentro da madrugada sem limites, sem respeitar o espaço alheio, sem perguntar se todos que estavam ali queriam ouvi-lo. Mas como era ele que bancava a casa, todos deviam se sentir obrigados a satisfazer seus escusos caprichos de sonâmbulo.

Foi assim que a tolerância e a paciência de todos que o rodeavam fez a taça entornar, colocando-o num asilo, tirando-o de seu meio familiar. Decerto lá ele encontraria uma dessas enfermeiras displicentes e ordinárias que acompanham os pacientes nessas ambulâncias da vida, transportando-o de um hospital a outro, em caso de cirurgia de emergência, e fazem do paciente uma espécie de pacote, onde o sujeito deitado numa maca, imóvel, vê a agulha que segura o soro despencar de seu braço diante de um solavanco carinhoso que essa ignóbil enfermeira lhe dá desatenciosamente no decorrer do percurso.

E, assim, para um asilo na capital, seguiu Donato escoltado por uma filha para ali passar seus últimos dias sobre a face da terra. Na cabeceira da cama onde ele dormia no imenso casarão, jazia esquecida num canto uma caixa vazia de tranquilizante, dando a senha de que por ali passara um vendaval.

## REVELAÇÕES DO GROTÃO

**Em memória de meu tio Aurélio de Oliveira Santana,  
o último dos vaqueiros encourados de  
minha terra, tangendo seu gado em direção  
a Deus.**

**E**u tinha acabado de chegar do mato, suado, soltei o cavalo alazão, tirei o jaleco, as perneiras, as esporas e fui ao oitão do rancho buscar água pra me lavar. As corujas piavam pelos lajedos e a escuridão tomava conta do mundo. Moro nessa chapada, esquecido de todos, tendo apenas os bichos do grotão a me fazer companhia. Meu vizinho mais próximo fica a duas horas, viajando-se num bom trote. Na casa tenho apenas o banco de taipoca servindo de estrado, a cama de vara, o torno dos arreios, o fogão de lenha e o ermo.

No princípio foi apenas o banco de taipoca arrastando-se sozinho por dentro do rancho, sem direção. Minhas vistas foram ficando turvas, o registro de São Sebastião crivado e flechas, sacudindo-se como se houvesse um terremoto. Comecei a ouvir berros que cortavam o silêncio daquelas horas angelicais. Alguém bateu à minha porta, desesperadamente. Fui atender de pés no chão, sem guarda. Botei o fifó, a surpresa estava estampada diante de mim.

As novilhas que ainda há pouco haviam apartado no curral estavam diante da porta, soltas, achocalhando em círculo. Procurei o marruás e ele, com as patas curvadas no terreiro da porta, mugia. Larguei aquelas lamúrias e comecei a andar pela Malhada das Geremas, bifurcando pelos Caldeirões de Enézio, triste. Caminhei me afundando na trilha. Novecentas braças trilhei naquele breu de lua minguante.

Na Encruzilhada dos Amargosos, uma enorme égua branca se destampou diante de meus olhos. Em sua rédea, estava Gedeão Cordeiro, montado com um chapéu de baeta que tinha uma estrela de cinco pontas na aba. Ele me inquiriu:

- Aonde vai a uma hora dessas sem sua montaria?

Procurei a minha voz. Estava embargada, embotada. Estava diante de um morto. Gedeão Cordeiro já havia falecido há oito anos numa vaquejada em Tocós. E ele continuou:

- Cadê a tua fala, cabra frouxo? Como se deixa o próprio rancho e sai pelo mundo correndo de teus próprios bichos? Vem, mofino! Monta na égua, que eu te dou uma garupa.

Alguns segundos, eu fiquei titubeando. Tenho apenas um metro e cinquenta centímetros e o vazio da égua dava no meu queixo. Gedeão Cordeiro me olhava de cima, com os olhos esbugalhados da morte. Suspendeu meu braço, descalçou um dos pés do estribo e, com esforço, acomodei-me na traseira do animal. Fomos cavalgando a noitezinha, Gedeão, eu e a égua. Tentei abraça-lo para me certificar de que não estava delirando e o seu vulto embaçou-se. Tomei a dianteira do animal e mantive o mesmo trote. Contornei um pé de quixabeira e a égua parecia ser boa de galope. Mas, ao firmar entre os dedos a rédea, a infeliz desapareceu. Fiquei no ar, planando feito um passarinho debaixo daquele céu estrelado. Percebi que voava quando fazia breves com minhas mãos. Fui caindo dentro de uma brasa acesa de um cachimbo. Puxado pelo cangote, virei. Fiquei naquela escuridão com dois olhos de fogo a me fitar. Notei que estava em um quarto entrevado, e, quando percebi que algo se mexia dentro do escuro, gritei:

- Quem é o senhor, homem de Deus?

Surgiu uma figura de dentes corroídos pelo fumo de corda, que sorria desbragadamente. Por alguns segundos, aquele semblante se mostrou familiar.

- Eu me chamo Zenóbio do Amor Divino. E lido com os encantados do grotão. Chamei você aqui para lhe dar ciência do rumo.

Enquanto aquela estranha figura falava, de dentro da manga de brim de seu casaco, um falco peregrinus saiu e voou em direção à porta. Inexplicavelmente fui voltando à minha estatura normal. Zenóbio então disse:

- Cada um carrega dentro de si os encantados. e com eles poderá transpor o portal do desconhecido. Quem encanta vive os dois pólos. Meu encantado é a ovelha Orê.

Enquanto Zenóbio falava, seu queixo e seu nariz iam tomando a forma do estranho

animal. Divisei, na parede, um bocapiu e, no canto do vão, um monte de folhas secas espalhadas. Enquanto ele balançava a cabeça, pude notar, ainda, resquícios de sua dentadura falhada. Poderia dar cabo de tudo aquilo, mas não saberia encontrar o caminho de volta para casa. Estava verdadeiramente atabafado. Zenóbio a berrar diante de cada facho de meu pensamento.

Criei-me nesse descampado, ouvindo jaguaracambés berrarem, comerem minhas criações. Criei minhas reses soltas na caatinga. Nenhum compadre deixou de encontrar o caminho de volta para casa. Nessa brenha emaranhada em que me meti, jamais ouvi falar de Zenóbio, apesar de seu semblante me ser familiar. Nunca imaginava estar nesse quarto abafado, vendo estrelas pelas gretas das telhas e esse fogo grueguês a me queimar.

Quando me dá vontade de cruzar com uma fêmea, pego meu Veadinho, viajo oito léguas de galope sem parar para descansar. Procuo Maria Prudência, uma linda cabocla que me serve sem quizila, me cobre de carinhos, fico completo. Depois quando dá a vontade de novo, selo Veadinho e se às vezes estou na labuta dos bichos e não posso sair, tanjo Veadinho para ele bater na casa de Maria. Ela volta montada nele, desapeia e me enche de amor. Assim tenho vivido nesse mundéu. Debaixo dos olhos de Deus, não há ninguém, só a lei, Zenóbio, agora, e os meus bichos do grotão, lambrecando, bufando, espojando, e eu correndo nas Campinas em cima de meu cavalo, espanando água nos córregos, soltando fogo nos lajedos e o casco afundando no areal. Veadinho era cria de uma égua de Orlando da Casa Nova, que foi prefeito de Ichu. Chegou potrinho, amansei, tratei com jeito e não judio dele. Se está manco, boto de quarentena, não o maltrato, nem monto.

Zenóbio transmutou-se. Ficou uma banda de minuto com o olhar teso, fitando-me. Depois disse:

- Encantados existem para ajudar o homem, nunca para apoquentá-lo. Edvaldo Galo Teso tinha como encantado o pavão. E saio de seu rancho, pela rodovia, a passear. Ele sabia que jamais poderia estar atrelado ao progresso. Mas tudo foi em vão. Galo Teso queria conhecer a cidade grande, ver a cara da carestia. Passou a viver encarfurnado numa jaula de um empório veterinário, nas Sete Portas. Tinha sido capturado. Certa manhã, Galo Teso transmutou-se dentro da jaula. E quem estava em volta não entendeu nada ao ver aquele homenzarrão preso. Daqui que Edvaldo se explicasse, era conversa que nem jornal publicava. Quem se alia aos encantados deve tomar precaução.

Zenóbio do Amor Divino falava e seu semblante tornava-se sereno. Fiquei a observar aquele velho malhado, cheio de treita, querendo me confundir com seu estranho poder. Chamo-me Saturnino e durante trinta e três anos fui vaqueiro de um fazendeiro de Santa Bárbara. Após sua morte, a família dele esparramou tudo. Vendeu a fazenda e me deixou no tempo, sem uma capa de sela para eu poder montar em meu cavalo. Meus pais morreram na seca de 1960. Em meu próprio rancho, enterrei-os dentro do leito do Riacho Sacraíú. Botei umas lajes grandes e meu povo continua lá, nas areias profundas daquele córrego.

Zenóbio me observava com o olhar de carneiro. Eu indaguei:

- Porque tanto me olha, homem de Deus? Se eu não pedi para estar aqui.

O caboclo então falou com um dos semicerrando e vesgo:

- É medo.

Eu então rebati:

- Engraçado, quem deveria estar com medo era eu, e não você. Olhe o estado em que me encontro...

Mostrei minhas vestes. Eu estava apenas com uma calça de gabardine e nu da cintura para cima.

Com seu olhar absorto, inquiriu-me e eu tornei a lhe indagar:

- Seu Zenóbio, de onde vosmecê veio?

Ele então saiu do seu transe, bateu os olhos, desfez a careta e falou:

- Meu povo eu não ceguei a conhecer. Fui criado por uma preta velha de nome Brillantina Glostora de Oliveira, que me achou abandonado nos caminhos do Caldeirão dos Negros. Eu tinha apenas seis meses de vida. Fiquei em sua companhia até ficar molecote. Depois ela me levou para Tocós e lá passei a morar com Dr. Gildásio Oliveira Souza (Gigante), que tem uma banca de advogado e é o mais querido dos bacharéis em todo Vale do Jacuípe. Um dia, o doutor me chamou, me deu um dinheiro e eu comprei este naco de terra que vosmecê está pisando. Não trabalho de responso nem sou mandingueiro. Vivo de meu suor e do que planto. Tenho apenas uma vaca parida e um mamote, e um galo para me acordar, como se riqueza valesse alguma coisa nesse mundo de meu Deus.

Zenóbio levantou-se, foi até a sala e voltou com um rádio de pilha.

- Ligue o rádio.

Fechei os olhos e dei por mim. Estava sentado dentro de meu ranço, em minha cama de vara. Isso se passou naquela tardezinha de segunda-feira, nos meados de abril, dia vinte e nove, aniversário de Nete e Vãinha.

## LORETA DO OLHAR

*Tantas vezes tenho sentido a morte roçar  
Sobre meus ombros com seu carrilhão de plumas  
Eriçadas como a cauda de um réptil venenoso*  
Jose Alcides Pinto, in “Antologia Poética”

**Para Maria Clésia, Maria  
José, Rosângela, Maria  
Clara, Neide e Bolotinha.**

Silenciosa, a madrugada rompia num ponto em que não se escutava qualquer canto de galo, ao mesmo tempo em que Margarida Maria de Alacoque jazia inerte em seu humilde esquife. Na antevéspera de zombaria de seu Gólgota, agasalhou com meias os pés de seu marido Dídimo, depois se encaminhou até o quintal para estender suas roupas molhadas, retornou ao quarto com o terço em punho para evitar surpresas na passagem e, em seu leito, concentrou-se na leitura da bíblia; quando a morte a encontrou obediente como fiel devota pôs-se aí a cochilar seu sono eterno.

O semblante de minha tia no caixão expressava um sentimento de sonhos com paisagens distantes. Suas unhas no decorrer daquele velório tornaram-se azuladas. No açoite das horas, as flores, cobrindo o corpo da morta, murchavam. Sobre um banco, um crucifixo, encarnado na rigidez de formas, velava também pela morta. Na sala, duas corbélias brancas de cravo expostas estavam ao lado do caixão. Havia um silêncio incomodativo e uma angústia estampada nos rostos que pairavam no ar. A falta de assunto e a morta a assistirem à monocórdia daquelas horas baças pareciam uma eternidade.

Minha velha tia Margarida viveu como reclusa em seu próprio monastério, em companhia do velho professor Dídimo, em busca de sua própria purificação. Passou pela vida semelhante a São João, o Anão, o Anacoreta de Cete, no deserto de sua penitência, a domar os anos no debulhar de seu rosário doloroso em sua fragmentação feminina. Perpassava por sua alma pecadora a angústia dos degredados filhos de Eva, buscado em Maria a expiação de sua culpa. De seus lábios, porém, jamais uma blasfêmia, um disse-me-disse, somente frases de temor diante de Deus. O nome do maldito, expulso dos céus pelo príncipe das milícias celestes jamais habitou seus lábios de benditos e ladainhas. Assim, como S. João, o anão, o Anacoreta de Cete, no Egito, que plantou no deserto seu cajado e pacientemente se dirigia a cada manhã, no alto de seus oitenta anos, a seu genuflexório para orar diante do Santíssimo no colonial Convento da Soledade, buscando Deus para seu coração fraquejado de Dormonid e Anafranil. Avesa ao mundo, vivia para suas orações e cânticos e nada a seduzia na profanação do cotidiano.

Naquela madrugada, nem choros nem lamentos se ouviam das cinco filhas que ela deixou e que receberam a presença da morte em seus domínios com sapiência; era o caminho de quem trafegava um dia pela terra. O marido, a cochilar no quarto ao lado, revirava-se de um lado para o outro da cama, estranhando aquela ausência em seu leito.

Naquela sentinela havia, sim, chá de melissa para que todos pudessem suportar aquela quadra de perda. Tia Aurinha, contudo, rezava seu terço contrita, balbuciando seus cinco mistérios para que a irmã pudesse encontrar com seu povo bom e cristão. Decerto, seus outros irmãos estariam a confortá-la na moradia eterna: Ioiô daria nela um abraço, Godô perguntaria pelos filhos, Lazinho se queixaria da solidão, o pai, Asclepíades, a acolheria com sua costumeira devoção a nosso Senhor Jesus Cristo e Judite Figuerêdo, sua mãe, a ensinaria a entoar um bendito a Nossa Senhora das Candeias.

A manhã nascia silenciosa e sem alardes, o esquife seguia para o jazigo da família, sem atrapalhar o trânsito, uma filha enxugava uma lágrima e o motorista sisudo conduzia o féretro.

## NO MOFO DA MEMÓRIA

**Para Netinha,  
Minha flor.**

O cheiro da casca da laranja-lima lembra sempre Painho, pois vejo-o sempre sentado no alpendre de nossa casa, com os cotovelos apoiados na mesa azul e retangular da varanda, de calça de brim cáqui com o cinto arrojado acima da cintura, quase no plexo, a camisa de tricolina branca de mangas arregaçadas deixando à mostra os braços cabeludos, o nariz semelhante ao de um árabe.

Aquelas tardes, com galos diafônicos cantando no Calumbi, tinham o ritmo entrecortado pelo barulho do trem que vinha das Grotas em direção à Bahia. A melodia das composições rangendo nos trilhos e dormentes e o silvo esdrúxulo acionado pelo gordo maquinista cortando a solidão das Serras de Santa Luzia povoaram minha quadra de menino.

Meu pai gostava muito de laranja-lima, sobretudo daquelas trazidas da Serra do Adro, onde São Gonçalo do Amarante exercia o ofício de padroeiro, e Padre Severo, no passado, fez de lá seu Estado Absolutista. Meu pai vivia a decifrar sinais, signos e charadas no tempo azul e sem nuvens. Quando a velhice o alcançou, chorava a troco de nada, reclamando de que estava na fila para se encontrar com Deus. Temia a presença do Divino. Soluçava como uma criança que perdera o colo farto da mãezinha. Contudo, quando a noite trazia seu manto de estrelas, ele se dirigia com ar responsável até sua venda para conferir se a porta do estabelecimento estava devidamente trancada e se o cadeado estava passado.

Lembro-me dele segurando uma petromax com a mão direita, sumindo no breu da

Praça dos Vaqueiros, aquela enorme silhueta envolta numa auréola de mariposas a se debandar na direção do Beco de Janjão. Em casa, meu coração de menina, sobressaltado, aguardava-o ansiosamente durante aquela penitência noturna.

A venda de meu pai se assemelhava a um empório do Marrocos. Era composta de um extenso balcão de madeira, ensebado, tatuado com contas e cálculos matemáticos incalculáveis que ele mesmo fazia utilizando uma faquinha de dois tostões. Num extremo, uma balança Filisola, de cor dourada, com pesos de chumbo colocados ao lado, numa linda caixinha de madeira.

Na posição oposta à porta de entrada, uma ia de marmorito encardida e dezenas de garrafas de cachaça em infusão que ele próprio preparava lá em casa, sentado no batente do quintal enquanto ficava a reclamar da Lelé, porque o volume do som de seu cabaré o estava incomodando muito. Por trás do balcão, algumas caixas de madeira que ele comprava na Saboaria Bonfim, de seu irmão Porfírio Santana.

Em sua venda não havia ratoeiras, porém sempre se encontrava deitada num canto uma gata angorá, de rabo grosso, que ele tratava com zelo, para exterminar os endemoniados camundongos. Contudo, a venda de meu pai cheirava a coisas velhas, fazendo-me lembrar o cheiro das sacristias com navetas de prata e incensos de fim de cerimônia exalando pelo ar.

Aquele território era freqüentado pelos catingueiros da Varginha, Pedra do Dórea, Piau, Ponta Baixa e pelas prostitutas do Mate. E sempre aos sábados, dia da feira, surgia um senhor de noventa centímetros de altura que meu pai colocava à força em cima do alto balcão. Também surgia duas raparigas que chegavam pela manhã, faceiras, ruge na face, vestidas com o mesmo modelo de gorgorão, emprestando à paisagem um colorido leotriano. Distinguiam-se também dois catingueiros que arrumavam seus bocapius de volta para seus redutos. Por baixo, colocavam açúcar, café, arroz, sal, e por cima, meia libra de sabão massa e um pacote de fósforo. À parte, numa capanguinha trançada de palha de pindoba, um litro de querosene. Meu pai sempre foi um homem da vila, jamais quis alcançar as cidades com sua fúria de desperdício.

Quando a doença o atingiu, ele já estava combalido. Seus banhos nos barreiros, ipueiras, cacimbas e açudes dos sertões de Monte Santo o impregnaram de “shistosoma mansoni”, frechando o fígado e o baço, deixando-o com surtos de loucura. Eu, que o queria

vigoroso, protegendo nossa casa, já o encontrei recolhido, em coma, instalado no quarto onde eu dormia, preso a uma mangueira e a uma agulha de soro que tentavam reanimá-lo para a vida. Eu, que desesperadamente buscava aquele homem bem humorado e glutão, só ouvia sua súplica em balbúcio, cortando meu coração: “água, água, água”.

Foi assim, numa madrugada de desassossego, que minha mãe me noticiou ao telefone: “minha filha, seu pai acabou de falecer. Foi embora como um passarinho, nem deu tempo de vela-lo. Morreu dormindo”.

Depois, veio à cerimônia do sepultamento e, naquela manhã de feira, quando eu me dirigi à cozinha para beber água, encontrei numa cordinha fina de sisal cascas secas de laranja-lima que ele guardava para fazer chá. Meu pai foi assim, indo, vindo, ficando, voltando, até desencantar-se.

## ARRAIAL DE TOCÓS

**Para Leandro de Seu Dão,  
Pipi de Deca,  
Biriba de Seu Dudu,  
Bonfim de Zuza,  
Hugo Gordiano,  
Zilbram de Seu Di.**

Quando os galos de Zefa moringa acordavam, Zidorino Badalo iniciava a primeira passada nos velhos degraus de taipoca que davam acesso à torre, olhava o horizonte, benzia-se, sacudia o badalo e com seu toque aquela gente ficava sabendo se tocós amanhecera em ordem ou se Badalo morava na pequena igreja do arruado e cheirava a velas, palmas-de-santa-rita, incensos e vidas dos outros. Sexagenário de mãos calombadas pela corda fina do carrilhão, eternizava-se a cada crepúsculo. Do alto de sua torre observava o chegar de desconhecidos pela única via de acesso, um caminho esburacado no poente, que se alargava com o tempo da criação miúda. Por ali notava-se a invasão de ciganos com suas roupas coloridas que, de longe, denunciavam sua presença. De seu estado, não só acordava pela chapada, mas vigiava suas quinze casas mal-acabadas, sem caiação, escoradas umas nas outras, como que pedindo clemência ao tempo para não desabarem.

Britanicamente, como fazia há muitos outonos, Elesbão era o primeiro a cruzar a praça com seu semblante carregado, mãos no bolso e um palito num canto da boca. O enorme fardo de peles que teria de enviar para Massacará, por sua tropa, deixava-o a cada dia mais preocupado. Os saques da quadrilha de Lucas de Feira de Sant'Anna

intensificavam-se a cada instante. Abriu o trapiche, varreu com repulsão alguns barbeiros e apalpou o próprio peito. O coração crescia a cada amanhecer. Sua atenção se desviou para o som de um objeto que estivesse sendo arrastado pelo chão; o cego estava a caminho. Trazia alguns couros para negociar. De grande porte, uma sandália de rabicho, enormes cicatrizes de jurema pela face, transpôs o portal, sorrindo, depositou o pesado fardo na mesa de pé-de-galo.

- Adeus, Elesbão!

O comerciante com os olhos vidrados no colorido do fardo, resmungou:

- Bom dia!

O caçador bateu nas trevas o porrete que conduzia e debulhou seu rosário:

- Foi a quadra mais difícil de romper. Peguei o rastro de uma cascavel e quando dei por conta estava derrotado. Desembainhei o facão e senti a presa no calcanhar. A perna doente, ficou difícil de andar. Conte os nós, uma velhaca. O veneno subindo. Desbandarei pela vereda com o peso, e nada do juízo clarear. A boca seca. O besouro zunindo. Treinei em abandonar as peles, mas achei uma covardia me deixar vencer por uma cobra. Meus pés, parecia que estavam em uma coivara. O corredor não acabava. Umag agonia pelo corpo, o estômago embrulhado, dei para me coçar.

O comerciante não demonstrava nenhuma avidez pelo relato do cego. Desarrumava o embrulho sem lhe dar atenção.

- Eu vi o mundo rodar, prosseguia o cego. Variado e com a cabeça zonzada, pisei numa arataca que eu mesmo tinha armado. Quase perco os dedos.

Impaciente com a mesmice, Elesbão interrompeu:

- Encomendaram uma jaguatirica e vejo, entre tantas imprestáveis, uma especial.

O cego, tomado pelo elogio, detalhou:

- Toda vez que Turquesa acuava, essa bicha se pabulava. Há tempos que não encontro deste tipo no mato. Está rareando. Os bichos estão se escondendo, aprendendo a ciência da pólvora, bufando antes do tiro, mudando de lugar. Se prepare para daqui a uns dias ter que fechar as portas de seu armazém.

O comerciante, revoltado com a revelação, redargüiu:

- E você passará fome e a comer as próprias vísceras. E esse bando de homens que sustento vai comer merda.

Da igreja, Zidorinho anunciava pelo repicar do sino que uma mulher necessitava de socorro.

- Vá, cego, mostre suas prendas. O dia está para você.

Salustiano fez e conta que não ouvia o chamado. Abriu o bocapiu que carregava como troféu e arremessou aos pés do patrão a enorme serpente. O comerciante assustado com a brincadeira disparou:

- Enrodilhe essa pinóia e trate de dar um fim.

Com o porrete açoitou a cobra para um canto do armazém. Pegou o papel pardo como recibo do negócio e seguiu feito um camaleão, dançando para socorrer a mulher.

- Te nestante, meu amo.

Elesbão, rangendo os dentes de raiva, fez de conta que nada ouviu. O cego transpôs o portal com pesadas passadas. Conhecia cada morada daquele ermo pelo declive de cada passeio. Sabia, saindo do armazém, que logo após estava o velho jacarandá que o patriarca plantou de alumínio no canto do pote e São Bento velando o astral. Numa cama a menina, com aspecto u quando descobriu aquelas terras. Lá do alto, Zidorinho, atento ao balé do cego, gritou:

- Por que você não carrega um guia, Salustiano?

O cego estirou o pescoço para o alto, suspendeu as sobrancelhas, reagiu:

- Quem gosta de samba de treita, carrega viola no saco. Quem quer adjutório?

Zidorino se afastou do parapeito e apontou como se Salustiano enxergasse seu gesto.

- É ali na casa de Anita.

Arrastou-se pela praça jogando o aió de lado, atraído pelos gritos da parturiente. A casa de chão batido, alguns registros de santos pela parede, um banco servindo de estrado, um caneco de alumínio no pote, uma menina com aspecto de mulher envelhecida antes do tempo, contorcia-se de dor.

- Louvado seja Deus!

O negro pediu uma bacia de água morna com alfazema e mandou que as mulheres falassem baixo. Lá fora, um carrega-madeira enfeitava o tempo. Em pleno ar, como descobria uma jandaia em suas caçadas, após longas horas, puxou a criança. Andou até a sala e aliviou:

- Mais uma virgem para Tocós.

Prescreveu o resguardo e seguiu em direção ao armazém. Sentia o corpo cada vez mais pesado. Não chegou a cruzar toda a praça. E, em frente ao Estado de Zidorinho Badalo, tombou morto. A cascavel o dominara. Do alto da torre, o sentinela tocava o sino em sinal de socorro e Tocós seguia seu ritmo, parodiando o Eclesiástico.

## A PALIDEZ DA COVARDIA

- **P**elo amor de Deus, não me mate! Gritou.

Ele via que a inutilidade daquele gesto abrupto o tiraria desse mundo. Eu tentava, aos prantos, covardemente, sem ter o sentimento dos heróis, sair daquela sinuca de bico. Estava diante do matador. O revólver em punho, engatilhado. No semblante do miserável havia um leve olhar de desprezo. O brilho do cabo de madre-pérola do trinta e oito, cano curto, reforçado, refletia-se dentro de sua mão pequena. A morte se avizinhava. O matador mantinha os olhos baixos como que desdenhando seu fim. A situação da desgraça estava próspera. Não queria morrer. Tinha muitos sonhos inalcançáveis e uma demanda de projetos irrealizáveis que ainda tentava colocar nos trilhos.

Os covardes estão sempre a pedir clemência e a ter compaixão. Na algaravia silenciosa do pânico, foi pouco avolumando-se dentro dele a covardia.

O matador trazia o bigode arqueado, típico dessa gente que aos domingos se lambuza de feijoada e cerveja, com pleno direito a um pé de porco, costelinha e calabresa, dessas vagabundas, que se compram nesses armazéns de bairro e ficam expostas numa pedra cinzenta cheia de salpreso e salmora, dentro dum vasilhame plástico sujo, entupido de moscas. Portava, cinicamente, no canto esquerdo da boca um herpes que se notava quando ele apertava o palito já gasto, no canino, com doçura e cuspe. Os coturnos lustrados como se estivessem a desfilar numa parada militar em comemoração do Dia da Independência, aquele cáqui de sua vestimenta avizinhava, repito, a morte. Mal respirava, mantinha um pulmão em estado de choque e o outro em estado de estupor. Caminhava para a quadra natalina e pelo som que vinha de um magazine da Baixa de Sapateiros podia ouvir

os acordes de “Jingle Bells”.

A coragem e covardia caminham com mãos entrecruzadas, mas ambas trafegam na contramão. Para um canalha, basta uma bala no peito esquerdo entre a aorta e o ventrículo. Ele sabia que quando tomava emprestado a um semelhante da turma a cara infame e falsa titubeava diante da verdade. Ambos eram mentirosos e o outro, cínico diante do cadafalso. Beiravam os cinqüenta anos e os cabelos brancos despontavam nas têmporas. Traziam algo de cafajeste, meio “bang-bang” italiano com música de fundo Ennio Morricone, tendo Clint Eastwood no papel principal – ambos pareciam personagens da película “Per Qualche Dollaro In Piú”. O matador, porém, tinha os lábios grossos, desses tipos que adoram chupar xota de puta pelos bregas da Ladeira da Montanha. Já tinha visitado o inferno algumas vezes, quando a revolta se instalou dentro dele. Agora trazia, porém, apenas a boca seca de medo e a saliva amarga dos dias: turbulências adiadas, compromissos escusos, cerimônias encomendadas. Para que servia um homem naquele dia? Um homem se mede pela sua inutilidade diante do mundo? Indignava-se. Numa época em que o caráter caminhava ao largo, na costa mais distante da Bahia, parecia um acerto de contas, algo como a cobrança de uma dívida antiga, mas, acredita-se que o cara não era um velhaco. Nota-se que um fio tênue de suor escorria pelo pau do nariz.

Era verão e o sol castigava a paisagem impiedosamente, aquele calor insuportável, das duas horas à tarde, apesar do horário de verão. Refletia-se o brilho da arma naquela tarde. Havia somente uma bala na agulha. E ele não poderia perde-la. Ninguém tomava conhecimento da cena. Pouca gente se importava se fulano iria morrer ou se beltrano sairia baleado. Aquele povo estava preocupado em vender suas bugigangas do Paraguai e, pelo menos, chegar à noite em casa com uns trocados para matar a fome dos filhos e da mulher infiel. Mais um, menos um, numa cidade miserável, que se ia sem se despedir da mãe, numa pseudocidade grande, não importava naquele momento. A cidade estava, sim, inchada de maltrapilhos, mendigos e bêbados.

Parecia uma Babel provinciana com direito a pacotes turísticos numa escuna de excursão pela Baía de Todos os Santos, onde o sujeito cagava num jornal e jogava os excrementos ao mar. O azeite fervilhava na bacia da baiana e alguns acarajés estavam sendo fritos naquela esquina. Havia, sim, uma garrafa de cachaça, farofa e um galo morto no cruzamento. O jaquetão azul do segurança de uma casa comercial próxima, onde se

vendia “michelin”, distinguia-se também naquela paisagem. O matador era desses tipos bombados, erigidos em academias; peso, supino, anabolizantes e inúmeras vitaminas moldaram seu físico descomunal. A costeleta grande demonstrava que a caspa também o atingia; tinha pele oleosa e a seborréia tomava conta de sua vasta cabeleira sem corte. Tatuagens de dragões se incrustavam em seus bíceps. Só gostava de ler as páginas policiais dos jornais, após rezar o pai-nosso, dormir sonhando com a próxima vítima. Era um tipo xibunguinho. Notava-se a subaqueira crescendo debaixo da camisa. O assassino estava carregado de propósitos e o outro, diante do cano do revólver, trazia seus medos. Se derrubasse aquele canalha, marcaria na parede de seu esconderijo seu intento. Na contabilidade do assassino só débito, não há crédito. Era um sujeito solitário na demasia de seu deserto de chacais. Chupava até um dente queiro já cariado pela péssima escovação. Um homem diante de outro homem, no embate, realizando uma partida de xadrez imaginária. O que despenca, se cristão for, recebe uma cruz sobre o túmulo, lembrando o holocausto e deixando que o tempo apodreça sua carne. Cristas ensangüentadas na anteaurota, o esporão fino e cortante como certo projétil acomodando-se dentro do tambor.

Nada mais justo para quem pede clemência do que ter direito ao perdão. Os covardes se conhecem pelo andar. Mesmo que trafeguem com o peito erguido feito pombos, os covardes temem o instante seguinte. A derrota iminente diante da cilada do destino põe-os face a face com a morte. O futuro para quem perambula na terra não poupa malditos, faça-os quando a palidez da covardia começa a invadir sua alma. De um lado havia crimes, pecados e arrependimentos. De outro, a morte feliz diante de uma arma. Viver não era nada de novo, preconizava, e também nada de novo era morrer. Mas tombar como inocente naquela cilada não apaziguava seu espírito. Diante do olhar do assassino não se titubeia nem se pede acordo. Mesmo que ele traga um silenciador acoplado à arma.

Um homem não se mede pelo olhar. Mesmo que descortine montanhas e vales imaginários, em sua lembrança há sempre a morte rondando em seus passos. O caráter de um assassino está embotado e repleto de recalques. Foi o beijo que a mãe nunca lhe ofertou, foi o abraço carinhoso de um pai que nunca pudera desfrutar. Os desgraçados traçam em silêncio sua sede de caos. Plenipotenciários, senhores de si, deuses de seus destinos, bifurcam sempre no espelho de Narciso, para beijar sua face de crueldade. O homem não

foi feito para a morte. Covardes são matilhas de cães selvagens, todos mofinos, de rabo baixo entre as pernas, a correr assustados de alcatéias de lobos. Mirava o cano e o estampido ainda conseguia ouvir. O tiro certo cravou-se na testa, fez descer o sangue pelos olhos e pelo nariz. Um pivete, único curioso, disse tê-lo ouvido gritar:

- Filha da pu...

O assassino deu meia-volta, colocou a arma na cintura e seguiu apressadamente entre os transeuntes. O outro, tombado, imerso numa poça de sangue, jazia inerte naquela esquina. Ninguém o socorreu, ninguém se assustou. A cidade continuava em seu ritmo, ausente.

## BREVE MEMÓRIA DE UM GIGOLÔ

**Para Dom Jorge Carvalho**

Confesso que me sinto um pouco constrangido quando algumas madames adentram o salão e me olham como um inútil. Solange, minha mulher, me acorda as seis da manhã com seu bafo azedo de cerveja, o cabelo parecendo um panavuê, o rímel misturado com a remela dos olhos, as olheiras de coruja e apesar de ser aquela escultura gêmea da Vênus, a cada dia despenca diante de meus olhos.

Quando nos casamos na década de setenta, Solange tinha sido Rainha do Milho em sua terra, a distante Andaraí das Lavras Diamantinas. Era um pedaço de mau caminho. Rodou Lençóis, Palmeiras, Itaberaba, buscando votos com seu livro de ouro. Era daquele tipo de mulher que fechava a avenida Sete de Setembro com seu andar tentador. O imenso rabo dentro da calça “saint tropez” desenhava uma perdição. Assobios e cantadas sempre ouvia nas avenidas dessa vida. E aos poucos, nesses anos de guerra, fui-me acostumando com a sua silhueta barroca, mais parecida com uma tela de Rubens. Conheci-a na Mesbla, trabalhando como demonstradora de uma linha de cosméticos. À primeira vista, foi uma paixão que durou uma década, entre velhos motéis do Largo Dois de Julho, batida de limão no Diolino, noitadas na Lagoa do Abaeté. Quando dei por mim, já estava casado, de papel passado. Ganhava o suficiente para bancar as vontades extravagantes dessa “titirane”.

Fui posto pra fora da companhia de seguros. Há vinte anos me acho desempregado. Ocupo meu tempo fazendo bico, consertando a porta do salão, vendo a parte hidráulica, sendo menino de mandado, pegando fila, pagando as contas da megera.

Domingo à tarde Solange descamba a assistir programas de televisão. Eu me mando

para a Federação para bater o meu baba. Ele se reta, diz que eu a estou traindo. Mas quem pode suportar Solange de segunda a segunda no calcanhar? Eu volto da Federação “cheio dos pau”. Tem semanas que os amigos me trazem. Eu mal consigo ler o letreiro do ônibus. Solange fica puta da vida. Diz que “segunda é dia de branco” e que eu estou me estragando, “gastando a vida num dia”. Ela é insaciável, todo dia quer ferro. No dia em que eu brocho, ela me chama de “inadimplente”. No ano passado, tive um caso com uma cliente dela, uma coroa de nome Anamim, que tinha um tufão nos quadris. Quase que ele desconfiou. Quando vi que a coisa ia pegar, saí da encrenca. Se ela me der um pé na bunda, aonde é que eu vou parar? O apartamento que moramos na Paralela é financiado pela Caixa, Solange só vai terminar de pagá-lo quando ela morrer; a cada ano me dirijo para as Mercês: o saldo devedor está maior que a soma que Solange já pagou nesse tempo todo.

Meu fraco é uma rabada, um mocotó, uma moqueca de arraia. No tempo em que Sandoval se mudou para a Pituba, eu não saía de lá. Passava a noite toda dançando. Mas hoje em dia, fico de quarentena, esperando um convite de alguma amiga de Solange para um casamento ou formatura. No fim da festa, ela pega um guardanapo, enche de salgadinhos para o nosso café da manhã. Eu nem me importo, estou preocupado é com a minha barriga, quem quiser que se dane.

## ALMANAQUE FONTOURA

**Em memória de Painho,  
Tio Sinhô e Tote da Quixabeira.**

A casa tinha quatro janelas coloniais de almofadas, a pesada porta principal talhada em cedro, à fachada pintada num tom de verde-musgo com detalhes em ocre, imponente no meio da praça, era a residência das Moças da Gerema, aquele pequeno bangalô sertanejo em que qualquer viajante que chegasse intuiria que ali morava gente de posses. Ficava na rua Argemiro Guimarães, próximo ao Clube Euterpe Jacuipense, e dividindo parede-meia de um lado com Roque Fiscal, exator do estado e do outro com José Aloir Carneiro de Araújo, ex-alcaide da terra. De sua sala de estar se avistava o cofre do dízimo, e os primeiros bancos para genuflexão, da bela matriz que os jacuipenses ergueram em 1890, para louvar Nossa Senhora da Conceição do Riachão, Mãe de Nosso Salvador, Jesus Cristo.

Dentro da casa o cheiro de goiaba e de compotas exalava no ar, e também um cheiro bom de feijão de corda com toucinho cozinhando no imenso fogão de lenha chamava a atenção pelo barulho da panela, o chilrear semelhante a um passarinho, quando a comida tinha personalidade própria. A casa, quando o sujeito entrava, parecia um mosteiro beneditino, o silêncio pontuado por um cântico ao longe de um bem-te-vi dava a senha da paz. Aquela bonança só encontrada nos conventos e nas bibliotecas. O piso em toda ele era de lajota fabricada no sertão. Aquelas paredes altas e o pé de direito parecendo querer chegar nas nuvens. Existiam muitos quartos e em cada um deles uma irmã ali fazia seu ninho. Um imenso corredor que levava à sala e nela uma cristaleira com vidros bisotados com aparelhos de janta, travessas, terrinas, pratos de louça inglesa e xicrinha de pele de ovo

com motivos orientais encantavam os olhos, a imensa mesa de jacarandá torneada era arrodada por seis cadeiras de espaldar, e sobre a mesa um caminho de linho bordado em ponto de cruz com os dias da semana.

Na casa das Moças de Gerema também havia o quarto dos Santos que ficava ao lado da sala de estar, um grande oratório com um crucifixo de marfim, um Deus menino no Monte e uma bela imagem barroca de Nossa Senhora da Conceição que era adornada por três anjinhos a seus pés embelezava aquele nicho. Pelas paredes, vários registros de santo e entre eles se destacavam pelo tamanho as imagens impressas de São Jorge, São Sebastião e São Jerônimo. O cheiro do quarto dos santos era peculiar, parecia cheiro de sacristia de velhas igrejas, pois o perfume do incenso de mirra exalava no ar. Ao deparar-se com a imensa mesa de madeira da sala, via-se o quintal repleto de pedras em forma de seixos que servia de coradouro. Três grandes pés de araçá ensombreava aquela paisagem. No portal dos fundos da casa, ficava o quart dos arreios. Em forquilhas dependuradas nos caibros desciam quatro selas de banda com estribos de prata. Eram selas de montaria fabricadas na cidade por Agenor Seleiro, um dos mais competentes artífices daquela profissão, na região do Vale do Jacuípe. Uma dorna no canto da parede e um tanque de cimento completavam a geografia daquele bucólico cenário.

Eram quatro irmãs imersas na solidão daquela imensa casa. Eulália tomava conta das finanças da família. Administrava de longe a fazenda Poço Preto, em Pé de Serra. Aos sábados acorria ao Riachão o vaqueiro Aurélio Bode para receber o soldo da semana e trazer as novidades: eram litros de leite bom de vaca agasalhado dentro de um carote de alumínio; ovos de galinha da terra, cambucá ou folha-larga se estivesse na época; umbu; algum teiú ou mocó no moqué; e a notícia de alguma rês ou criação que tivesse dado cria.

O velho Aurélio, de tez esturricada pelo sol, parecia um desses índios mexicanos, de fala mansa e arrastada, tratava Eulália de "Minha Senhorazinha". Fora vaqueiro do pai, o velho Isidoro Joaquim dos Santos, o coronel mais rico de que se ouviu falar pelas terras do Pé de Serra, que vivera entonado num terno de linho, dirigindo o jeep e um parabélum amarelo na cintura, era o homem respeitado daquelas bandas. Tinha mais afilhados que estrelas no céu. Em época de eleição escolhia o prefeito da joça. Um chapuzão panamá na cabeça e um lenço azul à mostra no bolso do paletó, era a estampa daquelas bandas.

Sentada à mesa da sala com um par de óculos, de aro de ouro, Eulália tinha à frente

um masso de papel de embrulho pardo no qual fazia anotações das finanças da família. E embaixo de cada página, escrevia um verso de Santa Tereza D'Ávila, a santa de sua devoção, ao término de cada operação aritmética.

Parecia que aquele paraíso não se desmoronaria com o açoitamento do tempo a cada crepúsculo. Parecia incólume entre as décadas que vinham trazendo a carestia, botando o povo mais pobre e as Moças da Gerema continuando com o grande cabedal. Em sua casa continuava tudo na ordem, sem nenhuma besuntaria.

Do outro lado da praça estava a rua Alexandre Carneiro de Figueiredo, negociante de peles da cidade, da família tradicional que fundara aquele ermo e dava nome àquela via pública. E ali numa casa pintada de amarelo-ouro, a cor de Nossa Senhora das Candeias, havia a venda das Moças da Gerema e quem tomava conta era um sujeito alto, de dois metros e noventa centímetros que atendia pelo nome de Né. Naquele pequeno armazém se vendia sabão em barra, querosene, pavio de candeeiro, fósforo, carne de sertão, formicida para matar rato, cachaça, açúcar e farinha. O balcão ensebado de lodo era marcado por contas aritméticas que o próprio Né fazia dos clientes. Da janela da casa das Moças da Gerema elas avistavam o entra-e-sai dos fregueses no empório. Ao cair da noite, Eulália se dirigia de vestido azul marinho para recolher o vil metal e saber dos fiados. Né tocava o negócio como um sacerdote, leal a seu senhor.

As madrugadas rompiam e os galos acordavam todos debaixo do seu canto rouco. Numa dessas madrugadas quando um galo cantou fora de hora, Maria dos Prazeres, a irmã mais velha, amanhecera aluada. Quando não há amor e ele não encharca o solo do coração ressequido de paixões, a pessoa enlouquece. Maria dos Prazeres somente se apaixonara pela paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e na época da quaresma se vestia de luto para glorificar o sangue do cordeiro derramado no cruzeiro do Gólgota. Vivera durante sessenta anos na fazenda Poço Preto, ao lado do pai, e quando o velho Isidoro Joaquim dos Santos se mandara para a morada definitiva, Maria dos Prazeres Santos passou a viver ao lado das outras três irmãs, na cidade, perto do progresso e da igreja.

Eulália, ao chamar todas com uma pequena sineta que ficava no alto da cumeeira observou que o aposento de Maria permanecia de portas fechadas. Todas se entreolharam. E daquela manhã viriam as mais amargas quadras que elas já atravessaram nessa vida. Maria dos Prazeres acordara em posição fetal, a gritar aos berros: “Mamãe, mamãe venha

me acudir!”. E as três irmãs em colegiado tentavam descobrir se Maria estava sentindo alguma dor. E logo a carretilha da fala desbandeirou até o cair da noite. Na cidade não havia um médico e quem enlouquecia era tratada com mezinha, orações e simpatias. E quando o mal se agravava, recorria à ajuda do sacerdote da paróquia para que promovesse a sessão do exorcismo.

Maria dos Prazeres temia a chegada de uma suçuarana em seus domínios. O pavor do animal lhe revirava a cabeça. E de fato desde criança que ela ouvira histórias marcadas pelo sangue dos bezerros que amanheciam degolados pelo felino, de quartos dianteiros de borregos que restavam esquecidos no oitão do curral naquela sanha enfurecida do animal. A onça de olhar esfaiscante no breu da noite esturrava perto de casa. O pai, o vaqueiro e os agregados, na vigília de trabucos na mão, para derrubar o terrível animal. Toda uma história de pavor foi, com o passar dos anos, no vergar do corpo, transformando-se numa paranóia. Para Maria dos Prazeres a suçuarana preta era a personificação do cão na terra. A rosnar, a bufar, a dilacerar almas inocentes.

Um cavalo foi arreado e nele seguiu Elesbão do Amargoso, portador da casa para os domínios da fazenda Poço Preto para que Aurélio Bode viesse socorrer a filha mais velha de Isidoro que amanhecera louca pela suçuarana preta. Na madrugada com a cor da noite tomando conta do mundo, desapeou Aurélio, de jaleco, perneira, luva, guarda-peito e chunço na mão para espantar o fantasma da onça preta. Batera com a mão meio sorumbático no portão dos fundos do quintal para guardar a montaria, saudou as três de olhares pânticos dentro da casa, àquelas horas sem dormir, e se encaminhou para o aposento de Maraf (assim ele a chamava) para tirar o espírito da suçuarana do corpo virgem. Com aquele sortilégio ele já estava acostumado a lidar. Foi assim com Lindinalva de Zinho da Venda, foi assim com Celeste de Di do Ouro. Todas acometidas do mesmo mal. A onça entrava porta adentro dos espíritos das moças e não as deixava em paz com a própria alma. Eram gritos semelhantes aos urros da onça, rugidos roucos semelhantes ao felino, e as mãos em posição de garra semelhante a uma pata. Quando ameaçava de dedo em riste riscar o rosto dos conhecidos, todos tremiam das unhas que ficavam marcadas por todo o corpo. A suçuarana preta se entronizava de uma forma que as moças andavam de quatro feito o animal. Na filha de Filhinho dos Barreiros a onça se chegara numa noite de lua nova para o dia. Num relance a pequena Dita virara uma verdadeira felina por dentro da casa. Já não

mais falava nada compreensível, o idioma era de grunhidos e berros. De anca baixa a balançar como se acoitasse a própria cauda imaginária de seu fantasma.

Todo mistério do cão se acaba sem oração. Bastou Aurélio adentrar o aposento de Maria dos Prazeres de maracá balançando no punho, de chumbo para o golpe, e chamar pelo sangue do cordeiro derramado, para que o semblante da moça velha fosse voltando a um estado de serenidade e os grunhidos desaparecessem. Nessa mesma noite, para que o encanto não voltasse, Aurélio apeou seu cavalo Viadim, na poeira de seu tropel, desapareceu no breu até os caminhos da Cutilada até bater no Pé de Serra antes que o astro rei levantasse no horizonte. Assim ia-se vivendo pela caatinga, pelo Vale do Jacuípe, pelos aceiros de macambiras da serra do Bugio.

Às três horas da tarde aparecia no bangalô das Geremas: Ioiô, o tabelião de notas da pequena comarca, velho amigo da família que para lá acorria trazendo as novidades do mundo. E na sala de visita, todos os cinco se sentavam na velha mobília forrada de cetim e boquiabertos escutavam o tabelião discorrer sobre a chegada do homem à lua. Maria, a mais incrédula das três, balançava a cabeça como que repreendendo a novidade. O bate papo decorria, descia ladeira abaixo e quando estava preste a acabar, Laia seguia para a cozinha e vinha com uma taça contendo requeijão com doce-de-leite para o convidado. Aquela cerimônia se instalava por uma vez por semana no casarão das Geremas.

Ioiô ao se sentar cruzava as pernas feito um francês, bem humorado, voz grave, sempre de paletó engomado e sapatos bem lustrados, trazia uma calvície qual era motivo de chacota. Vivia dependurado no dinheiro a juro que tomava a Eulália para pagar mediante promissória durante um ano. Era um bom pagador, gozava da amizade de todas as Moças da Gerema. Pagava um juro alto, mas na cidade, os únicos agiotas de plantão em que ele confiava e não botavam seu nome na rua eram elas. Agência bancária não existia e a mais próxima distava dezoito léguas num lombo de boa mula, era em feira de Santa Ana. Nem só o tabelião recorria ao dinheiro emprestado pelas moças, ali se via o chefe do IBGE, Florival Ferreira Carvalho, com seu porte nórdico parecendo estar numa parada militar.

Numa tarde quando os quintais das Geremas mermavam de romãs pelo chão, podia se observar Judite, a mais nova, com cerca de quarenta anos, nua, sentada debaixo dos pés de romãs do quintal, a saborear e fazer dos cachimbos da planta motivos de deslumbramento erótico. Ela trancava a porta que dava para os fundos e dizia a todas da

casa que iria fazer a colheita daquela tarde e que não a perturbasse por motivo algum.

Um dia sem quê nem pra quê, sem Folinha de Coração de Jesus indicando bom tempo para a colheita, Hercília, no meio da tarde gritou de seu aposento:

- Socorro, socorro! minhas irmãs, venham cá.

Todas as três em correria se encaminharam para o aposento da irmã, a botar ovos do tamanho do de uma perua. Logo as três em risinhos desavergonhados observavam a irmã caçula a botar meia dúzia de ovos, brilhantes e bonitos.

Aquele segredo foi selado naquela mesma tarde, pela irmã Eulália, para que aquele episódio não fosse conhecido por ninguém na cidade e nem mesmo o velho vigário, Dom Dário Di Ciesco, poderia de inteirar daquela esdrúxula situação. Daquele dia em diante os ovos de Hercília seriam chocados por uma verdadeira galinha para verem o que dali sairia. Do Poço Preto uma galinha choca foi requisitada para a empreitada. Chegou num dia de feira, aos sábados, pela mão de Aurélio Bode, a vistosa galinha pedrês, que de longe se ouvia o cacarejar. E naquele mesmo dia deitou-se o galináceo com os ovos de Hercília. Todo o dia Eulália botava de comer da pedrês após ir no aposento de Hercília buscar mais ovos para deitar. Foi formando aquele mundo de ovos que nem mesmo uma galinha daria conta do recado. E novamente do Poço Preto no outro dia da feira chegou mais uma galinha, dessa vez uma galinha de angola que tivera as asas cortadas para não poder voar. E com o passar dos dias naquela casa a única que produzia de verdade alguma coisa para a humanidade era Hercília com seus ovos. Eulália, como sempre, a sentar na cadeira imponente de espaldar, na cabeceira, diante de um calhamaço de papel pardo, a fazer contas da fortuna.

Num certo dia, quando o silêncio dentro da casa estava incomodativo, Maria dos Prazeres, deu a senha de que estava cega. Nada enxergava em volta, nem mais um vulto. O breu do olhar tinha tomado conta do mundo. Amanheceu nessa segunda-feira de novembro tateando para levantar da própria cama. Os pés estavam como que adormecidos de câibras. A geografia do espaço em que se encontrava ainda guardava na memória. Sabia que se levantasse em linha reta acharia a porta para o corredor, se andasse para a esquerda toparia em sua mesinha com seus pertences pessoais, e se voltasse para a direita encontraria o baú com as suas roupas e mais ao lado o guarda-vestido.

A impaciência tomou conta de Maria e a envolveu naquele torvelinho incomodativo

como se estivesse impregnada de algum medicamento antidepressivo. Ficou a zanzar pelo imenso corredor da porta da rua para o quintal, e quando as pernas já não suportavam tanta caminhada, sentava na cadeira da sala e ali cochilava por volta de três minutos, aquele cochilo incaico que não lhe deixava a sossego. Maria dos Prazeres passou a ser um fantasma dentro do monastério das Gerema, de saia longa e preta, um corpete também preto, e no peito um rosário de contas de jade tilintava em seu andar.

O que tanto a atormentava ela não revelava a ninguém. Só quando a onça tomou conta de si é que teve forças para gritar. Ficava Maria dos Prazeres com aqueles murmúrios interiores e a resmungar sempre: “Te desconjuro” a cada quadra de meia banda de minuto. Aquela cantilena miserável começou a impregnar a casa, a ponto de as irmãs a trancarem dentro do seu próprio aposento.

Maria dos Prazeres passou a viver reclusa. A medida fora tomada para protegê-la, já que ela estava também sujeita a acidental-se dentro do casarão. Eram quedas constantes que deixavam seu corpo coberto por marcas e arranhões como um flagelo de penitentes de Remanso em plena quaresma do Salvador do mundo. A chegada da cegueira não apaziguava a alma atormentada de remorsos. E por dentro da casa se ouvia:

- Ó gente vem cá me acudir!

Torno-se com o tempo à anormalidade da angústia de Maria, algo de corriqueiro dentro do casarão das Gerema. É que assim entediada com o breu de seu mundo de trevas passou a ter estranhas visões de casas alheias, então passou a ver o que se passava dentro do universo fechado de cada lar jacuipense.

A primeira visão que lhe chegou foi o que se passava na casa de Mário Santana, em que a esposa Jovita estava a fazer dentro da casa em volta dos filhos. A devotada genitora lia pausadamente a história bíblica de Jonas e a Baleia.

Maria dos Prazeres conseguia enxergar o bater dos lábios e o olhar terno daquela mãe para com os filhos. O vestido longo de anarruga azul, as sandálias macias de feltro e até os biscuits na mesa de centro ela de seu estado conseguia enxergar. Aquele bisbilhotamento do que se passava na casa alheia era um fenômeno involuntário, algo que lhe transportava para in loco testemunhar o cotidiano de cada lar. Porém, quando um dia voluntariamente ele quis ver o que se passava na casa de Alexandre Bispo, cujo patriarca atendia pelo nome de Alexandre Barbeiro, regente de um terno de música na periferia da

cidade, foi impedida de ali curiar. Alexandre, era de origem mulçumana, negro haussá e vivia próximo a seus deuses africanos. E nenhuma intrusa, por mais clarividente que fosse, conseguia adentrar o seu território. Maria dos Prazeres não percebeu que aquele dom da cegueira só a fazia vislumbrar as casas dos brancos, no território do povo negro jacuipense ela jamais conseguiria adentrar.

Numa tarde clara de sol a pino quando a Cordilheira do Espinhaço do Cavalo reluzia azul no horizonte do piemonte da Chapada Diamantina, surgia na estrada da cidade um bando colorido de gajões, cujo barulho e risadinhas denunciavam suas presenças ao longe. Eram três camionetas C-10 repletas de bugigangas e se abancaram na praça Joaquim Camiro. Logo se viu barracas sendo levantadas e um pequeno circo com arquibancadas toscas que chamava, a atenção dos passantes pela altura do mastro que segurava a estrutura da lona que cobria todo o circo. Por todo o dia, o que se comentou pela cidade foi a chegada da comitiva dos gajões. O chefe se chamava Lourenço Leite, tinha os dedos repletos de anéis de ouro, o cabelo longo, os dentes também cravejados de ouro, e se comunicavam entre si num dialeto que ninguém entendia nada de nada. Ficavam os bestas boquiabertos tentando entender aquele dialeto. E o grupo naquele gestual nervoso, repleto de signos para aquela própria cultura, dominava aquele pequeno território onde se achava instalava.

Logo a notícia do vagalhão de ciganos, que tinha tomado conta da pequena cidade deixou Judite em alvoroço, louca para admirar os olhos verdes daqueles homens fortes, com camisas de tecidos espalhafatosos, de mangas abotoadas nos punhos e relógios de pulseiras de prata à vista.

Na noite de estréia do circo, soube-se que não haveria acrobacias, homens que engoliam fogo e nem haveria palhaços. Ali de circo só tinha empanada. Logo na porta havia uma placa de zinco em letras garrafais: “Gajão Apresenta – Por um Punhado de Dólares”.

O pequeno arruado, ávido por uma novidade, acorreu em peso na noite da estréia. Gente que nunca tinha visto uma película, se abaixavam na cadeira quando assistiam a troca de tiros entre mocinhos e bandidos.

Os ciganos foram tomando conta do pequeno arruado, indo de porta e porta durante o dia vendendo tachos de cobre para as donas de casa. Em cada visita os gajões iam se

familiarizando com a índole e a geografia do arcabouço da alma de cada jacuipense visitado.

Em uma dessas visitas, o cigano bateu na porta das Moças da Gerema e se deparou com a mulher nova que os atendeu despida e cega. Naquele dia todos que ali moravam amanheceram tomadas pela cegueira. E dali passaram aquelas mulheres a viver tateando as paredes do grande casarão. Não haveria mais madrugadas e nem crepúsculos, a cegueira tinha tomado conta do velho casarão.

## CEGO NA PORTA DA IGREJA

*Uma cidade sem cego  
é uma cidade sem bolso  
Imprópria à exploração  
de algodão-doce  
Pedra de isqueiro  
Lixa de unha...*

*Uma cidade sem cego  
nem quer Deus  
lá pés pisar!*

**Elder Oliveira in Cafundó de Malungos  
e Vapores e outros poemas**

**À poeta Maria da Conceição Paranhos, que com ternura  
ensinou a reamar a caatinga, e ao Dr. Gilson Ney Lima Passos,  
dedico esta conversa de cego.**

**R**aro o dia em que ele não estivesse com a capanga de couro cru feito um aió, e o bocapio de palha encardida de pindoba, que ficavam recostados na secular parede e adobe cru de travessa, na suntuosa igreja, orago de Nossa Senhora da Conceição, no sobocó de Tocós, no rumo de quem vai para Juazeiro da Bahia. Uma cuia vermelha de queijo-prato de Minas na mão ele estendia, pedindo esmolos aos devotos.

Naquela manhã, sábado, dia em que se louva a Mãe do Filho de Deus, Pe. Dário Di Ciesco, de seu altar, estava alheio ao que acontecia na porta de sua igreja. Aquela vila é sempre visitada por Pedro baiano da Hora e seu guia, um taiocuinha nascido no setém das

margens do Verde de Baixo, que tocava flauta de taboca, uma espécie de pífono da região do Bendegó, nos sertões de Canudos, na Bahia. O cambéu tinha seus oito anos, cabelo cortado no topete, camisinha de anarruga azul, calça de brim meia-coronha, sandalhinha de rabicho nos pés estropiados de topadas e esbarrões pelos escuros caminhos dos sertões.

Pedro Baiano da Hora vivia na maciota, encangando grilo, cozinhando galo, no cerca-lourenço, e não largava seu peditório nem pelas intempéries, quando o tempo se mostrava com a cara do istopô caiano. Buscava naquelas feiras defender o pão de cada dia, comia pelas portas o pão que um dia Caifás amassou. O povo estropiado, meio a reboque, ouvia sua emboança, quase que meio obrigado, pois por ali era a passagem da porta principal do venerável templo.

Era um falatório esquisito, histórias de muitas feiras, recolhidas no lombo da língua, guardados na cachola do coco, no morro de sua cabeça, no tempo em que ele próprio um dia ouvira em São Raimundo Nonato, no Piauí, terra de Didinha Lourdes Pita Benevides.

Conversa vai, conversa muita que não leva a nada e só faz boi dormir. Aquela cantilena de despacho que se ouvia na porta da igreja se estendia pela manhã e chegava à serra do Bugio e atingia a Chapada Diamantina com sua cordilheira do Espinhaço do Cavallo.

O cego então começa seu falatório:

“Tinha um coronel de nome Trazíbulo, estabelecido na fazenda Tanajuá, lá em São Raimundo Nonato, que se pensava que todo mundo era boi-do-cu-branco, de uma pessimidade fora dos rumos. Não tivera filhos e nem deixara herdeiros. Tinha sim a velha mulher, uma senhora baixinha e gorda de nome Celina, que já tinha amarrado o facão, mas continuava ralhenta, ranzinza, surucucu-malha-de-sapo, acordando sempre de oveiro virado. Ela era a própria cascavel enrodilhada na beira do pote de sua própria cozinha. O coronel era senhor de meio mundo de baés, alvações, catueiros, criações, saqués e merinos. E era um tipo canjinho, pabo, de suro preso, metendo-se a ser o único cobé daquele ermo. Lidava com seus pataqueiros com crueldade, dava-lhes o de comer baeta num casco de cágado para humilhá-los. Era a encarnação do demo de novo na face da terra”.

“Numa Sexta-Feira da Paixão, mandou seu pobre vaqueiro Pixilinga ordenhar seu precioso rebanho bovino. Todo mundo sabe que na Sexta-Feira da Paixão só se faz reza, só se faz penitência, pede-se clemência a Deus pelo que fizeram com seu Amado Filho cá na

terra. Mas para o mirco aquele que se negasse a cumprir suas ordens seria levado para o mourão e ali amarrado e açoitado com chibata de vergalho seco de boi”.

O pobre Pixilinga, lhe respondeu:

- Meu sinhô, vosmecê se esqueceu do dia de hoje?

Ao que o miserável patrão com a alma embotada de brubito, disse-lhe:

- E daí? Vá e não discuta comigo, seu Vilide!

“E na primeira teta que o pobre homem puxou na espera do espumoso líquido branco cair na vasilha, desceu sangue, sangue que foi enchendo o balde. E empachado, encaminhou-se para o avarandado para entregar ao coronel o fruto de seu trabalho, recolhido naquela manhã baça”.

O cego Pedro Baiano se empolgava a cada ocasião quando ele relatava a história que um dia ouvira do familiá perfumado. Pegava o porrete que o conduzia, batia no chão do adro como que confirmando sua veracidade, e lágrimas vinham em seus olhos marejados, enovoentos do brilho da luz que nunca vira. Era só treva no universo de da Hora. E prosseguia: “O mundiado Trazíbulo era caxinga, adquirira o aleijão numa montaria, na tentativa de laçar um boi misterioso que aparecera em suas terras. E que o levara a usar muletas. E meio coxo, disse ao vaqueiro recebendo a vasilha”:

- ‘Vou fazer deste leite uma chama para eu criar um canguim responsador, debaixo da minha cama’.

“De posse do velho Livro de São Cipriano, páginas puídas devido ao manuseio, o coronel passou a executar seu propósito. Ele foi criando no estrume quente de cavalo um filho do Lubião. Primeiro foi botando os chifres, depois o falo e os pés de bode. Tinha a figura de um lagarto e foi metido dentro de um canudo de marfim. E o coronel foi alimentando o capeta com ferro e aço moído. Era aquela pequenez que se deslumbrava dentro do buxo para espanto dos que um dia viram a horrorosidade”.

“Mais num responso o brubito traiu o Coronel Trazíbulo. Foi num crime de mundéu, de emboscada dentro da caatinga fechada lá de São Raimundo Nonato que ele se derrotara. Ele soubera através de seu responsador que sairia vitorioso daquela empreitada e caminhara com seus jagunços para o oco da caatinga para dizimar seu desafeto. Tratava-se de um tangerino, xambouqueiro, tangedor de boiadas, de santo forte, pegado com Santo Antônio de Lisboa, afugentador de demônios. Tudo porque uma vez no ano o tangerino

usava de uma pequena manga de terra dos domínios do brubito coronel para deixar as reses de sua boiada descansarem, antes de seguir rumo ao Piauí, atravessando o rio São Francisco. Trazíbulo já tinha mandado avisar ao miserável tangerino que apesar de criar seu gado solto na imensa caatinga fechada, tudo aquilo em volta era de sua propriedade, apesar de não haver cerca de arame farpado para delimitações. A emboscada seria um sucesso de acordo com as instruções do familiá, mas para quem se junta ao Cão um dia tem seu troco, seja aqui ou noutra mundo”.

“O tempo ficava turvo, e nas horas das ave-marias, o tangerino alertado por um dos capangas do próprio coronel, aguardou o bando de parabélum cheio até a boca. E por trás duma moita de caçutinga disparou todo o pente da arma. O coronel catexingue não teve tempo nem de se defender. E ali bem perto de seu terreiro caiu baleado na praça. O tangerino sumiu no mundo que ninguém deu mais notícias”.

O povo que tudo ouvia, tirava da algibeira uma moeda, jogava na cuia e o tilintar do vil metal fazia com que o cego tirasse da cabeça o velho chapéu de couro para saudar o devoto:

-Baricada subá!

Pedro da Hora refestelava, buscava fôlego, coçava suas pernas de borquilha, batia em seu rejeito e emendava outra história acontecida naquela mesma terra onde ele estava pisando. Era uma história que os mais moços não sabiam. O guia cutucava o cego, dizia alguma coisa no seu ouvido, e os dois pegavam a taioca e começavam a solfejar uma velha canção em que o meninozinho com sua voz indefinida cantava acompanhando seu amo:

Conheça, cabra, conheça  
 Que o brabo também se amansa  
 Primeiro nasceu viola  
 Segundo sala de dança  
 Que a moça corta o cabelo  
 E mulher sacode a trança

O cego parava de tocar, cuspiu de lado bem próximo da sua própria capanga e emendava:

“Houve tempo no Tocós que não chovia, não havia um pé de nuvem no céu. Mandacaru virou ouro. Se comia até sapitaca, manzá, biba e cururu rodão. Foi na década de sessenta quando a invilia tomou conta do mundo. Todo o rebanho se acabou, para se beber um copo d’água tinha que se cavar uma minaçoão no leito salgado do Rio Sacraíú, quem tinha meia quarta de farinha dentro de casa se sentia um felizardo, quando batata de umbu e gravatá deu serventia. Foi nessa quadra que o fazendeiro mais rico da região, coronel Antônio Paranaguá, que meio zuruó, acoitado na Fazenda Toca da Onça, fez vista grossa ao castigo que afligia todos, e quis comprar a chuva nas mãos de Deus. Na mão de Oscar Chulinha, na pequena cidade, ele adquiriu um caixão de anjo, um esquife azul que seria para enterrar um infante. Em frente a sua babilônia se descortinavam dois imensos monólitos que quinhentos homens não rolavam terreiro abaixo. Não havia um pé de nuvem, não havia vento que soprasse do norte, que indicasse chuva. Era aquele paradeiro de dá dó no cristão. Parecia um castigo dos céus aquela quadra de tempo nos anos sessenta”.

“Mas o coronel vivia metido em seu terno de linho diagonal alheio ao sofrimento do povo. Pensou que o vil metal comprava tudo. Se dinheiro comprasse felicidade no céu, os ricos teriam mansões, e no caixão, uma gaveta para levar toda sua fortuna. Nosso Senhor já disse que é mais fácil um camelo passar por um fundo de uma agulha que um rico entrar no Reino dos Céus”, emendava o cego em seu falatório.

“Batia uma hora da tarde naquele calor infernal, e o fazendeiro metido com a Anhangá, no meio da praça de seu terreiro, abriu a tampa do pequeno esquife que tinha comprado, e colocou um maço de dinheiros, pedindo então a Deus que lhe mandasse chuva por aquela quantia depositada dentro do caixão”.

“O fazendeiro parecia que não tinha conhecimento do que dizia a décima quinta Surata do Livro do Alcorão, a de Alhijr de número sessenta e nove: “Tomai a Deus e não me afronteis”. Mas o esquisito Antônio Paranaguá com toda a sua bruzudangas só podia se estrepar. Galo cantou fora de hora, cachorro latiu desesperado naquela hora infame. Sentado no avarandado de seu palacete, Paranaguá esperou o resultado de seu estranho pacto. Desceu uma tempestade que fez cair água naquelas terras durante uma semana. Foi um verdadeiro dilúvio que bateu o saruá. Os pesados monólitos que ficavam em frente à casa do coronel vieram na enxurrada rolando, rolando e derrubou sua própria casa. O Rio Jacuípe tomou a praça do mercado municipal no caminho para Mumbuca e não ficou uma

ponte que a tempestade não derrubasse”.

O povo que a tudo ouvia ficava boquiaberto com o palavreado do velho cego mulçumano. Ninguém sabia onde aquele tangolomango aprendera aquele fraseado. Era brocardo que Pedro da Hora recitava de causar espanto a todos em volta. Sabia-se que na manhã da feira o cego surgia com o taiocuinha em cima dos caminhões de verdureiros que vinham do junco. Na altura da antiga usina Aliança, o cego dava a mão na estrada para pegar carona. Seus pais foram escravos no Recôncavo, eram de uma família de negros maleses mulçumanos. Entre uma história e outra, o cego falava em voz alta: “Ali-ramudo-li-lai”, depois, chamava o guia, cochichava algo no ouvido e juntos começavam a cantar:

Quando eu vim de lá de casa  
Na seca de novecentos  
Meus burros morreram tudo

Só ficou meu sendeiro jumento  
E o jegue véi, por o osso duro  
Ficou no terreiro roendo monturo

Tenho meu jumento sendeiro  
Tenho meu artifício jogueiro  
Eu não me importo com isso  
Fogo, jumento e artifício

Guardavam os pífanos e o cego limpava o suor da testa, se apoiava no bastão que era feito de xaréu de fumo, e emendava:

“Nas terras do Candéal, após o Rio Castelo, no lado oposto à fazenda de Luizinho Malafaia, tinha um palacete moderno com mais de cem janelas de estilo colonial. O dono era um homem dos lados de Feira de Santana, de nome Tabaréu, tinha feito a fortuna com agiotagem e jogo de bicho. A casa fazia gosto de apreciar. Mas dentro dela nunca ninguém conseguiu morar. A casa era mal-assombrada, se dizia que a noite se ouvia em volta da casa um barulho de correntes se arrastando, pelas vidraças se observava o cair de pedras, e

dentro da própria casa uma vaca preta surgia mugindo. Virou um pandemônio. Ninguém conseguiu morar dentro daquela bela mansão. Com o tempo, o próprio vento foi se incumbindo de bota-la abaixo. E na paisagem ficou plantada aquela ruína que o próprio tempo também se esmerou para que as gerações futuras tivessem conhecimento de que a agiotagem é uma das práticas condenadas por Deus e pelos antigos profetas. A ganância não leva a nada, só à própria derrota”.

E o cego com sua prosa inundava o velho adro enquanto o povo naquele apertacunha se aglomerava no estreito, a ouvir aquela espécie de Anjo-Corredor ou de Judeu Errante relatar suas bramuras e deixar por aquela terra seu sumetume.

Beira do rio, terra de mata medonha  
 Viola de jacarandá  
 Clavinote merece coronha  
 Beira do rio, moça que dança e não bambeia  
 Viola de jacarandá  
 Clavinote, coronha e meia

“Nessa caatinga de meu Deus há muita cacimba roubada. Água que some dum dia pro outro e o cristão não sabe para onde foi. Rio dormindo tem muitos por esse sertão afora. Coisa de gente malvada que pensa que tem o dia de são-nunca-de-tarde, deixe os patos passarem que muita coisa que aconteceu ainda acontecerá”.

“Waldemar Curadô foi o melhor mandingueiro dessas bandas, seus bebês batiam forte e não havia uma de suas filhas, que ouvindo seu adarrum não demorava em incorporar seu santo. Numa noite de chuva de estrelas, se ouvia ao longe Waldemar cantar em seu salão, com seu vozeirão truviscado”.

Eu vou virar cavalo e jegue  
 Pra comer vocês tudinho...

“E as abiãs de saias rodadas, respondiam”:

Que hora é Dindinho?

Que hora é Dindinho?

“Quando batuque de negro era proibido nessa terra, e qualquer bebé batendo no oco da noite da caatinga estrelada era uma afronta a qualquer delegado-calça-curta, Herculano tomou cadeia, passou uma noite no xilindró. Foi num tempo em que professar a religião dos pretos constituía um acinte para qualquer branco, tempo das perseguições, de cabeça baixa, de preto limpando “os quartos” dos brancos e virando a cara de lado . Foi nesse tempo que nasci e ainda alcancei dois marungos cujos nomes eram Balduíno e outro Zé Camarão, que vieram no mesmo tumbreiro junto com meu pai. Meu velho pai haussá, de carapinha branca ainda alcancei trabalhando na usina Itapetingui, levando feixe de cana nos troles. Foi o melhor troleiro daquelas bandas.

“Na noite velha, perto da hora da visagem, os bebés batiam forte em louvor a Xangô. A polícia logo soube daquele batuque e para o meio da caatinga do Barreiros se dirigiu para prende-los. Ao dar voz de prisão a todos no salão, foram de quarto em quarto, ver quem tinha se escondido. E nos quartos do fundo da casa, descobriu uma mulher grávida gemendo de dor. Perguntando o que se passava, a mulher respondeu que estava sentindo as dores do resguardo. Os policiais intrigados chegaram mais para perto da cama, e de fifó em punho alumiararam o vulto, e viram que a mulher de pano amarrado na cabeça e de vestido, na verdade era Herculano que estava se escondendo da ordem de prisão, se fazendo de mulher grávida, mas ele tava mesmo era piririca. Desse dia o povo o nomeou Herculano Parido e assim ficou jalecando nessas terras até dar uma filha para Terto do Patos casar, de Herculano e seu povo eu nunca mais ouvi falar”

E o cego baiano passava a mão no rosto, tirando o suor, chamava de lado o taiocuinha, e o cair de moedas na cuia o fazia trazer um sorriso na face de contentamento pela empreitada daquele dia. Parecia que tudo o que tinha dito não fora em vão, quem sabe se suas histórias de lição de moral um dia não vinham a ser postas em prática por qualquer um daqueles devotos que o arroteava. O taiocuinha tirava do matulão um maracá e o pitiar subia no ar, o cego pegava na taioca e emendavam uma quadra. Era uma chula que ele aprendera na Vereda do Jacaré, terra do escritor Altamirando Camacam:

Valei-me Nossa Senhora  
Mãe de Deus da Conceição  
Não falo mais em barulho  
Com aquele Horácio do cão

Fiquei logo encurralado  
Quando avistaram São Bento  
Caracol e Catuaba  
E o Poço Quiabento  
Batendo o chão e gritando  
Que metesse o pé pra dentro.

O sol se firmava cada vez mais no céu azul sem nuvens. O cego mais se parecia com um histrião da comédia dell'arte. Aquela sua vestimenta espalhafatosa, com remendos de várias matizes no fundo das calças, davam-lhe o aspecto de uma personagem medieval. Era um tipo cismado, cheio de não-me-toques.

O cego dava um delatamento, chamava o taiocuinha no canto do ouvido e socavam umas quadras de viola dos violeiros Manoel Neném e Antônio Aurélio de Moraes, e eis que o cego emendava:

De quatro coisa no mundo  
Já vivo muito abusado:  
Trocar cavalo na feira,  
Fazer negócio fiado,  
Andar com gente ruim,  
Dar murro em cabra safado.

Cumi que quase me acabo  
Pão que o diabo amassô.  
Agora como o diabo

Já que do pão num sobrô.

“Houve um Alexandre. Era figura de proa, comerciante de peles, espichava, fazia o boludório dele, botava para curtir, picava cinza, tirava o couro, tinha seu próprio curtume. Maninho tinha ido para o andar de cima. Só havia lembranças de seu nome. Eu falo isso de boca pequena, quem aqui ouvir essa história e passar adiante não me chame para dá prosa. Falo o que ouvi. Eu não sou cofre ou baú para guardar segredos. Tem, sim, algumas encomendas que eu próprio não gosto de carregar.

Era uma sexta-feira de noite clara com estrelas cadentes descendo no céu. Na rua Joaquim Távora, o velho Maninho era senhor de uma casa assombrada, na qual morava sua filha Santinha, casada com o espanhol Álvaro Carneiro de Oliveira Figuerêdo, Alvarinho dos Milagres das Candeias, pois uma vez virou um carro de romeiro e o que se viu foi garrafa benta por todos os lados. Pela manhã, Santinha e Alvarinho fizeram as malas e se mandaram para sua fazenda Lagoa do Boi. Casa fechada, ninguém entrava nela, salvo os ladrões. E eis que a lavadeira bateu na porta e um senhor baixinho com óculos e de suspensório a atendeu:

-Santinha viajou para os Tocós, pode entrar. Deixe a roupa lavada em cima da mesa e leve a trouxa de roupa suja que está em cima da cadeira da sala.

Na segunda feira, a filha chegou do interior e, intrigada, não sabia quem tinha aberto a porta de sua casa para deixar entrar a lavadeira. A dúvida só foi solucionada quando na sexta-feira a velha Chica de Cassemirim trouxe a tal trouxa de roupa da semana. E indagada sobre quem abriu a porta, ela olhou para a parede da sala e disse:

-foi esse homem desse retrato, dona Santinha. Ele me disse que a senhora tava em Tocós, mas que poderia deixar a trouxa limpa e levar a suja”.

E o cego, ilustrando sua retórica, aumentava a voz no adro e sentenciava.

“E ainda tem gente que pensa que morto não volta, volta, volta tanto que o coronel Maninho apareceu diversas vezes por essas bandas. Se foi por castigo, ninguém sabe dizer. Antino do Bugio, vivia no pé de serra feito imperador do Sacraíú, disputando com Isidoro Joaquim dos Santos, a hegemonia política da região. Governava o município com mão de vaca, como figa, sem dar folga. Antino Bugio era um tipo avexado, que vivia na base do rompante. O que vinha no morro da cachola, ele sapecava na cara. Não tinha

limites nem mancômetros. Bebia de uma forma de chamar cachorro de ‘cacho’. Era daquele tipo malino pro povo. Se alguém batia à sua porta atrás de um adjutoramento, ele de mãos para trás feito um Caifás, negava a prerrogativa. Rezava duma forma que ‘Ao Vosso Reino tudo’, para os outros depois do batente de sua porta, “Nada”. Chibunguinho, de chapéu baeta virado, bigodão do cão, e uma beata de fumo de corda apagado no canto da boca, tomava as ruas bisbilhotando a vida alheia. Seus vaqueiros o temiam. E seus agregados viviam de cabeça baixa diante de sua tirania. Dia de feira seus pataqueiros remediavam a sorte. No alforje escanchado na garupa do animal. Levavam somente uma quarta de farinha, um pacote mínimo de sal ordinário e duzentos e cinqüenta gramas de charque baiano. Era toda a sua feira para o miserável passar a semana com a mulher e a casa cheia de filhos. Bateu a estiagem, chuva que era bom, sumiu. Não havia um pé de nuvem no céu. Era a quadra da década de sessenta. A seca terrível que não deixou um pé de mandacaru em pé, para dar comida ao gado”.

Quando Deus manda a seca é porque no Reino dos Céus seus filhos na terra desandaram.

“Alef, Lam, Mim, Ra”.

O cego dizia essas palavras com uma entonação de choro, em mais sublime respeito. E emendava:

“São noventa e nove os mais belos atributos de Deus. Já trilhei veredas que eu não sei onde encontrei pernas para caminhar. Jalecado já me vi no ermo do tempo pedindo sempre misericórdia ao meu Bom Deus. Não adianta se arvorar e se meter a besta com o império do mal. A sentença divina tarda mas chega. Gente que se meteu a trazer nos cantos da unha toda a sua maldade, um dia Deus lhe corta a cartilagem do que resta de seus chifres imundos e lhe puxa para o andar décima. Lá, ele ou ela, de cabo baixo andando de um lado para o outro, não tem como contestar o Tribunal Divino. Nessa hora não há dinheiro acumulado na terra que se constitua defensor. Mas se por onde ele andou um dia bateu os olhos no manto azul de nossa Senhora, há de chegar misericórdia e perdão para essa alma aflita. Se sabe que há na Surata d’A Família de Imran, de número quarenta e cinco, lá se pode lê: ‘E de quando os anjos disseram: Ó Maria, por certo Deus te dê alvíssaras novas felizes com Seu Verbo, cujo nome será Jesus, o Messias, filho de Maria, nobre neste mundo e no outro, e se contará entre os bem-aventurados. Falará aos homens ainda infames, bem

como na maturidade, e se contará entre os virtuosos'. Assim está escrito no livro de Deus, e assim se confirmará. Mas para Antino que se negou em vida a saciar a sede do povo naquela quadra de seca, o castigo viria depois. No fundo desceu casarão existia um grande caldeirão com água que Deus mandava, mas Antino não permitia que ninguém saciasse sua sede. Passado um tempo antino faleceu e depois de morto sua alma não encontrou paz. A cada crepúsculo o povo observa, quando vai apanhar água em seu caldeirão, o vulto de Antino rodando em círculo sua bendita água sem poder dela beber. Foi o castigo que Deus deu a ele e depois tem gente que ainda nessa vida vive de negar as coisas a seu semelhante”.

Nessa vida topei com muitos cegos,  
alguns que não tinha valia.  
O mais famoso deles,  
é o cego da academia.  
Vê, julga e sentencia,  
é o cego mais vagabundo,  
esse cego de minha terra Bahia.

“Todo mundo ta cansado de saber que Sizino é o lobisomem dessa terra, não adianta tapar o céu com uma peneira, que o arco do infinito é maior do que o olhar de cada ser humano. Para quem mora em seus suntuosos castelos e joga os ossos de seus faustos banquetes pelas janelas de peitoris de Carrara para os mendigos se saciarem, um breve alerta: há de chegar o tempo em que vai faltar comida na dispensa dos ricos, e Lázaro baterá nas portas de cada um atrás de uma esmola. Ai daquele que negar! O que relato, eu ouvi numa feira distante, onde almocreves e tangerinos negociavam cavalos roubados, e ciganos vendiam tachos de cobre. Quem tiver a desdita de me contestar, que me mostre a prova, nesses camboeiros de setembro, nunca vi um para emendar meu discurso. Fogo-Corredor, Embaa-tatá todo mundo tem na memória que no meio da caatinga assombrada,

ainda queima macambiras e gravatás por almas de pagões, e ainda se acha o rastro dessa assombração. Areia-Gulosa, na beira do Rio Jacuípe, no rumo da fazenda da Volta do Rio, de Cilo Gordo, é que mais se encontra nessa cabeça de porco. Come o gado, come o homem, é pior que mulher sem vergonha, que não tem homem nenhum que lhe satisfaça. Sizino tava com treze anos e fora gerado filho de um compadre mais uma comadre, coisa que Deus abomina. Quando completou treze anos, numa sexta-feira saiu de noite e se espojou na cama de um jumento. Foi o bastante para adquirir o fado, e ter seu encanto perpetuado nessas caatingas de meu Deus. Pálido, magro, de orelhas compridas e nariz levantado, teve sua estampa assustando muita gente nesse sertão. Coisa de queimar palha benta, fazer o pelo sinal e dizer: ‘Desconjuro, cão’, três vezes. Se numa noite de terça-feira, chegando na hora da visagem, já passando a boquinha dos caifuis, e você topa com Sizino invultado, lembre que ele tem de percorrer sete adros de igreja de cemitérios, sete vilas acasteladas, sete partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, para depois de suor pingando no seu corpo de bicho, e pelos por toda a palma da mão, readquirir sua fisionomia humana, após voltar ao espojadouro que lhe fez lobisomem. Graças a Deus que por aqui nunca passou Lucas Evangelista dos Santos, o maior bandoleiro dessa região, que durante vinte e cinco anos aterrorizou os sertões dos Tocós”.

“Seu Augusto Asclepiades, velho tabelião dos Tocós, dizia que uma tia dele fora ama seca de Lucas, e saiu escorraçada no mundo, depois de seus crimes para se acoitar na Queimada Boa Vista, ao lado do Campo Alegre, povoado de Riachão. Lá no Campo Alegre, tinha uma escrava de nome Lucinda, que estava doente de um quisto na barriga. Gemia feito uma condenada. Seu lamento se estendia até a Casa Nova e ia bater no Ichu. Tempo em que Zefinha, mulher de Manoel Balbino de Oliveira tinha esses agregados todos. Ficava a mulher à noite e o dia gemendo de dor. Foi embora para a Feira e lá morreu. Na noite em que faleceu, surgiu na fazenda Queimada da Boa Vista, gemendo igual uma condenada, gemia enquanto estava convalescente. Era aquela lamúria, aquele gemido de cortar coração. A vela conhecendo o gemido falou”:

- Ô minha filha, eu já sei quem é você. Amanhã vou ao Riachão mandar Padre Argemiro Guimarães rezar uma missa por sua alma. Descanse em paz.

“ E acordando todos da casa, vararam a madrugada em orações pela alma da escrava. No outro dia, montado num burro choutão, chegou o portador trazendo a notícia de

que Lucinda tinha morrido em Feira de Santana. Quem caminha pelo mato se pega com a Caipora, se não se pegar com ela, se perde que não acha o caminho de volta para casa. Todo caçador tem que levar na algibeira um estaco de fumo de corda para dar à caipora, se ela assoviar, o cachorro acua, e o cristão se perde no mato de não achar caminhos. Isso não é prosa de cego, isso é a verdade das caatingas. Todo bom caçador tem que ter ciência do rastro. Saber dividir um rastro fêmeo de um rastro de macho. Se aquele bicho passou foi a pouco, na madrugada, ou já faz tempo. Fica feito besta no meio do mato andando de um lado para outro, abrindo vereda e cada vez mais se afundando no meio da caatinga, tendo jurema e carrapicho, furando suas pernas, e até cansação lhe dando beijos, arre!”.

O taiocinha, vendo o cego numa narrativa meio de sinuca de bico, chegou ao ouvido dele e segredou um boludório e, logo em seguida, o cego pegou um realejo dentro da capanga de couro e sapecou uma modinha, pois já tinha passado mais de um quarto de hora que não caía uma moeda sequer na cuia de Pedro:

O Riacho quando enche  
 No meio corre um relanço  
 De pássaro de pena que voa  
 Bonito que eu acho é ganso

“Nessa vida já ouvi de tudo, coisa que meus olhos não puderam enxergar. Certa feita, peguei um trem em Alagoinhas com destino a Barrinha. Passei por Saldália, Itiúba, Vila Nova da Rainha Maria, (a Louca). Vi a Serra das Maravilhas. Estava empapuçado de tanta viagem. Meu guia me futucou, dizendo que subira um sujeito mal encarado, na classe em que a gente viajava. Era um tipo avantajado, uma vara-pau de bigodão na cara feito um cão, um chapéu do pantanal na cabeça e três alforges escanchado no ombro. Sentara em nossa frente sem dizer uma palavra. Meu guia me futucava tanto que tive que dar uma porretada nas canelas dele para ele parar com a curiosidade. Quando o trem parou em Jaguarari, o sujeito se dirigiu me perguntando”:

- Ceguinho, qual o nome desse deserto?

Eu respondi a ele dizendo:

- Pelas minhas contagens, deve ser Jaguarari.

Ao que ele me respondeu:

- É, não é nessa merda que vou descer, não.

“Calado, ele permaneceu na cabina, durante todo o trajeto, o resto todo da viagem. Ao chegar em Barrinha, ele de novo se dirigiu a mim e me perguntou se havia alguma pensão onde ele pudesse tomar um banho e passar a noite. Ao que respondi: ‘ se o senhor me acompanhar, lhe levarei na única pensão da cidade, Lua de Cristal, de Anaides Dantas’. E caminhamos pelas ruas esburacadas. No outro dia tinha a feira da cidade e julguei tratar de algum comprador de peles de animais”.

“Eu fui dormir na estação, e eu nunca vi em toda a Bahia, uma estação mais linda do que a do povoado de Barrinha, construída por uma companhia inglesa, onde cada porta dessa estação é bordada com almofadas , que dá gosto se apreciar. Se Deus me deu esse destino de viver da caridade pública, não posso nas horas más blasfemar da minha sorte. Cego nasci e acho que cego morrerei, sem ter o privilégio de ver como é a luz de um dia. Eu não sei a noção das cores. Não sei como é o amarelo, o verde e o branco. O preto, imagino que seja isso que vislumbro dentro de mim, sem contornos e sem paisagens. Qual a cor que se estende sobre a cobertura que cobre o mundo? Eu não sei explicar como é. O azul nunca tive o privilégio de enxergar. Eu ando mentindo para o mundo, eu não nasci cego. Cego me tornei, depois que num tribunal de júri levantei um falso testemunho de um crime, botando um inocente durante trinta e cinco anos numa escura e suja cadeia. Eu disse num tribunal que Torquato preto tinha sido o assassino de Gonçalo. Coisa que nunca aconteceu. Isso se passou no tribunal do júri de Cachoeira. Torquato tinha nascido na minha região. Era um preto de seus dois metros e quinze centímetros, era quase um gigante, desses que só a África, adormecida sobre sublevações e misérias, produz. Eu ganhei um dinheiro de um cabo de polícia para botar Gonçalo na cadeia. Torquato era amante da mulher do cabo. E um dia, o próprio cabo da polícia militar da Bahia matou sua própria esposa. Torquato na saída da sessão me jogou a praga: ‘Tu te tornarás cego para mais nunca elevar um falso testemunho’. Dito e feito, só duraram seis meses para a cegueira bater em minha porta e eu embarcar dentro dela. O dito mais certo que eu já ouvi na vida sempre foi: ‘Quem faz aqui, aqui mesmo paga’.

“Pois bem, naquela noite quando eu dormi na estação de Barrinha, eu intuía que no semblante daquele cavaleiro o cão estava embotado. Ele trazia a desgraça para aquelas que vinham repletas de dizimação. Instalou-se na cidade e ficou a morar por ali. Logo se soube

que aquele homem que desembarcou naquela sexta-feira, antevéspera da feira da cidade, era um capataz de um comendador italiano. E aqueles três alforques que carregava no ombro estavam repletos e monetas do templo da deusa Juno Moneta, e cobertos de estranhos propósitos. O estranho cavaleiro comprou um terreno naquele descampado onde ninguém queria conta e começou a edificar um grande galpão. Logo foram chegando os equipamentos em grandes caminhões e estranhas máquinas que aquele povo desconhecia”.

“No prazo de seis meses os estranhos propósitos daquele estranho cavaleiro vieram à tona. Foram chegando os técnicos e aquele galpão virou uma charqueada de abate de jegues. Foram matando todos os jegues da região, não sobrou um para contar a história, e pelos caminhos esburacados dos sertões os caminhões saíam no encalço dos jumentos. Jegue que antes não tinha valor nenhum passou a valer ouro. E o abate se deu numa forma tão industrial que a carne era exportada para o Japão, diziam que os japoneses adoravam carne de jumento. E assim, no frigorífico que eles implantaram, os jericos nordestinos eram degolados, depois tiravam o couro, salgavam e colocavam num saco com aquele carimbão de “Made in Brazil”, com destino ao estrangeiro”.

“ Luis Gonzaga, Rei do Baião, levantou sua voz em defesa do jumento brasileiro. Um animal tão sagrado, bom de carga, amigo do nordestino, que carregou Nossa Senhora com o menino Deus para o Egito, fugindo de Herodes, não podia ser dizimado da face das terras brasileiras. O sanfoneiro gravou a canção “O Jumento é Nosso Irmão”, mas o abate de jegues no sertão baiano continuou. O próprio governo brasileiro abriu linhas de créditos através do Banco do Nordeste financiando aquele empreendimento que causava nojo a qualquer nordestino. Quando eles sanaram sua fúria e mataram todos os animais dessa região, fecharam a fábrica e deixaram que o tempo fizesse daquela construção um fantasma na paisagem, uma coisa mal-assombrada. É por isso que quando se passa à noite, perto dos escombros daquela maldita empreitada, se ouve o relincho da alma dos jumentos. E ainda tem gente que diz que jegue só é bom para carregar fardos e dar coice quando derruba o ginete”.

O sacristão Tirita estava fechando a porta da igreja da soberana padroeira Nossa Senhora da Conceição dos Tocós, só restavam duas pessoas que ainda ouviam o cego. O guia cutucou o patrão, e este, levantando-se do chão exclamou:

- Que Deus fique com todos!

E saiu, meio jalecado, guiado pelo taiocuinha para o caminho da feira, era sábado.

## O CANÁRIO DE HILDÉRICO

Nos idos da década de setenta, só havia dois partidos políticos no Brasil: MDB e ARENA, esta apoiada pelo carniceiro Emílio Garrastazu Médici, cujo único legado que deixou para os anais da história pátria foi à construção de uma estrada faraônica em plena selva amazônica, atualmente intransitável; ter brechado João Saldanha de dirigir a Seleção Brasileira, em 1970, por não ter escalado o jogador Dadá Maravilha no time; distribuir pelo país afora seu pôster num culto à sua personalidade e ter assassinado centena de cidadãos brasileiros sob tortura nos sujos porões da ditadura.

Na Bahia, faziam oposição ao famigerado regime militar nomes cativos dos corações baianos como Francisco Pinto, Adelmo Oliveira e outros grandes vultos. Pelo interior o deputado Hildérico Oliveira mantinha sua base política, especialmente em Itiúba, em pleno semi-árido, onde lá o seu cabo eleitoral, o velho maçom Ricardo Benevides, lhe arranjava votos.

E, como aquela paradisíaca terra, entrecortadas por serras mágicas, dava muito canário bom de estalo, resolveu o velho edil presentear o seu nobre com um pequeno e mavioso passarinho. Desceu lá dos sertões, quatrocentos quilômetros da capital, no seu fusca verde-abacate, pilotado por Dãozinho, já que seu Ricardo não sabia dirigir, e chamava o acelerador de “gasolina”. Era a primeira viagem à Bahia, planejada com seis meses de antecedência, com direito a galinha de terreiro assada e farofa na estrada.

Numa segunda-feira de janeiro, madrugada, o velho Benevides acordou a esposa Dona Lourdes, irmã do empresário Flávio Silva, de Juazeiro, na Bahia, e a sua filha caçula Netinha para, em comitiva, entregar o festejado canário. Tomaram a estrada via Cansanção, por ter mais cidades por perto, caso o carro quebrasse pelo meio d caminho.

Na altura de Barrinha, avistaram um frondoso cajueiro, senha para que ali parassem para saborear a tal galinha assada, desanuviar e tirar o enxolo da viagem. Na galha do frondoso cajueiro, seu Ricardo colocou a bendita gaiola do canarinho para tomar uma fresca. Após a merenda, ganharam o mundo, deixando o passarinho para trás. Quando já estavam na altura da entrada de Ichu, sentiram a falta do canário. Seu Ricardo Benevides, colocou a mão sobre a cabeça, e com uma expressão de espanto gritou: “Esquecemos o canário de Hildérico! Vamos voltar!”.

O motorista meteu o pé no freio, deu meia volta, a dez léguas de distância. Ao chegarem no local, lá estava o mavioso canário, cantando indiferente, esperando o dono. Nesse tempo não havia, ainda, ladrões pelas estradas.

Distante de sua Itiúba, longe de saborear seu bode seco com jerimum, seu Ricardo está na porta do céu contando suas proezas a Deus.

**BREVIÁRIO DA DANAÇÃO**  
**(Passado no corrimboque do Dianho)**

**Aos amigos**  
**Hermann Moosbrugger,**  
**Marcos Vinicius Fonseca,**  
**Essa história de um Brasil distante.**

**A**rtemísia Teixeira Braga tinha seus setenta e oito anos de miragens e implosões cotidianas. Vivera uma vida de entrega ao marido infiel e aos filhos, que, com o passar do tempo, entraram na lapa do mundo, esquecendo-a para sempre. Quando Temístocles Braga batera as botas e a deixara completamente sozinha, passou a viver no casarão da Vitória como uma sonâmbula, a enxergar o fantasma dele dentro do quarto onde falecera. Parecia, às vezes, que ele tinha voltado para lhe fazer companhia. No seu dia-a-dia ela vivia também a rebuscar lembranças: uma foto preta e branca já amarelada pelo tempo, esquecida no alto da página de um álbum de fotografias sem as cantoneiras, um pé de meia dentro de uma gaveta de uma cômoda de cerejeira, uma gravata em desuso, mofada dentro do guarda-roupa, uma calça de linho branco já encardida ou um colete enxovalhado, tudo para apaziguar seu coração torpedeado de ansiolíticos e antidepressivo.

A sua história de vida passou a se resumir a breves murmúrios que ela ouvia vindo do tempo, por detrás das paredes do quarto, onde um dia seu marido ali se deitou para se encontrar com o cavaleiro da foice. Eram vozes prescutadas de gemidos lascivos que a levou ao delírio. Cenas que o dono da casa, já morto, trazia à baila, recordando em voz alta, para aquele universo de marasmo onde a mulher incrédula participasse de toda a sua *misè-en-scène* fantasmagórica. Era como se ele tivesse passado a vida inteira a colecionar troféus de conquistas amorosas, sem nunca ter ligado para o sentimento da

velha companheira, talvez tentasse se reconciliar com o descaso que ele mantivera para com Artemísia durante toda a vida conjugal, e que ficara cá na terra, tomando conta do casarão, para que a memória não percesse no devir do tempo. Era como se do outro lado nada apaziguasse a alma de conquistador inveterado e rufião.

No aposento, para o olhar cerimonioso da viúva, surgiam mulheres de seios morenos e fartos, ancas macias e volumosas a torturar aquelas horas baças. Eram trepadas homéricas que fazia deixar a velha vesga de tantas lembranças profanas. Aquelas damas de voz de veludo em pleno dia manchavam todo um passado de respeito e pudor. Mulheres que traziam perfumes e deixava no quarto o odor de cada fragrância estrangeira pelo ar. Elas chegavam a dizer seus nomes, piscavam os olhos, mordida os lábios grossos de batom carmim num jogo de pura sedução. Elas ainda usavam valisères e baby dolls transparentes para agredir o passado moral da velha Teixeira Braga. Traziam entre um seio e outro o suor miscigenado dos amores de outros homens que exalavam no ambiente. As mãos quando tocava no corpo de Temístocles, já morto, eram macias como se estivessem a massagear no passado clientes no templo da Deusa Afrodite. O esmalte das unhas cintilava naquelas tardes calorentas. Havia uma música que ela ainda conseguia ouvir, vinda dos recônditos de sua memória, eram boleros “calientes” intepretados por Waldick Soriano, que balançavam o coreto. O marido no invultamento trazia para a cena real daquela casa uma galeria de mulheres com seu bailado tentador. Ao andarem dentro do aposento, remexiam fazendo que percebesse que elas consertavam a calcinha que teimava em adentrar o rego da bunda. Essas mulheres tinham nomes, não eram completamente fantasmas que chegavam da sombra para atormentá-lo. Eram madames com sobrenome, algumas de pularem a cerca dos domínios, marcadas com o brasão dos maridos e que traziam na respiração o suspiro atormentado de seus delitos.

A primeira que começou a surgir chamava-se Soraia e que Temístocles conhecera numa cerimônia de formatura no saguão da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, e lhe deixara como lembrança daquela noite de flerte na boate Régines, do Hotel Meridien, as luvas macias e negras de pelica, um lenço manchado com o contorno da boca e a bolsa de couro de jacaré que um dia seu pai comprara na Maison Dior, em Paris. Também ela esquecera propositalmente com ele a pequena agenda de telefones que ele mesmo depois de morto vivia a investigar os seus passos e os possíveis casos que aquela

morena jambo tivera na terra onde um dia o padre Antônio Vieira pronunciara seus sermões. Eram direções na maioria de homens casados, sérios em suas casas, de filhos crescidos e aprontões. As esposas eram mulheres tristes que viveram a vida entre a cozinha, o supermercado e as reuniões do colégio dos filhos. Frequentavam ao lado do marido infiel, cerimônias de casamentos dos filhos dos amigos, formaturas da garotada da geração dos filhos, mas que no dia-a-dia buscavam nos inferninhos da Carlos Gomes ou nas casas de massagem da Pituba aquilo que eles não mais encontrava com suas mulheres: o tesão. Ficavam esses homens a ser assíduos clientes de motéis da Paralela, de comerem filé ao molho de madeira acompanhado de champanhe ao lado de meninas de aluguel que eles buscavam nos anúncios populares dos jornais.

Eram homens mal amados que já não desejavam a megera do lar, tratavam como bruxas a atazanar o seu cotidiano. Contas astronômicas a pagar, cartões de créditos que elas detonavam pelos Shoppings da velha província para satisfazerem seus desejos já que eles não lhe propiciavam mais nada na cama. Aquilo que no passado era coisa do povão, de fundo quintal, incrementa a economia do Estado. Havia sim, em Soraia, algo que ficava suspense no ar. O seu rostinho de anjo, de olhos verdes tentadores, de pernas roliças e coxas grossas algo que beirava a cretinice. Em cada coquetel que acontecia na Confraria dos Letrados ela se achava presente, lascivamente a fisgar velhos e sisudos acadêmicos. Alguns deles o mantinham como amante, de despesas pagas no final de mês, servindo a dois patrões. A moça era estampa para qualquer concurso de beleza e o que diziam que na cama era tida como a mais puta das putas que já frequentaram os prostíbulos da Bahia. De retórica erudita falava três idiomas corretamente sem dar bola para a sintaxe. Discorria sobre a poesia de Maria da Conceição Paranhos com tanta familiaridade que na roda todos ficavam boquiabertos com a sua erudição. E com tanta inteligência foi se engalfinhando no universo literário baiano e passando a ter peso o seu juízo de valor quando a Confraria dos Letrados promovia anualmente seus concursos literários. Qualquer escritor que se metia a concorrer a qualquer prêmio literário na Bahia tinha que ter antes o aval da gostosa puta Soraia. Ela era quem mandava na Bahia, sua opinião valia ouro. Frequentava as reuniões festivas da província com tanta desenvoltura que um certo crítico a chamou de “Margareth Thatcher Tupinambá”. Os jornalistas a procuravam com insistência quando estavam à cata de algum furo. Sabia de todas as mutreita que rolava na província. Seu cartão de visitas era

porta aberta para qualquer emprego. Aquela galera bico de couro que estava em todos os coquetéis da cidade como ratos infestando o ambiente com os seus discursos anarquistas temia aproximar-se de Soraia. Ela tinha poder de mando, parecia uma magistrada a abrir a carteira com o símbolo da República e dar ordem de prisão a seus desafetos. Sobretudo os remanescentes “poetas da praça”, que eram vezeiros freqüentadores de coquetéis que ao avistarem Soraia no recinto, batiam em retirada com receio de represálias. Soraia além de culta, tinha mestrado em Oxford, mantinha verdadeira ojeriza aos Vates da Piedade. O grupo gostava de falar alto nos coquetéis para serem vistos após tomarem a terceira dose de vinho branco de baixa estação de nome Liebfraumilch, que era servido por um garçom mal-humorado, puto, porque no final do evento não tinha o dinheiro para voltar para casa. E ainda tinha que utilizar o pernoitão e se mandar para a Suburbana, sujeito há um assalto no trajeto. Soraia detestava o pequeno grupo de poetas porque eles eram irônicos e provocativos. Ela lhes olhava de cima para baixo, com desdém, como se ela fosse a Cocada Preta da Cultura na Bahia.

O romance instaurado entre Temístocles e Soraia durou seis meses com direito a um cruzeiro a bordo do Costa Marine pela América do Sul, nem por sonho Artemísia Teixeira Braga poderia um dia suspeitar daquela viagem de lua de mel entre o sexagenário rufião e a perdição da Bahia. Foi, portanto a viagem dos sonhos daquele decrépito ganhão. Afora jantares à luz de vela acompanhada de Bourbon legítimo, caviar, salmão e trufas, tudo que a morena tinha direito no cardápio do navio, fora servido a bordo de sua suíte presidencial. Grupos de “mariates” mexicanos tocaram na luz da lua em serenatas para o casal de apaixonados tupiniquins. A farra fora completa, com direito à compra de um casaco de pele na loja do navio. Peça desnecessária para quem vive debaixo de um sol escaldante de quarenta graus centígrados. Mas Soraia era mulher de capricho e tinha que ostentar perante as amigas, ao desembarcar, o que adquirira naquele novo affair. Temístocles não poupava esforços para seduzir a sua amante querida. O desejo da morena virara uma ordem nem que fosse preciso, pondo em perigo o próprio casamento de mais de cinquenta anos de vida conjugal na bancarrota. O velho se amasiara de vez com a morena que lhe revirava a cabeça a cada amanhecer. Posto que os amigos mais próximos tentavam tirá-lo daquele precipício - mas como todo cavalo velho gosta de capim novo -, Temístocles se entregou de corpo e alma aos encantos daquela morena de rabo de tanajura.

Prostrado no leito com uma pilha de medicamentos na mesinha ao seu lado, uma garrafa d'água e uma aparadeira, Temístocles trazia do limbo da memória a presença de Soraia para seu domínio. A sua voz era ouvida com nitidez e o seu discurso eclodia dentro do aposento. A mulher chegava à beira da porta e vislumbrava a figura avantajada do marido falecido a conversar com uma dama de modos polidos. Era um diálogo permeado por frases carinhosas e recheado de poemas parnasianos. Palavras que ela só ouvira um dia no velho internato do Instituto Feminino. Mas Temístocles teimava diante de seus olhos, a sua presença não trazia pavor, mas apaziguava o coração. Era como se não o tivesse por completo em vida.

A aparição do marido se tornara uma constante naquele casarão. Aos outros, os serviçais da casa, todos suspeitavam de que a velha Artemísia estava louca a ver um morto. E a cada ida ao médico geriatra a dose de antidepressivo era aumentada gradativamente para a infelicidade das coronárias que ficavam sujeitas a uma trombose ou uma parada cardíaca. Sedar a velha, deixando-a sonolenta sem poder andar era o pedido das empregadas que suplicava ao especialista.

Temístocles, porém ficava a se revirar no leito com o mesmo pijama com que desencarnou, a segurar o cacete duro como se tentasse bater uma punheta. A velha, na porta do quarto, levava as mãos aos olhos, tentando esconder aquela cena. Parecia que o falecido, após a passagem, voltara com mais diabrura. O membro ereto despontando debaixo do tecido de seda parecia uma estaca cravada no meio das pernas do morto. Ele não se dirigia para a esposa, a intenção era reviver os romances que aqui deixara na terra.

Foi assim que numa madrugada a velha Artemísia ouvira um barulho estranho vindo do quarto de Temístocles e dirigiu para se certificar se era ele mesmo que estava voltando. E a surpresa foi enxergar o esposo metido no mesmo pijama a dialogar com uma dama misteriosa.

Foi num veranico com chuvas esparsas, na costa da Baía de Todos os Santos que surgiu Marina, a mulher que fez capotar o coração daquele indomável cavalheiro. Para Temístocles tratava-se de um acerto de contas. Propostas que não foram cumpridas, planos que não se realizaram. Vivera a louca durante oito anos a manter um relacionamento com o fantasma do casarão da Vitória, enquanto Aderbal, marido de Marina, nem sonhava que a louca pulava a cerca, deixando-o chifrudo. Traía o besta do Aderbal em represália ao

descaso e a falta de trato para lidar com o universo feminino. Imaginava o advogado, que dando carro novo todo ano, entupindo-a de roupas de griffe, a loura se sentiria amada. Quando a noite caía, ela debruçava diante do televisor a assistir sozinha a novela mexicana repletas de cafonices surreais. Enquanto Aderbal retornava da lida de chifre cheio, embolando a língua, com aquele bafô azedo de uísque com pistache. Tinha dias que nem agüentava tomar banho. Deitava-se de terno e virava pro lado. Roncava até de manhã naquela sinfonia miserável que não tinha mulher que agüentasse aquele repuxo. A loura foi se enchendo até levar Temístocles para a própria cama.

O Departamento Jurídico da empresa de Braga requisitara Aderbal para defender junto às instâncias superiores. Era uma querela jurídica envolvendo o cancelamento de uma licitação fraudulenta promovida pelo Governo Federal que deixara a construtora de Temístocles de saia justa. Ele tornou-se ao longo de cinqüenta anos de luta um empresário de peso no ramo da construção civil, a construtora tornou-se uma das mais poderosas, no país da impunidade e da remessa ilegal de divisas para os paraísos financeiros da Ilha de Taiwan. Fazia qualquer tipo de negócio, contanto que houvesse lucro e o caso ficasse abafado das hostes da justiça e da imprensa fofoqueira ávida por escândalos. O país vivia debaixo de futricas e violência estampadas nas manchetes das principais revistas de circulação nacional. A cidade maravilhosa que tanto André Filho cantou em versos, mantinha o toque de recolher a mando dos poderosos traficantes. Era a cidade das balas perdidas e do submundo onde prevalecia à lei do narcotráfico.

A sede da Construtora Braga de Temístocles ficava na cidade maravilhosa e ocupava um prédio inteiro da Avenida Atlântica. Para o Rio de Janeiro toda a semana Temístocles se dirigia para resolver seus negócios. E numa dessas viagens entre a província e a Corte, ex-capital da República, o empresário viajara ao lado de seu advogado Aderbal. A conversa foi se estendendo até os limites da vida pessoal de ambos. Aderbal ávido por holofotes e fama, tentando galgar um lugar destaque na sociedade baiana através do empresário, foi bajulando cada vez mais o ladino do Temístocles, até chegar o momento de lhe dar um golpe certo. Convidou-o para um passeio de escuna pela Baía de Todos os Santos num domingo de abril. E eis que no cais do Iate Clube, naquela manhã de sol e chuva feito casamento de raposa, surge Aderbal com a bela loura Marina a tiracolo. Foi o bastante para Temístocles se tornar o mais perfeito anfitrião. O passeio durou um dia inteiro

regado a rodadas de um bom “scotch”. Quando a escuna do empresário alcançou as imediações do Forte de São Marcelo, com o sol se debruçando para os lados da Ilha de Itaparica, à loura já estava completamente apaixonada por Temístocles. Daquela viagem inesquecível para todos foi um pulo até o empresário alcançar a própria alcova do casal. Temístocles, de chinfra, e para despitar ordenava o departamento jurídico de sua empresa mandasse Aderbal viajar para o Rio de Janeiro a fim de resolver qualquer pepino. E nessas ausências do advogado o namoro entre Marina e Temístocles foi se sedimentando. A ponto de uma noite de muita bebida e algumas fileiras de pó que eram aspiradas em notas de cem dólares, Aderbal arriou bêbado e o próprio Temístocles foi quem o ajudou a botar na cama. E após acomodá-lo traiçoeiramente, o fez de travesseiro, e empurrou a vara na esposa querida enquanto Aderbal, de sono solto, roncava do lado.

Agora estava ali, sentado na cabeceira do seu leito, metido em seu pijama, enquanto Artemísia diante da porta assistia o marido morto a dialogar com uma das amantes. A linda loura Marina de tufão nos quadris, vestida numa tanga sacana que mal dava para esconder a testa da xoxota. Aparecera nua com a mesma peça íntima vermelha de bico de cassa, quando há dez anos atrás, quando ele ainda era vivo, foi com o próprio num dos motéis da Avenida Pinto de Aguiar. A madrugada avançava e não havia barulho na avenida. As empregadas dormiam de sono pesado sem terem percebido que a velha perambulava pelo casarão. Artemísia Teixeira Braga, de terço em punho, tentava dissuadir o fantasma da intrusa dos domínios de Temístocles, só o queria para si, para que ele se dirigisse também a ela o enchendo de carinhos e lhe pedisse perdão em definitivo. Temístocles mantinha um tom de voz semelhante ao de um disco vinil fora de rotação, aquela voz grave, de barítono, que qualquer criança fugiria apavorada do quadro. No entanto, a velha debulhava seu rosário em meio a toda sacanagem que o marido praticava na cama. Temístocles de vergalho duro fazia gestos obscenos, a velha tapava os olhos com o xale. O velho marido começou a se despir lentamente alheio aos olhos de sua esposa, que da porta o mirava com o rosto rubro de vergonha e pudor.

Vinha do tempo a melodia “I Will Drink The Wine”, cantada pelo veterano Sinatra que cobria em parte a voz tumultuada de Temístocles. Era a canção preferida do empresário e que marcou o seu romance com Marina em tardes de pôr-de-sol pelo mar da Bahia a bordo de sua escuna “Odoiá”. A loura naquela aparição parecia que tinha o diabo

no corpo, dançava feita uma odalisca como nos haréns dos “sheiks” árabes. Os seios firmes, pontudos, tremiam a cada movimento e o bico ficava erigido. Ela se aproximava da cabeceira da cama e deixava o velho Temístocles se ajoelhar para sugá-los. Enquanto, ele com fúria apalpava a anca volumosa e macia da eterna paixão. O clima de namoro no passar das horas se tornava mais cálido aos olhos da velha Artemísia. E quando a loura tirou a tanga e brincou passando a peça pelo rosto do velho Temístocles, a velha que aquela altura já não suportava tanta esculhambação, esmurrou com força a porta do quarto e gritou exaltada:

- Basta! Chega de tanta descarração sumam daqui seus patifes! A minha casa não virou bordel! Nem mesmo morto, você, seu desgraçado, deixou de atormentar meu juízo. Vão pros quintos do inferno...

O idílio amoroso dos dois apesar da interferência da velha não parou pelos esbregues. Temístocles tinha o rosto marcado por uma máscara de profundo prazer e alegria, sorria no canto da boca de tanta tara. E Marina cada vez mais levantava a anca e aquele volume no meio da paisagem fria daquele aposento transformava-se numa escultura barroca. Aos poucos Temístocles foi se sentando enquanto escanchava aquela égua no cio em meio ao seu caralho duro. Não havia reza que fizesse aquela aparição desaparecer do ambiente. Os gritos de raiva de Artemísia alcançaram os aposentos das empregadas e em poucos segundos as duas pretas que já moravam na casa desde bastante tempo, oriundas de Cachoeira, na Bahia, robustas e bonitas, se depararam com a patroa de terço entre as mãos esmurando a porta. Era o amiudar dos galos e aquela cena inusitada fez com que as duas, na manhã seguinte, levassem D. Artemísia ao psiquiatra, a velha estava ficando doida, era o que se comentava na cozinha da casa.

## II

**E** eis que numa segunda-feira pela manhã D. Artemísia Teixeira Braga foi levada para o Centro Médico João das Botas onde ficava o consultório do Dr. José Hamilton Meira, médico psiquiatra e professor renomado da Faculdade de Medicina da Bahia, que há alguns anos vinha cuidando do seu caso. A cada visita médica tornava-se um transtorno para o universo quatrocentão de D. Artemísia. Ela se sentia devassada, evitava

que os seus problemas fossem conhecidos por um estranho. Mas não havia alternativa, já que não privava da amizade de ninguém na cidade. A maioria das amigas estavam mortas e os filhos longe de seus olhos, a relegaram ao esquecimento. Só havia as duas senhoras que cuidava dela e o motorista da casa. A casa no dia a dia era um paradeiro de causar tédio. O único barulho que se ouvia dentro do imenso casarão era quando as pretas conversavam na cozinha. O televisor era ligado num dos quartos dos serviçais, pois ela não gostava deste entretenimento. No telefone ninguém chamava. Uma vez por semana se ouvia um toque e era um dos filhos que morava em Miami cuidando dos negócios da construtora. As outras duas filhas viviam no Rio de Janeiro com os respectivos filhos, e pouco ligava para a velha Artemísia. Era um núcleo familiar problemático. Um filho não se dava com o outro. Eram inimigos. Os netos iam nascendo e ela própria nunca tinha visto o rosto de nenhum dos descendentes. Por ocasião do Natal ou do Ano Novo os filhos não apareciam e pelo telefone um esculhambava o outro para a velha sufocada de solidão e descaso implodir cada vez mais. O casarão da Vitória com os quatro moradores era uma assombração na paisagem. Por ali só circulava de estranhos o rapazinho forte entregando um botijão de gás todo mês, ou a visita dos agentes de saúde no combate à dengue. No mais era um paradeiro incomodativo e mal-assombrado.

O Dr. Meira, do alto de sua calvície e sabedoria, diagnosticou o caso da D. Artemísia como Depressão e prescreveu uma bateria de medicamentos controlados. No consultório o médico tentou aos poucos acalmar a velha, recordou a figura do esposo Temístocles, e recomendou que ela procurasse se distrair, fazer uma viagem, visitar as filhas no Rio de Janeiro e voltasse a sentir prazer em viver. D. Artemísia emburrada, de cara amarrada, pouca conversa deu ao psiquiatra, e foram as acompanhantes que relataram ao médico o que estava acontecendo com a patroa.

Voltaram todos para casa pensando que a paz de novo se instalara no casarão. E nessa mesma madrugada de segunda para terça, D. Artemísia tentava dormir quando de novo ouviu novo barulho no quarto de Temístocles. E se segurando para não descer as escadas e nem se deparar com a figura profana do marido, tentou rezar para que ele não a atormentasse. E num espaço de alguns minutos, enquanto ela terminava o primeiro mistério do terço, ouviu novamente um barulho, desta vez mais forte. Ela tentou não dar mais importância às patacoadas do marido morto, mas um aroma suave e forte dos

charutos Menendez&Amerino, os preferidos do morto, cobriu o seu aposento, e tomada por impulso resolveu verificar se era ele mesmo que estava de volta. Desceu as escadas, apoiando-se no corrimão de madeira, tentava não fazer barulhos para não acordar os serviçais, e ao chegar no aposento do morto, deparou-se com Temístocles, de telefone em punho, metido num terno bem cortado e de sapatos italianos com um charuto “Dona Flor” entre os dedos. Um certo alívio veio ao coração. Desta vez o morto não voltara para fazer esculhambação. E meio incrédula daquilo tudo que estava observando, sentou na cadeira de palhinha em frente ao morto e calada passou a observá-lo. O morto discava ao telefone, e com a voz, desta vez límpida e clara, ensaiava um diálogo com alguém do outro lado da linha:

- Boa noite, Hernani, desculpe-me o incômodo da hora já passada, mas eu sabia que você estaria acordado datilografando algum artigo para que o poeta Florisvaldo Mattos, a contra gosto, depois de muita insistência, publicar aos sábados no Cultural de A Tarde. Será que você não se manca que seus artigos são uma chatice!

Ao que o velho acadêmico e do outro lado da linha, intrigado, mas sem acreditar no que estava ouvindo, indagou-lhe:

- E quem é que está falando?

O morto tossiu um pouco, como lhe era peculiar nesse seu tique nervoso, sapecou:

- Não me diga, que você não está conhecendo a minha voz? É Temístocles Braga, disse você tenha certeza.

O acadêmico, ainda incrédulo, continuou o diálogo:

- Mas você está morto, homem. Eu mesmo fui ao seu sepultamento há dois anos atrás no Cemitério Jardim da Saudade, que brincadeira é esta de mau gosto? Pelo o que eu sei, os mortos não falam.

Temístocles sem perder o rebolado, emendou:

- Sim, e daí, você não está me ouvindo?

A polidez e o fino trato do acadêmico, mesmo numa situação embaraçosa como aquela, não lhe fez perder a compostura:

- Sim, estou ouvindo-o, mas julgo tratar-se de um trote.

Temístocles já meio aborrecido com o dissimulamento do acadêmico, disse-

lhe:

- Não se trata de trote, Soledade, sou eu mesmo, Temístocles Braga. Voltei para lhe telefonar por uma questão de caridade cristã, coisa que você preserva muito aí pela terra. Olha, para seu governo, vou lhe revelar agora, porque eu não sou cabotino, e não fico com a consciência tranqüila quando vejo um amigo sendo traído. Você desfilava na Academia de Letras apresentando a todos sua namoradinha Soraia, chegou até comprar um apartamento quarto e sala para ela no Farol da Barra, para que ela continuasse sendo sua amante. Mas você, Hernani, é um idiota, enquanto você exibia a amante, quem metia a vara naquela vagabunda era eu. Cansei de foder com ela quando você saía do apartamento deixando um bouquê de flores e uma garrafa de vinho do Porto. Você bateu soro várias vezes. Anda você metido nesse terno manjado, que todo mundo já conhece de longe, querendo ser o maior intelectual da Bahia.

O velho acadêmico não mais suportando as provocações do morto, disse-lhe:

- Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. Vá pro inferno, Temístocles, você está morto.

Braga deu uma baforada tão profunda no charuto que a fumaça cobria o rosto da velha esposa. Guardou a agenda de telefones na mesinha do quarto enquanto Artemísia disse-lhe:

- Quando você não aparece com suas libertinagens, vem para atazanar a vida dos outros. Deixa pelo menos seus amigos em paz, desgraçado! Será que onde você está não tem o que fazer?

A figura do morto desapareceu em meio à fumaça do charuto. A velha continuou a rezar o terço, sentada na cadeira que estava, e voltou em seguida para o aposento, com cuidado, para que ninguém da casa percebesse que ela andava feito um zumbi zanzando àquela hora por dentro do casarão.

O telefonema de Temístocles para Hernani Soledade causou-lhe um grande mal-estar a ponto de durante três dias o acadêmico ficar meio aéreo, fora do ar. E numa quinta-feira na reunião da Confraria, após o Presidente abrir a sessão, Soledade que já não se agüentava com aquela situação martirizando-o, pediu um aparte, e relatou o ocorrido perante todos os confrades que se achavam presente. Aquela confraria da sisudez e da cafonice foi aos poucos caindo na real. E um dos acadêmicos mais sarcásticos do sodalício

foi quem puxou a gargalhada seguida de todos que se embolavam de rir do episódio. Soledade, ao término do relato, ficou com cara de bobo sem achar uma lógica ou prova para o acontecido. O Presidente, meio constrangido com aquela situação, pediu a todos que se levantassem de seus assentos. Em pé iniciaram um pai-nosso pela alma do morto para que onde estivesse descansasse em paz. Ao término da sessão o burburinho dos grupeto, pelo Palacete a comentar a aparição era ainda motivo de muita chacota. Logo surgiu o boato de que Hernani Soledade estava doido e necessitava de tratamento psiquiátrico. Sepúlveda, um dos acadêmicos que era médico, chamou o colega no cochicho e lhe disse:

- Hernani, eu sempre contei com o seu apoio nessa casa. Inclusive tive o seu voto na ocasião de minha eleição, você chegou a cabalar muitos votos para mim, eu sempre serei eternamente grato a sua pessoa. Esse episódio tem um pouco de stress e trabalho muito que você vem desenvolvendo na elaboração da Enciclopédia de Escritores Baianos, procure, em meu nome, meu colega Hamiltom Meira, lhe afirmo que ele fará de tudo para acalmar a sua alma atormentada por fantasmas.

E com o tradicional tapinha, nas costas, se despediu do confrade, deixando no salão, feito um peru tonto, sem achar ninguém que com ele viesse se solidarizar. Viu a primeira porta em sua frente, deu meia volta, e destrambelhado, pediu ao poeta Carlos Cunha que lhe providenciasse um táxi para ele voltar para casa. O semblante de Hernani parecia de um morto, branco giz, de olhos esbugalhados nos quais notava que a loucura estava a caminho.

### III

**D.** Artemísia Teixeira Braga passou a fazer o uso dos medicamentos prescritos por Dr. Meira, que eram do tipo “sossega leão” que lhe deixavam travada com o pescoço teso e às vezes de olhar vesgo sem poder bater as pálpebras e que a fazia perder até a visão. Ficava a anciã naquele incômodo sem poder dormir, impaciente, com uma vontade de sair desbragadamente em disparada pelo imenso corredor do casarão para se livrar daqueles pensamentos malditos. Se permanecesse sentada, vinha aquela sensação de que o velho coração ameaçava parar. O estado interior era semelhante a um redemoinho levando para o ar papéis velhos, fotografias, notas promissórias, prospectos de propagandas, folhas

secas que se apagavam lentamente em sua lembrança. Além de lhe causar uma série de transtornos, as aparições abalavam a combalida saúde.

Dentro do casarão quando a loucura lhe permitia ter alguma atitude, sentava-se numa poltrona, calada ficava a mirar pela janela o mar da Bahia, com aquela luminosidade nunca vista em terra alguma. Lembrava dos paquetes, sua viagem de lua de mel na distante década de trinta para Buenos Aires. Recordava-se de que naquela época Temístocles aparentava ser um homem coberto de virtudes. Sempre solícito, cavalheiro, cobrindo-a de jóias raras quando do desembarque na capital portenha, promovendo lautos jantares a luz de candelabros, regados com um bom vinho, e a tirando para dançar tangos. Temístocles parecia uma pluma ao conduzi-la pelo salão, tendo de fundo um bandoneón marcando os passos.

Por alguns anos Temístocles manteve um serrado ciúme que a deixava um pouco lisonjeada ao se sentir amada pelo esposo, mas os anos foram mostrando a verdadeira face daquele amor. O dinheiro foi lentamente modificando a personalidade, restando um homem frio e sem afagos. Vieram os filhos, maternidade, encaminhamento para o mundo, ausências de carinhos, solidão do dever cumprido. Passou então a representar para ele mais um objeto desses que ele adquiria como “souvenir” em viagens de negócios, fazendo parte do acervo do casarão na Vitória.

As patacoadas de Temístocles ela tentava sublimar e manter em segredo para os serviçais da casa, mas foi gradativamente fugindo do controle. Certa tarde de julho, enquanto lá fora a vida acontecia e o povo estava nas calçadas vendendo bugigangas baratas do Paraguai com o estomago colado, Temístocles voltara a surgir com sua danação. As empregadas tinham saído para fazer as compras da casa no supermercado do Chame-Chame e ela se encontrava sentada na sala de estar a manusear a Revista Marie Claire, quando sentiu, vindo do aposento do marido morto, um cheiro forte de foda que a deixava em suspensão. Por alguns segundos tentou dissuadir, fazer de conta que não estava chegando às narinas aquele cheiro forte, apelativo que lhe remetia as trepadas de Temístocles. O odor foi invadindo a sala de estar a ponto de deixá-la envergonhada, num ímpeto levantou da poltrona e se dirigiu para o compartimento e ao chegar deparou-se com a cena mais chocante que seus olhos já enxergaram, estavam duas mulheres nuas em meio a Temístocles, também completamente despido, participando de uma suruba, na grande

cama de casal. Procurou a voz, estava embargada. Buscou forças para aquela descaração se diluir dos olhos, e passou a ouvir os gemidos lascivos que as duas mulheres expressavam no contexto daquela cena amorosa. E como que tomada de repugnância e ódio por Temístocles estar a promover aquela esculhambação dentro da casa. Deu meia volta e sentou de novo na poltrona da sala de estar. O barulho dos gritos das mulheres tomava a casa e o cheiro da fornicção inundava o ar. Tremendo foi até a peça onde se encontrava o medicamento para o delírio e sabendo que não era o horário de fazer uso daquele remédio, mesmo assim o fez. Por alguns minutos ainda ela ouvia os gritos vindo do quarto do marido e quando as empregadas voltaram das compras a encontrou dormindo de bruços na sala. Naquela madorna em que mergulhou, a figura de Temístocles lhe veio também em sonhos atormentando-a novamente. Ele se encontrava na pista de pouso do aeroporto Galeão com uma valise à mão, preparando-se para subir as escadarias que davam acesso à aeronave de um grande Electra da Varig, portava um de seus ternos linhos branco pérola, aparentava um semblante tranqüilo. A aeromoça, de farda impecável, recebia os passageiros à porta de entrada do avião com um sorriso nos lábios, e a cada passada que Temístocles empreendia nos degraus havia no piso uma fotografia de uma mulher exuberante, de batom acentuado, cabelos esfuziantes que lembrava Luz Del Fuego. As fotos eram mostradas como num celestópio gigante onde estavam todas as mulheres que na vida ele possuía para martirizá-la. Quando estava a bordo, sentado na primeira classe, a mesma aeromoça do “check in”, transformava-se em sua irmã mais velha de nome Hortência, que ela sempre odiou, e viajavam de mãos dadas. Em uma das turbulências do trajeto, quando o avião perdia a estabilidade, viu Hortência sapear em Temístocles uma grande colada escandalosa de alguns minutos. Teve uma visão de uma imensa escada que alcançava o solo e nela Temístocles, com uma corda no pescoço, era conduzido ao solo como um condenado.

Na casa de Hernani Soledade o temor e o desespero começaram a se instaurar no dono da casa, após o telefonema esdrúxulo de Temístocles naquela madrugada. Parecia que a figura do morto se abancara naquela residência para promover desordens. Aquele velho acadêmico de passado ilibado e corajoso transformou-se num homem covarde que não conseguia mais ficar sozinho dentro da própria casa. Se ele queria ir a qualquer cômodo da residência teria que estar ao lado da companheira. Ao banheiro quando necessitava fazer dele uso a esposa também o acompanhava, pois ele tinha pânico de

encontrar a figura de Temístocles à frente. Passou a viver enclausurado dentro do próprio aposento onde ele também fazia todas as refeições. O gabinete ele evitava com receio de que o telefone tocasse e do outro lado da linha fosse a voz do morto. Para a mulher ele não poderia expor o teor do telefonema. Estava numa sinuca de bico de ter que guardar em segredo aquele episódio. Somente contou à velha mulher que recebera um telefonema de um morto e aquilo estava lhe intrigando. A esposa ficou solidária com ele, o fazia companhia, e sugeriu-lhe que ele mandasse rezar uma missa pela alma do falecido, já que por aqui na terra nada mais se podia fazer pela alma do morto. Ele acolheu de bom alvitre e pediu à esposa que fosse à Igreja da Vitória providenciar a celebração da missa e que também telefonasse para D. Artemísia para lhe comunicar a data da celebração.

Por um período de uma semana Temístocles não deu o ar de sua graça, mas por toda Bahia a sua aparição fora comentada, sobretudo o telefonema ao acadêmico. As suas patacoadas no casarão da Vitória ficaram restritas a um seletto grupo de professores da Faculdade de Medicina quando da reunião de uma junta médica formada pelos doutores: (José Abraão Carneiro Neto, Gervásio Araújo, Mariston Rafael Alves, Roberto Miguel, Rita Citrim, Carlos São Paulo, Egberto Ferraz) convocada por Dr. Rubim de Pinho para analisar o quadro psicótico de D. Artemísia que a cada dia evoluía sem uma solução.

Aquela paixão que Hernani Soledade nutria por Soraia estava no limbo do esquecimento, mas a lembrança da estampa acendeu no velho acadêmico a chama do desejo de um dia poder rever a ex-amante. Só que Soraia já não morava mais no Brasil, estava casada com o Monsieur Cantal, Professor de Literatura Brasileira com sua cátedra na Sorbonne Nouvelle, Paris III, em Censier Daubeton. Monsieur Cantal fora responsável pelo o intercâmbio entre a Bahia e a França com poetas de cordel e mantinha em seu departamento uma das maiores coleções de folhetos populares do mundo. Para Soledade, depois de um longo período de ausência, tentar se reaproximar de Soraia, poderia empurrar todo o passado acadêmico no ralo, o romance vir à tona e finalmente chegar aos ouvidos da devota mulher que nem sonhava que ele também era um cafajeste.

A missa fora marcada para sete e meia da manhã de uma segunda-feira, sem grandes alardes somente com a presença da família do falecido. O celebrante era de todos ali conhecidos, visto que o próprio Temístocles doara no passado uma vultosa quantia para restaurar a sacristia do templo, no Largo da Vitória. O falecido contava com dois anos que

já tinha partido do convívio dos vivos. Entre D.Artemísia e Soledade havia no ar algo de misterioso pelo que ambos evitavam se olhar, mas era inevitável que ao término da cerimônia Soledade fosse cumprimentar a viúva. A saudação formal e de praxe fora feita pelo o acadêmico o qual indagava da velha senhora sobre a sua saúde. D. Artemísia chamou Soledade em particular num canto do altar-mor e disse-lhe:

- Olhe, Doutor, eu lhe agradeço muito por esse gesto de mandar celebrar uma missa pela alma daquele desgraçado. Eu queria revelar para o senhor que no dia daquele telefonema na madrugada do calhorda do Temístocles, eu fui testemunha, não é só o senhor que vem sofrendo com a visagem, não. Eu espero, doutor, que com a celebração dessa missa os aprontes que ele também vem fazendo lá em casa se finde em definitivo.

O semblante do acadêmico ao ouvir a revelação da viúva demonstrava um ar de desesperado. Estava ali a confirmação de que ele não estava doido, porém a mulher, sentada no banco da igreja os observava de longe. Ele então rogou à velha viúva que mantivesse em segredo aquela brincadeira de mau gosto perpetuada por seu marido morto. Despediram-se os dois naquele constrangimento, enquanto o sacristão providenciava fechar as portas do templo.

#### IV

As visagens de Temístocles não tiveram tréguas, o danado continuou aparecendo no casarão mesmo com a celebração da Santa Missa. Os objetos da casa passavam a flutuar pelo espaço, contrariando a Lei da Física. No aposento onde ele se apresentava as danações, a cadeira, a mesinha do console e a pesada cama de casal de jacarandá ficavam suspensos, acima do chão, flutuando desordenamente. Era mais um pandemônio causado sob a chancela do endiabrado. Os empregados passaram a ficar receosa, de pulga atrás da orelha a imaginarem de quem seria aquela assombração se o único morto da casa era o Dr. Temístocles Braga. Nessa mesma época D. Artemísia perdera a visão por completo. Vivia agora por dentro do imenso casarão Tateando a parede para chegar até a sala de estar, onde ela costumava se abancar para ver a paisagem. A cegueira, em parte, trouxe para a velha senhora um certo alívio em não poder mais testemunhar as cenas de sacanagens que o marido morto encenava no seu aposento. A cegueira faria com

que a velha mergulhasse em lembranças e esquecesse o cotidiano da casa. Viveria para orações e o debulhamento de terços à Virgem Santíssima para que tivesse piedade da alma do marido e o salvasse da chama do Inferno.

Os dias foram passando para a velha como numa eternidade, aquele mamparramento das horas, em que os ponteiros do relógio do tempo não mudavam de lugar. Daqui que a hora do Ângelus chegasse para ela contrita se benzer e fazer as orações demorava um século. Assistir aos programas de televisão para ela seria uma perda de tempo desnecessária. Então, como não havia nada que fazer naquelas horas entendiosas, e a leitura ela não podia mais exercer, e nem gostava de ficar ouvindo a imbecilidade da musica axé baiana, nem os pagodes ridículos que eram tocados nas emissoras de rádio da província, resolveu que voltaria a tocar o piano de caudas que há trinta anos estava esquecido na sala de visitas como um trambolho. Pediu então a umas das senhoras da casa que tirasse a poeira, com esmero, daquele instrumento que lhe era tão terno à sua memória. Abriu a tampa vagorosamente do instrumento e por alguns segundos deslizou as mãos magras e finas como que acariciando as teclas brancas de marfim, e procurou com a ponta do dedo anular roçar com a unha as teclas pretas de ébano para reencontrar-se consigo própria. Ela tinha estudado piano no Conservatório de Música com a maestrina Maria Manso, no tempo em que o marido, os filhos, a casa não faziam parte da história. Ali, diante do seu piano, cega, tentando com o tato encontrar nas reentrâncias um novo significado para a vida. Via surgir os rostos do passado, o nome dourado da marca do instrumento “Steinway”, de formato crapaud, inúmeras partituras que ela havia estudado com a Profª Maria Manso, sobretudo as que ela mais amava e que vinham à lembrança. Esse piano fora presente do pai, adquirido no Rio de Janeiro, transportado para a Bahia no navio cargueiro “Aliança”. Vinha-lhe o sorriso de seu pai com a papelada da alfândega, avisando-lhe da chegada da novidade. Ele ainda estava com o colarinho suado do esforço para lhe fazer a surpresa. Uma lágrima começara a cair dos olhos pingando nas teclas brancas de marfim. Suspirou e viu a casa paterna repleta de compoteiras de cristais pelas cristaleiras com doces de figo esverdeado naquelas tardes de outono e frio. O cheiro dos sequilhos de nata invadindo o ar, a roupa lavada exalando patchuli, a presença da mãe colocando a fragrância Roger&Gallet, após o banho que ficava inundando a casa até o anoitecer, o pai chegando do escritório na Rua Chile trazendo-lhes caixas de sabonetes Maja. O tempo era perfumado e tinha a cor

dos olhos de sua mãe, melosos e eternos. E como que inebriada passou a executar o Concerto para Piano e Orquestra nº 5, opus 73, sobretudo o Adágio um pouco mosso, de Beethoven. O casarão parecia que ia se renovando. As duas senhoras que estavam na cozinha correram até a sala quando ouviu as primeiras frases e começaram a abrir as janelas da sala, logo réstias de luz coloriam o ambiente. Parecia que a vida naquela casa tomava novo rumo. A partitura vinha toda depois de trinta anos sem tocar aquela peça. E contaminada pela emoção de voltar a tocar começou em seguida Noturno, Opus 9, Nº 3 - 2 em Mi bemol maior de Chopin. As empregadas limpavam com os seus aventais as lágrimas que desciam de seus olhos, e sentadas, permaneciam à volta, trocando olhares cúmplices entre si de felicidades, por estarem testemunhando D. Artemísia voltar a sentir prazer na vida. E assim por toda à tarde a viúva de Temístocles Braga em concerto povoava de melodias o velho casarão da Vitória.

## V

As contas da casa eram pagas pelo filho de D. Artemísia que morava em Miami. Ao final de cada mês ele enviava para uma determinada agência bancária no Campo Grande a quantia suficiente para a mãe gerir todas as despesas. O motorista e a empregada se encarregavam de fazer o pagamento dos boletos bancários. Num dos shoppings da cidade D. Artemísia adquiria seus tailleurs, os calçados, roupas íntimas com a ajuda da governanta.

Quando o dia se mostrava vistoso sem nuvens cobrindo o céu, D. Artemísia pedia que o motorista tirasse o Mercedes da garagem e fossem passear com ela pela orla. Saía nessa embaixada à empregada mais velha da casa sentada no banco da frente e a viúva que se acomodava no banco traseiro com os vidros laterais abertos a sentir a brisa que batia do mar da Bahia. A cada passagem em determinados pontos onde o mar se mostrava exuberante, D. Artemísia era notificada pela acompanhante para que tomasse conhecimento da beleza que se debruçava aos seus olhos. O motorista então parava o automóvel e as duas desciam do carro e caminhavam um pouco pelo calçadão da Orla marítima. Soprava uma brisa leve que vinha do leste esvoaçando os cabelos grisalhos cor de prata da velha senhora que apoiada no braço da sua fiel acompanhante caminhava a passos lentos. Apesar de cega

bastava para D. Artemísia estar próximo do Oceano Atlântico quebrando na praia e o sol morno caminhando no horizonte para o crepúsculo. Naquelas tardes ela viajava sem pressa, sem desespero com a paciência dos andarilhos que buscam paisagens sem delas jamais se bastarem, a velha senhora percorria com seu Mercedes Benz desde o Porto da Barra até o final do Farol de Itapuã. E ao término de seu passeio, pedia então ao motorista que contornasse em frente à casa onde morou o poeta Vinicius de Moraes, e que depois seguisse pela rua onde vivia o poeta baiano Ildásio Tavares. O automóvel seguia lento e a acompanhante ia descrevendo para ela com atenção e num tom delicado as fachadas das casas do Principado de Itapuã onde lá também habitava o poeta jacuipense Antônio Passarinho. Os passeios da velha senhora bem que poderiam servir de motivo para alguma canção doce e maneira de João Donato tal o lirismo de seu deslocamento.

Ao chegar num desses dias à velha senhora ordenou aos empregados que tirassem todos os móveis do aposento de Temístocles, desarmasse a cama, deixasse o quarto vazio, passasse a chave e levasse todos os breguetes para o socovão. Tentava assim dar um basta na transmutação esquisita de seu marido. A casa, porém respirava um novo ar; flores naturais voltaram a colorir o ambiente, a decoração de todos os cômodos foi mudado. A governanta, oriunda de Cachoeira sugeriu à dona da casa que fizesse uma defumação por semana em todo o casarão, para espantar os maus fluidos e a presença dos Egun, pois há muito tempo que ela estava sentindo algo de estranho: ficava tonta, o corpo se arrepiava ouvindo vozes de morto pelos corredores. Em sua terra por muito pouco ela já teria pedido ajuda a uma mãe de santo.

Para a formação religiosa de D. Artemísia seria uma heresia permitir em sua casa uma sessão de descarrego ou a entrada de uma babalorixá para arriar nos fundos da casa, na escarpa da Vitória, algum ebó. O candomblé, a religião das duas negras que cuidava da casa, não era bem vista aos seus olhos. Ao culto dos afro-descendentes ela tinha verdadeiro pavor. A velha por ter sido educada num colégio interno, sob os moldes do catolicismo ortodoxo, toda sorte de preconceito e racismo ficara embutida em seu caráter. A viúva do casarão da Vitória ainda vivia em pleno século da globalização perversa, como se a escravidão não tivesse sido extinta. Decerto que não mandava as empregadas para o tronco, nem tinha feitores, mas o tratamento dispensado a todos da raça negra, sobretudo seus serviçais, era pautado numa visão colonialista, de exploração e dominação. A Bahia

era assim enquanto se dizia da boca pra fora que não se tinha preconceito nem racismo para com a raça negra, os dados estatísticos revelam que a maior parte dos extermínios de vítimas da violência no Estado era praticado contra negros, sobretudo adolescentes de baixa renda e que preto na Bahia era proibido, mesmo pagando, de participar de algum bloco carnavalesco de branco, que todo ano desfilam no circuito Barra - Ondina, para turistas participarem e fotografarem, levando para suas terras fotogramas falsos de uma Roma Negra. A Bahia vivia uma hipocrisia racial de fachada. Preto e pobre sempre foi visto com desdém na terra onde a maioria de sua população é constituída de negros e mulatos. A religião dos afro-descendentes sofreu toda sorte de perseguição por parte do aparelho repressivo do Estado; negro na terra da negra do acarajé tinha que louvar e adorar os santos dos brancos. Somente a partir de 1985 é que a liberdade de culto tornou-se Lei no país. E nem com isso fez deter a campanha difamatória patrocinada por outro culto religioso Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus contra o candomblé na Bahia. A perseguição também tinha tentáculos na própria Igreja Católica. O Cardeal Primaz de Salvador numa tentativa de excluir a participação dos negros com seu culto em templos baianos, transferiram intempestivamente da sua Arquidiocese para os confins do país, sob a anuência de Roma, Dom Gilio Felício, bispo negro, amado pela comunidade negra baiana, que na terra do Dendê não fazia distinção entre Deus dos Negros e Deus dos Brancos. Deus não tem raça, nem cor, pelo que se imagina.

Por tudo isso, não era de se estranhar que a Dama da Vitória torcesse a cara quando se aventava o termo afro “candomblé”. E assim, D. Artemísia, que tinha se restabelecido da depressão o imaginou que tirando os pertences de Temístocles do quarto, ele não mais voltaria para atazaná-la. Foi quando todos da casa tinham saído para fazerem as compras no supermercado, ela estava sentada na sala de estar com o pensamento distante, quando sente uma mão tocar seu ombro, e, assustada, gritou:

- Quem é que está aí?

Temístocles de terno e gravata sentou-se à sua frente e respondeu:

- Não se assuste, sou eu e não vim para causar transtornos.

A velha que não esperava aquela visita surpresa, disse-lhe:

- O que o levou você agora a voltar? Já não lhe bastaram tantos aborrecimentos que você, causou com suas patacoadas? Eu já estou farta de suas

molecagens.

O morto tentando redimir-se tocou a mão no ombro da velha esposa e falou:

- Será que você não percebeu que tudo aquilo que lhe mostrei era no fundo uma forma de lhe revelar o quanto fui verdadeiro mesmo sendo um cafajeste. Olha Misa, mesmo de onde estou passei a admirá-la e voltar a amá-la.

A velha, tentando entender o caráter e o desvio de personalidade de seu marido, respondeu:

- Só que agora é tarde. Você está do outro lado e já não há mais nada para fazer para salvar o sentimento que lhe devotei durante cinquenta anos. Você está morto e só me resta rezar por sua alma atormentada de aprontes. Eu não tenho ódio de você de maneira alguma, só sinto que fui uma completa idiota ao me permitir que você desse o tempo todo às cartas do nosso romance. Eu o perdôo por todas as suas traições. Vá para o lugar de onde você veio, mandarei de novo celebrar uma missa por sua alma, vá em paz, Temístocles.

E do mesmo modo que ele surgiu, naquele silêncio que não incomodava a tarde, Temístocles partira da sala sem deixar rastro de sua aparição.

## VI

Numa tarde na Confraria dos Letrados na ante-sala do Gabinete do Presidente, os funcionários da casa estavam envolvidos na remessa de correspondências para o lançamento de um volume caudaloso sobre a cultura baiana de autoria do escritor Jafé Teixeira Borges, quando desponta esbaforido o acadêmico Hernani Soledade, de colarinho encardido, suando muito, subaqueira aparente e um odor que lhe era peculiar, à procura do presidente da casa. Carminha, a solícita e exemplar funcionária o recebeu com um sorriso franco. Hernani, imerso naquela ansiedade mal queria esperar a saída do Secretário de Cultura do Estado que estava em visita de cortesia ao Professor Almachio Diniz pela sua reeleição para presidência da casa por mais um biênio, e que estava representando o Governador do Estado.

O poeta Carlos Cunha entrou em campo para acalmar Soledade e surgiu da sala com um pacote pardo contendo raridades bibliográficas impressas na Bahia. Os olhos

do acadêmico faiscavam de curiosidade ao manusear aqueles exemplares. Anunciado por Carminha, o acadêmico Soledade adentrou a sala de reunião da presidência. O poeta Cunha, então, pediu ao garçom que levasse até o “Gabinete”, uma bandeja com três taças de água para as visitas. Ao entrar no recinto o garçom, um sujeito calmo e educado, que uma vez por semana freqüentava também um terreiro de candomblé na Ilha de Itaparica e fazia as obrigações anuais para o santo, estranhou que o poeta Cunha tinha se passado e não estava atento naquele dia, devido aos preparativos do lançamento do Dr. Jafé, pois na sala estavam quatro pessoas, e faltava mais uma taça para o convidado. O garçom participou do fato ao poeta e esse estranhou, pois quem estava com Presidente era somente o Secretário de Estado e o acadêmico Soledade que acabara de entrar. Intrigado, o poeta Cunha mandou que o garçom retornasse com mais uma taça já que havia mais um visitante na casa. E ao retornar com a taça, os que estavam na sala estranharam o garçom se dirigir para a cadeira ao lado de do acadêmico Hernani Soledade e solenemente depositar a água para uma cadeira vazia. Hernani, que aquela altura teria vindo para participar ao presidente de que aquele episódio do telefonema do morto Temístocles era de fato verdadeiro, após a revelação da viúva na Igreja da Vitória, olhava o garçom com desconfiança. O Secretário se despediu e o presidente o acompanhou até a porta. Parado no lado da sala, o garçom observava o cavalheiro ao lado de Hernani entornar a taça de água. Para encontrar o diabo não é preciso fazer madrugada. O poeta Cunha retorna ao gabinete e diz ao garçom:

- Só há o acadêmico Soledade na sala, de onde você tirou, Edgard, o estranho cavalheiro?

Ao que o garçom estático via aquele homem alto, bem trajado, de aparência nórdica sentado ao lado do acadêmico.

- Eu não estou inventando, o senhor não está vendo o homem aí? Até a água que coloquei, já tomou, observe a taça. Doutor, se ninguém saísse do seu, o diabo não teria o que fazer.

Hernani, que estava desconfiado, disse:

- Ele ainda está aqui do meu lado?

O garçom respondeu:

- Está. Ele ainda está do lado do senhor.

Hernani então falou:

- Com quem ele se parece?

O garçom seguro respondeu:

- Eu não tenho a menor dúvida, esse senhor já freqüentou essa casa. É o Dr. Temístocles Braga, o dono daquela construtora.

Todos se entreolharam espantados, e Hernani começou a ficar com o corpo arrepiado de pavor. O poeta então falou Ao garçom que perguntasse ao invisível cavalheiro o que ele desejava. E Temístocles respondeu para que todos ouvissem:

- Estou aqui para testemunhar a canhalice de que Soledade é também capaz. Além de ser uma vivandeira, ele está conspirando para se eleger como próximo Presidente dessa casa.

E como que por mistérios desapareceu da sala, ficando a taça vazia em cima da mesa onde ele tinha bebido para espanto de todos que presenciaram a passagem também pela Confraria dos Letrados da Bahia.

## VII

A cegueira tomava conta de D. Artemísia Teixeira Braga deixando-a às vezes completamente inútil perante o mundo. A cada visagem do marido em seu casarão o limiar entre a vida e a morte caía por terra. Os remédios não a sedavam o suficiente para não poder enxergar a figura esdrúxula do morto atormentando-a. Se abrisse a boca no mundo poderia ser internada num desses hospitais que ainda utilizam camisa de força e eletrochoque para barrar a loucura. Ela, internada num desses hospitais psiquiátricos da Bahia, seria motivo de chacota nas rodas da sociedade baiana. O seu passado estaria posto a prova e a tradição que ela ainda mantinha de pé poderia avacalhar-se a ponto de ser vista somente como a “viúva endiabrada da Vitória”. Ninguém acreditava no seu relato, somente Hernani Soledade, que poderia entendê-la, mas havia um problema grave, o teor daquele telefonema ela tinha de guardar em segredo, punha a pique a estrutura da relação conjugal do acadêmico.

E eis que numa tarde, a governanta da casa veio lhe comunicar que havia

uma moça de roupas extravagantes de nome Soraia Albuquerque, e estava querendo lhe fazer uma visita. Por alguns segundos tentou rememorar de onde conhecia aquela criatura que batia à sua porta. Então lembrou que era mais uma das amantes de Temístocles e que agora aparecia pessoalmente. E sem entender o que desejava aquela moça, já que a uma altura daquelas nada mais a surpreendia, mandou que a trouxesse até a sala onde ela estava.

Soraia se vestia como se estivesse num festival de hippies, com “piercings” nos lábios e na sobrancelha, os cabelos longos encaracolados e a pigmentação da pele como se estivesse sem ver a cara do astro rei desde bastante tempo, trazia aquele bronzeado bufado, típico de sul-americano quando demora no Velho Mundo. Ao ser conduzida pela governanta, batia os olhos em todos os movéis da casa e refletia em sua expressão um certo encantamento em estar naquele ambiente tão requintado. Sentada numa poltrona, estava a velha Artemísia que pediu à governanta que a deixasse a sós. Por alguns segundos Soraia observou a velha e sentiu um pouco de constrangimento em vê-la naquele estado.

- Boa tarde, D. Artemísia. Eu vim trazer minhas condolências à senhora pelo falecimento de Dr. Temístocles, mas estou aqui também para participar a senhora do que de esquisito tem acontecido após o falecimento de seu marido. Resolvi, então, procurá-la, pois onde moro não há parentes do falecido para eu participar dos fatos que vêm acontecendo há quase dois anos.

A velha recebeu aquela visita como um verdadeiro bálsamo. Diante daquele intróito ela tinha a consciência, que não estava louca como muitos a consideravam. Ficou a observar com cuidado o timbre de voz rouca daquela moça e imaginar como seria a verdadeira fisionomia. E Sofia passou a relatar à viúva os estranhos acontecimentos em que se viu envolvida. Há cerca de dois anos em Paris no seu apartamento no Boulevard de Port Royal, próximo a estação Mouton Duvernet, o seu ex-amante tem surgido de forma acintosa sem respeitar sequer a presença do seu marido, o Professor Cantal. Estava ela tomando banho na banheira quando surgiu Temístocles nu, de membro ereto convidando-a para namorar. E até em sua sala de aula na Universidade de Vincennes, ele também já surgiu sentado na frente de seu bureau, atazanando a vida e lhe dizendo palavras amargas que enodoava sua alma. Soraia buscou todo tipo de teoria para que houvesse uma definição lógica para aqueles acontecimentos. E como estava na Bahia para resolver algumas questões de ordem prática da sua vida resolveu procurá-la. D. Artemísia de cabeça baixa

ouvia tudo atentamente. E ao término do relato lhe disse que nada daquilo que ela contara era novidade. Na sua casa as mesmas patacoadas vinham acontecendo e que até o Dr. Soledade fora incomodado numa madrugada por um telefonema do próprio Temístocles. A moça então perdera a chave e a sua expressão foi mudando diante daquela revelação. Imaginava Soraia que jamais D. Artemísia saberia dos seus romances do passado. Mas a Bahia é pequena e nem os mortos respeitam o próprio silêncio perante o tempo. A Bahia é badalo e os seus habitantes a detonar toda sorte de privacidade.

Para D. Artemísia aquela visita era incômoda por ela ter que suportar as confissões da ex-amante do marido e assim questionou à moça o que lhe levava a se envolver com um homem já de idade e que nem boniteza ele demonstrava aparentar. Soraia então lhe revelou que se apaixonara pelo poder e não pelo homem e que l'argent revirara a cabeça, mas que ela estava casada e as aventuras amorosas da adolescência até hoje atormentava. E se D. Artemísia o perdoava também por sua traição e porque não mandar celebrar uma missa pela alma do morto. A velha disse-lhe que aquilo já tinha sido feito pelo próprio Doutor Soledade e que não resolveu a situação. Temístocles continuava com as visagens a incomodar meio mundo.

Logo a notícia de que Soraia Albuquerque estava de volta à terra dos templos barrocos repletos de ouro e prataria correu a província boca a boca. E num destas cerimônias no Palacete a morena da perdição, culta e bela, surgiu a tiracolo com o escritor Fernando Ramos, de Feira de Santana, numa tardezinha de autógrafos do poeta Zeca de Magalhães. Ambos entraram naquela tarde de julho no grande salão, falando um francês polido, permeado de citações verleniana que encantavam aos ouvintes que ali se encontravam. A casa estava cheia e o vinho do Porto com os gostosos canapés circulava, em fartura. O poeta José Narciso de Magalhães estava recebendo também naquela data uma comenda do Governo do Estado pelos serviços prestados à cultura baiana através da Organização Não Governamental - (CRIA), que estava instalada num dos casarões do Pelourinho e realizava um trabalho poético com adolescentes de baixa renda da periferia da capital baiana.

Soraia Albuquerque sempre foi de causar destaque em qualquer ambiente, sobretudo pelo porte de Miss e a silhueta barroca que lembrava um quadro do pintor flamengo Rubens. O escritor feirense recordava passagens da estadia na terra de Boris

Viann quando bate os olhos no acadêmico Soledade e avista para ela imersa no bom vinho. O acadêmico ao perceber a presença da morena ficou pálido de uma maneira que parecia que não havia uma gota de sangue em seu rosto atomatado. E em vez de se aproximar da eterna paixão, deu meia volta no salão e saiu de fininho como o diabo corre da cruz. Soledade na verdade não queria agüentar o que o cão enjeitou no inferno. A moça estava naquela noite com o diabo no couro. E o diabo não era tão feio como se pinta. A bela Soraia, notando a recusa do seu ex-amante, fez de contas, que não percebeu a atitude e continuou numa roda de intelectuais baianos a discorrer sobre o acervo do Museu Beaubourg e o que lá existia sobre a literatura baiana. O poeta Cunha que a tudo assistia de parte fez boca de riso quando Hernani Soledade bateu em retirada. Parecia que a Bahia inteira estava atenta àquele desenrolar daquela história. Quando a noite foi caminhando feito uma criança que quer colo e canções de ninar que lembre sempre as mães Soraia e Fernando se dirigiram num táxi para o restaurante Axêgo de Manoel e Lia, no Largo do Pelourinho, para ali terminar a noitada.

## VIII

A velha viúva da vitória continuava na vidinha doméstica, nada mudava a rotina. Até que um dia numa noitinha de outono de ventos fortes vindo do leste, Temístocles surgiu em definitivo para lhe fazer um pacto e lhe pedir perdão. Sentou-se na poltrona do quarto e disse-lhe:

-Acabe com todo esse conceito que você vem fazendo ao longo do tempo sobre a minha pessoa. Abra seu coração e me perdoe. Se você aceitar, todas as noites dormirei em sua cama. Amor, pelo que eu saiba, não tem idade, é igual a vinho velho francês cada vez melhor.

O manto da tarde desce diariamente sobre o casario do Corredor da Vitória, e Temístocles todas as noites se aconchega ao lado da viúva para dormir, é o que me dizem.

## NAS COIVARAS DE FOGO DAS LABAREDAS DESSE ROÇADO

*“Minha pátria é minha infância,  
Por isso vivo no exílio.”*  
Cacaso in Fábula

**Para Tiago, Abraão Neto, Daniel, Yuri, Ciro, Rafael, Lucas, Diego  
do Zé e Moisés**

O avô de um menino nunca devia morrer, mas permanecer nas manhãs de frio, na velha casa paterna coberta de dalias e angélicas desabrochadas pelos quintais. Os avôs deveriam ser eternos e deviam ser cunhados em bronze para ficarem eternamente em nossas casas, acompanhando passo a passo a nossa trajetória nessas quadras tiranas.

Os avôs sempre cheiram a cânfora, a bálsamo de bengüê, a um perfume antigo que não mais se comercializa nas perfumarias. O tempo traiçoeiro, implacável, que a tudo destrói, vai ceifando os momentos eternos, a doçura da voz, as melodias dos cânticos embaladas por trovas de Gonçalo Anes Bandarra que vinham embrulhadas na toalha da memória e farfalhava como palhas solitárias de imensos coqueirais em meio à paisagem esquecida. Os avôs não deveriam ficar circunscritos ao território plano e quadrado de velhos álbuns de retratos, esquecido numa gaveta mofada, onde a cola arábica das cantoneiras aliada a traças endiabradas, corrói as velhas imagens que o próprio tempo ajudou a apagar. Porque os avôs partem sem se despedir dos netos?

Eles que tudo guardam, até mesmo um velho Almanaque Capivarol de 1921 repleto de palavras cruzadas e cartas enigmáticas, uma flâmula de um time de futebol que não mais existe, uma latinha de pastilha Valda, charges e mais charges de Péricles com o

Amigo da Onça, gibis de Tarzan da Editora Brasil América, envoltos em um tecido azul de fustão bordado com bico de cassa que a nossa avó costurou depois de uma bela foda depois do almoço.

As casas dos avôs cheiram a azeite italiano, manteiga de garrafa, requeijão, rapé, garrafa de Mirinda gelando na velha geladeira Frigidaire, engradados de madeira Fratrelli Vita, uma velha edição da revista O Cruzeiro com os Arquivos Implacáveis de João Condé, no fundo de uma gaveta, mergulhado em bolinhas de naftalina.

Meu avô Augusto tomava-me pelos braços, conduzia-me pela beira do Rio Jacuípe, enquanto a tarde desmaiava no colo do crepúsculo. Nessas andanças passei a observar a dura labuta dos oleiros, imersos até o joelho no lamaçal do massapê, a construir telhas e adobes para o povo de minha terra. Aquela paisagem tinha o tom amarelado. Meu avô usava uma roupa cáqui amarelo como se estivesse na antiga força volante dos macacos. Porque a paisagem da lembrança vem adornada de amarelo?

Meu avô Asclepíades portava uma pequena foice na mão, com a qual descruzava pelos caminhos todos gravetos em cruces no solo, e dizia-me: “de cruz meu filho, basta a que Nosso Senhor carregou até o Gólgota, para que elas em nossos caminhos?”. Ele seguia em sua passada firme como se estivesse desbravando uma cidade perdida dentro daquele catingal.

Meu avô a todos conhecia na pequena cidadezinha e em cada casa de conhecido tinha suas paradas obrigatórias: Olímpio, que no fundo da casa, num quartinho, de Dr. Manuel dos Santos Mascarenhas, que depois foi à tenda de sapateiro de Amorzinho, colocava umas pencas de banana da prata amadurecida em exposição, numa cordinha encardida de sisal acima do parapeito da janela, ali ele parava para prostrar sobre o tempo. Se pelo caminho ele topasse com a figura gigante e esquelética do cego Pedro da Hora, se estabelecia novamente um diálogo sobre as novidades que estavam acontecendo naquele ermo. Na casa do esquisito Abdias Carneiro discutiam a administração paroquial sob a luz do Concílio, a Igreja devia caminhar para onde estava o povo, ir à busca dos pobres, deixar de bajular ricos e abrir as portas de seus templos para os pobres entrarem.

À boquinha da noite, meu avô aparecia em nossa casa e sua presença fazia com que sua silhueta se tornasse parte daquela geografia jacuipense. Ele chegava silencioso, com o inesquecível pigarro e o cheiro de bálsamo de benguê que cobria o avarandado. Meu

pai se preparando para tomar banho depois da labuta no Cartório, minha mãe fazendo biscoitinho de nata, minhas irmãs de férias se articulando para algum “assustado”. A casa vivia repleta de mocinhas da cidade naquela algazarra adolescente rifando namorados a rodo.

As noites tinham um ar de saudade e eu intuía que elas seriam breves. Na mesma brevidade que foi os acontecimentos em minha vida. Meus pais se foram muito cedo, minha irmã mais velha Maria, seu esposo Gildásio e meu irmão Lincoln, o caçula, também se foram sem me dar um único beijo de despedida.

Meu avô chegava naquela penumbra em que a cidade estava mergulhada, era junho e a fatura tomava conta do tempo. A luz fraca dos postes acesos por Paixão, cobertos de mariposas, fazia de minha rua algo de fantasmagórico. Sempre vi meu avô coberto de remorsos, pedindo clemência a Deus pelos pecados, e meu avô nunca pecara nessa via dolorosa de gemidos e lágrimas. O catolicismo ortodoxo que praticava assemelhava-se ao de um monge no deserto, como o santo Carlos de Foucauld, servo de Deus.

Meu avô no deserto do sofrimento passava as madrugadas debulhando um rosário, gemendo do passado. Vinha naquelas noites em que nos visitava com o ar dos eremitas repleto de histórias de assombrações. A história da escrava Lucinda na Fazenda Queimada da Boa Vista, perto do Campo Alegre, aterrorizou minha infância. Ao dormir eu ouvia a velha escrava gemer ao meu lado. Também me amedrontava a aparição do Diabo nas terras da Baixa Grande, na Fazenda Coqueiro, onde tio Filhinho morava com a filha velha sem nunca se ter casado.

Meu avô Augusto Asclepíades surgia na hora do ângelus, trazendo o rosto de temor como se estivesse o tempo inteiro numa quaresma. Meu avô era um santo e eu não sabia. Dentro do quartinho onde ele vivia, notava-se ao entrar de chofre, um exemplar volumoso da Bíblia, forrado de plástico vermelho na mesa de trabalho, além de registros de santos pelas paredes, pindobas bentas atravessadas nas janelas para afugentar tempestades e latas e mais latas que Tia Aurinha mandava da capital da Bahia repletas de rapadura e doce de caju cristalizado.

Meu avô Augusto Asclepíades de Oliveira, judeu desterrado, cristão novo, era doce como são doces todos os nossos avós, e se parecem com dias de chuva quando não

podemos sair de casa e ficamos temerosos com os relâmpagos e trovões. Quando bate o tempo frio, os avós se assemelham aos capotes coloniais que agasalham nas invernadas. São macambiras floridas em nossos boqueirões de ilusões, gravatás e caroás espalhados por nossas vidas. Ainda pingam gotas de orvalho na lembrança de suas pegadas, aceiros de alecrim perfumando nossos roçados.

Meu avô caminhando cego pelas ruas onde não mais existem Olimpio, Pedro da Hora, Torquato, Abdias. O tempo ficando turvo, as labaredas subindo, tomando conta do nosso caminho, meu avô estropiado com um terço faltando um Mistério, o escapulário bolorando-se a cada madrugada, a boca travada de segredos, o travo amargo do tempo nos fazendo engulhar, sem bálsamo, os canaviais incendiados, falta açúcar na dispensa, falta leite nos currais.

Meu avô louco num leito frio de hospital, delirando com a Besta do Apocalipse. Minha avó já morta, eu bêbado de tantas lembranças, a vela acesa na mão de meu avô, ele sem poder mais enxergar, minha família diminuindo a cada amanhecer, a cidade desembarcando um povo novo que ninguém sabe de onde vem, a paisagem mudando, a cordialidade rareando.

Na matriz da Conceição os cupins vão destruindo todo o forro, as imagens vão sendo vendidas pelos padres, o sino vai se partindo a cada badalada, o velho sacristão vai se aposentando, já não há mais festas, já não há mais leilões para São Roque, vai surgindo um povo feio onde a cachaça domina a solidão.

No Alto do Cruzeiro, foguetes pipocam no céu, avisando da chegada da maconha na minha pequena cidade. A cada amanhecer um jovem é morto pelo tráfico, jaz estendido no chão. O Rio Jacuípe caminhando morto em direção ao Paraguaçu. Tote da Quixabeira, sendo assassinado com tiros de escopetas por latrocidias. Nessa vida chã, o povo ainda morre de fome. Aos sábados já não se reza o Ofício da Imaculada, a igreja caminhando distante, uma Igreja Universal vai sendo aberta, os Caifazes de Bíblia na mão, de porta em porta, vai desviando o povo para seus domínios, nunca se morreu tanto como nesses tempos.

A voz calada dos inocentes vai sendo abafada pelos caudilhos, os foguetes vão subindo, e a cada semana um saco de 80 quilos de erva vai sendo distribuído pela periferia, nunca se traiu tanto como se trai agora. Paulo Catexingue parado, de mãos nos bolsos sem

poder tocar seu sax, não há instrumentos para a Filarmônica Lyra Oito de Setembro. Maestro Benzinho já morto, Cafum já morto, uma multidão de motos, tomando conta dos passeios, portas cerradas, janelas despencadas, fachadas mudadas. As chuvas já não mais chegam no tempo certo, a caatinga deserta, o sisal em completa decadência, as boiadas já não passam em direção a Feira, a seca na tampa e o povo cortando mandacaru para saciar a fome dos bichinhos.

Meu avô, numa coivara de loucos, naquele tiroteio dos diabos, no aceiro dos infernos, cortando unha de gato, xiquexique, palma, rabo de raposa, macambira, mandacaru, jurema pelos peitos, saltando em fogo de parabeluns, enfrentando a volante, o bando gemendo pedindo a volta do Capitão, Dadá baleada, Cristino com a cabeça cortada, e o povo gritando pela vingança.

Meu avô chorando, balbuciando e os cavalos do Cão tomando conta do mundo. A Coluna Prestes perdida se embrenhando na Bolívia, o Açude Cocorobó sepultando as almas dos beatos do Bom Jesus Conselheiro. Contestado, Pau de Colher ficando somente na lembrança. Um cangaceiro cego em plena praça, dois jagunços do coronel Horácio de Matos fugindo com medo dos revoltosos, perdidos, em pleno chapadão. Um violeiro com a paleta do Dianho, dedilhando em cordas de ouro, em plena Praça, a saga miserável do povo. Dois idiotas dando as cartas, dois bandidos bebendo numa mesma cuia, dois carneiros de chifre soltando fogo dos cascos, duas esporas de prata ferroando o povo.

Meu avô de cinto de silício traspassado no ventre em eterna quaresma, minha avó numa noite de lua minguante rasgando pragas, meus tios mortos na sala, minha mãe morrendo num corredor de uma UTI, minha irmã chorando na ante-sala, minha filha limpando as lágrimas do rosto, minha mulher revoltada com o peso do tempo, meus amigos bajulando uma corja de medíocres, e eu calado, sem beber, sem tomar um gole, naquela abstinência dos santos, dois literatos vagabundos se vangloriando da sua obra de merda, e uma cambada de bestas querendo ser chique para sair nas páginas da Vogue, eu aqui agonizado, de goela seca com esse tabaco miserável arranhando minha garganta. Capitão Virgulino com a cabeça embalsamada exposta na Confeitaria Colombo, Corisco gemendo de dor sem querer se entregar, Capitão Lamarca louco com um caminhão de fuzis entregando ao povo para fazer a revolução, Marighela baleado dentro dum fusca, General Augusto Lyra Tavares, Paulo Coelho na Academia Brasileira de Letras, e João Cabral de

Melo Neto, cego num apartamento no Rio entre o fogo cruzado dos traficantes, Barbosa tomando um gol de frango.

Meu avô rezando ladainhas infundáveis, o mundo pipocando lá fora, dois desdentados procurando um pivô no lixo, o cantor das multidões com diamantes cravejados na boca, um despacho para Exu sendo comido por famintos e um peixe podre numa travessa Sheffield de um restaurante granfino.

Meu avô com uma sonda no pau sem poder mijar, Toinho de Godô empurrando a sonda para aliviar, e dois médicos praticando a eutanásia, eu calado no corredor, botando os bofes pra dentro, uma família nordestina vendendo seus filhos a casais europeus, e uma puta de rabo mirabolante desfilando nua num palanque presidencial.

Meu avô pisando no pedregulho, os dedos grossos e um calo incrustado no calcanhar, pastoreava as criações no Vale do Jacuípe com a camisa de bogarim e alpercata de rabicho.

Meu avô trazendo a cartucheira repleta de balas para detonar na cara dos canalhas, e eu ajudava meu avô a sangrar os malditos da terra, minha veste salpicada de sangue e os covardes batendo em retirada.

Meu avô chegando com o cheiro de viagem, o cheiro bom de pacotes de cafés, de papel que enrola a maçã, ele montado numa mula estradeira gigante, amaldiçoando os mentirosos e me dizendo: "Nisto, o Anjo que eu vira de pé sobre o mar e a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos — que criou o céu e tudo que nele existe, a terra e tudo o que nela existe, o mar e tudo que nele existe já não haverá mais tempo!" e eu aqui com essa dor no peito, quieto, calado sem poder respirar.

## RODES INCENDIADA

**D**e lá de Governador Valadares, na região do Triângulo Mineiro, numa leva de sete emigrantes (brasileiros) recrutados por uma agência de emprego de Belo Horizonte, que fazia intercâmbio do Brasil para o “paraíso” da América do Norte, levando mão-de-obra barata para a terra de Tio Sam, sem direito à carteira assinada nem “green-card”, onde ficavam entregues à própria sorte, lutando contra os dragões do capitalismo, Jardelino de Oliveira Maia também teria vindo.

Jardelino tinha dezenove anos, deixou a mãe e os irmãos pequenos entre as montanhas próximas de Deus, no território mineiro, e se embrenhou naquela babilônica metrópole chamada de Nova York. O corpo já demonstrava o caminho da obesidade e do colesterol: viciado em hambúrguer e coca-cola como única refeição, já estava ficando encorpado, parecendo um porco. De visual moderno, camisa pólo, calça Lee legítima, tênis importado, um “walk-man” ligado numa estação de rádio para latinos, morava no Brooklyn, num “skoter” abandonado, onde, lá também, se arranchava uma colônia de negros sul-africanos, expulsos de seu país pela miséria e pelo caos social. Aprendeu a língua do dominador na marra, para se safar naquele suposto “el dourado”.

De manhãzinha, nas primeiras horas da manhã, o tempo ainda escuro, o frio ardendo na pele, gelando os ossos e a alma, descia para pegar o metrô em direção à Ilha de Manhattan. Buscava, como milhares de outros patrícios, a independência financeira. Foi tangido do Brasil pela recessão silenciosa e devastadora que assolava o país, apesar de o governo fazer propagandas enganosas, semelhantes às que fizeram na época da ditadura militar, em que se apregoava o milagre brasileiro. Foi expurgado numa época em que o real despencava diante do poderoso dólar, a miséria avançava indiscriminadamente pelas

periferias, favelas e pelos sertões do Nordeste, cavalgando a galope com a foice do cão, ceifando silenciosamente milhares de vidas inocentes. No país do carnaval, emprego, que era bom, Jardelino nunca conseguiu, muito menos tentar um curso qualquer, nem mesmo profissionalizante; educação no Brasil é coisa de privilegiados.

Jardelino Oliveira Maia entrou clandestinamente nos Estados Unidos pela fronteira com o México, burlando as leis. Trabalhava como engraxate no subsolo de uma das torres do imponente World Trade Center, na ponta da Ilha de Manhattan, em Nova York. As duas torres se assemelhavam a uma das sete maravilhas do mundo, desde que o Colosso de Rodes foi destruído num terremoto. As torres gêmeas se estampavam na paisagem novaiorquina causando deslumbramento e arrepios aos olhos de qualquer turista. Para Jardelino, que tinha acostumado sua retina a prédios diminutos e simples, as torres do World Trade Center se assemelhavam à velha Torre de Babel, da Bíblia Sagrada. Por ali transitavam milhares e milhares de cidadãos de diferentes nacionalidades, que, seduzidos pela fartura do Império Americano, nelas buscavam realizar seus sonhos eternos e impossíveis.

Quando o Apóstolo João previu a batalha do Har-Magedon, não poderia vislumbrar que ela um dia aconteceria na terra de James Baldwin. A Nova York, que os holandeses fundaram em 1626 com o nome de Nieuw Amsterdam, e que tanto aquele cantor de olhos azuis vendeu para o mundo, parecia que tinha o seu céu inviolável. Jamais o sistema do FBI poderia falhar. Todavia, assim como o pequeno Golias derrubou o gigante Davi, a maior potência do mundo teve seu sistema infalível de segurança violado. As torres do World Trade Center, naquela manhã de 11 de setembro de 2001, representavam para Jardelino Oliveira dentro de seu coração de imigrante, símbolos invioláveis daquele seu novo país, assim como a Estátua da Liberdade no Porto de Nova York, o Empire State Building, as esculturas gigantescas dos quatro presidentes americanos esculpido na rocha do Mount Rushmore, em Dakota, onde Abraham Lincoln velava pela nação.

Na ponta da Ilha de Manhattan as torres gêmeas se perdiam no olhar romântico e ingênuo de Jardelino Oliveira. Chegou cedo ao batente e com flanela, pasta e escova iniciou naquela terça-feira amarecente mais uma jornada de labuta. O primeiro cliente a sentar-se em sua cadeira de engraxate foi um empresário californiano, da terra de Jack London, que se chamava John Whitman Poe e trabalhava como “manager consultant” no

Citybank que ficava instalado em uma das torres.

John Whitman era bom de papo, estava acima da média daqueles inúmeros executivos que ele via sentar-se em seu território, para mandar lustrar seus sapatos enquanto liam o New York Times. Alto, louro, olhos verdes, leve costeleta que lembrava Elvis, usava um terno bem cortado e sapatos italianos. No entanto, naquela manhã de alarde, seu semblante demonstrava profunda tristeza. Jardelino até achou estranho a maneira enigmática como ele estava se comportando, já que sempre se mantinha a assoviar uma canção de Janis Joplin. Parecia que John estava a prenunciar alguma coisa. Estava tenso e abatido. Indagou-lhe se ouvira falar do ataque à Base Naval de Pearl Harbor em 1941. Jardelino lhe respondeu negativamente. Os dois permaneceram em silêncio, enquanto uma multidão de transeuntes se dirigia a seus postos de trabalho.

Meia hora após John ter se levantado da cadeira, comentando que a manhã estava cheirando a carne apodrecida no deserto, com chacais à volta da chacina, Jardelino Oliveira passou a pensar nas palavras daquele californiano. Teve a visão de uma procissão do Senhor Morto pelas ruas de Itabira; rememorou Teté de João Vaz, com sua voz de soprano, entoando cânticos da Sexta-Feira da Paixão, e o rosto do Cristo, semelhante ao Santo Sudário, sendo mostrado aos devotos. Lembrou-se de sua Minas Gerais, das montanhas altas, do Jequitinhonha, de Minas das imagens dos profetas esculpidas em pedrasabão pelas mãos do leproso Aleijadinho. Viu toalhas de renda nos peitoris das janelas coloniais de Ouro Preto, sua mãe com véu e um terço debulhado entre os dedos, descalça, a acompanhar a Imagem de Nossa Senhora das Dores em seu andor com um punhal atravessado no peito, na Procissão do Encontro, dessas que acontecem na Semana Santa.

Inesperadamente, Jardelino sentiu um grande impacto e todo o prédio estremeceu como em um terremoto. Imaginou o Juízo Final, com trombetas e anjos e, logo em seguida, um grande estrondo como se o mundo desabasse aos seus pés. Por alguns momentos, atônito, enquanto tentava recolher seus apetrechos de trabalhos, lembrou-se das boiadas que ele viu no Triângulo Mineiro e o disparo de uma rês levando todo o rebanho a se perder. Mal teve tempo de fazer um pelo sinal quando o teto começou a desabar. Ele apalpou ainda o bolso da velha calça Lee e notou que havia dois dólares. Sufocado entre os escombros, em meio a seis mil mortos, Jardelino Oliveira Maia sucumbiu.

Pela televisão, a imagem do atentado chocava o mundo. E, como num pesadelo,

cortinas de fumaça cobriam de ponta a ponta a Ilha de Manhattan, tal qual um vendaval maldito. Iniciava-se ali o declínio do capitalismo em pleno território americano.

## BAFO DE BOI

Dedicado a Josias Pires

*Aquele boi que tu vendeu no Riachão,  
ainda tem geração,  
manda o vaqueiro buscar.  
Chorando ou sorrindo,  
semente de boi turino,  
não pode acabar.*

**Fulô de Iará**  
In Boi de Orerê

As boiadas subiam em passos mansos, tendo o sol como rumo em direção das terras do Piauí pela velha trilha estreita, quase uma picada, que se alargava com a passagem das criações e era delimitada por caçutingas cheirosas, velames enodoantes, beldroegas nos rastros, que destampavam aos olhos na paisagem agreste, domada definitivamente pelo boi e o homem.

Em junho, marcado no chão sagrado, em grandes atoleiros ficava a marca dos cascos e os vaqueiros escarranchados numa sela, bamboleando as pernas longas e magras nos cavalinhos adelgaçados. Vaqueiros de adargas de couro como cavalheiros de uma Idade Média tardia transpõem territórios, alcança vales, riscam no batente. O bafo quente do boi o encoraja nas madrugadas de sereno e frio e transforma esses pequenos aceiros em pousos definitivos; futuras urbes perdidas no mapa de um Brasil rural.

Entre palmatórias, rabos-de-raposa, gravatás, unhas-de-gato, juremas,

angicos, macambiras, nesse carrascal brabo e inóspito o vaqueiro tange a boiada em busca de sombra, pasto e água, e se Deus dá a farinha, o diabo, porém, esconde o saco. A boiada se atrasa, um espinho intruso e reimoso atingem o casco de uma rês e a faz mancar. O boi caminha, em passos lentos, de cara baixa, na espera aflita de que um chuço pontudo o derrube sem ao menos poder berrar.

Os cavalos trotam em marcha de trabalho e todos sabem que telegrama e trilho de ferro foi quem trouxe a carestia. Sem o cavalo não haveria o interland brasileiro, não surgiria à civilização pastoril. Esporas de prata furando vazios de éguas volumosas, de ancas salientes perdidos nos nichos medievais, imersos em aboios, escanchados em pelegos, na espera de que no deschançar de sua montaria, receba o beijo de uma moça bonita, pois para quem ama, catinga de bode é cheiro.

As novilhas das boiadas trazem a marca do dono impressa por ferro em brasa, com instrumentos fabricados por velhos ferreiros, que os macera na bigorna fria e os molda a golpes de martelos rangedores no metal incandescente entre a forja e a fuligem. Quando surgem perdidas as “bravezas” se marcam na orelha com “canzil” ou “morsa”, para que um dia o verdadeiro dono apareça e possa identificar seu animal. Na caatinga não se mente, nem se rouba, e o que conversa muito renega sua própria sorte. Homem de língua grande é pior do que papagaio, só fala besteira. A indumentária desses guerreiros nordestinos, herói anônimo de um tempo plausível, só é encontrada nos folhetos de cordel, nas pelejas e nas cantorias.

Terra onde não tem carne, espinha de peixe é lombo. Mas o fantasma certo da fome ainda sobrevoa a montaria como carcarás famintos na espera da queda fatal. No animal, carregam alforjes enebados de suor com apenas farinha de guerra, rapadura e charque. Se a gente vive em viagem leva-se apenas o necessário para passar a quadra. Em longos períodos de travessia segue o vaqueiro, tendo o tempo como agasalho e a morte como companheira. O tempo é o remédio e a noite é o verdadeiro cobertor. O tempo é senhor do próprio tempo.

Em selas macias de couro de veado catingueiro se escancha no rodilho. E se por acaso passe a todo galope pelo vão de qualquer porteira um lote de animais, ele decerto saberá contar sem perdê-los do horizonte. Vaqueiro bom tem sempre boa visão e bons olhos, vaqueiro cego nem pro Cão presta.

Pela caatinga generosa esparrama-se como dádiva de Deus, salvando homens e bicho: bugi branco, pau-capitão, pindaíba, jalapinha, manacá, gindiroba, rabasta, pitó, velandinho, pau-quebra-facão, raspa de cabeça de negro, pega-pinto curando o povo, livrando das enfermarias de políticos. Na caatinga reina a irmandade, a fé no Deus de Abraão, o adjutório, a alegria dos ternos de reis.

O homem da caatinga é doce, fraterno, cumpridor de sua palavra e de seus compromissos, abomina banco como o diabo corre da cruz, jamais recorre a agiotas ou assina promissórias, homem de verdade não deve a senhor ninguém, somente ao São Bom Jesus da Lapa, a esse se percorre cem léguas, descalço para se pagar uma promessa. Ciente que um dia Ele o livrará da desgraça. O vaqueiro, vencidas as intempéries do tempo em seu estoicismo sertanejo, é um herói, vencedor de sua geografia.

## A SENHORA DO INFORTUNIO

### Soneto a Vermeer

*De luto, minha avó costura a máquina,  
e gira um cata-vento em plena sala.  
Vejo seu rosto, que a janela  
corrompe contra o pátio amarelo*

*de sol e mosaico. Sobre a mesa  
a tesoura, um esquadro, alguns retalhos  
e a imóvel solidão. A minha avó,  
com seus olhos azuis, o tempo acalma.*

*A minha avó é jovem, mansa e apenas  
a limpidez de tudo. Sonho vê-la  
no vestido negro, a gola branca,  
contra o corpo de cão, negro, da máquina:*

*A roda, de perfil, parece imóvel  
e a vida não se exila na beleza.*

**Alberto da Costa e Silva (\* 1931)**

Extraído do Jornal de Poesia, editado na Bahia, pelo poeta Ildásio Tavares.

*Em meu principio está meu fim. Umas após outras*

*As casas se levantam e tombam, desmoronam, são ampliadas,  
Removidas, destruídas, restauradas, ou em seu lugar  
Surgem um campo aberto, uma usina ou um atalho.  
Velhas pedras para novas construções, velhas lenhas para novas chamas,  
Velhas chamas em cinzas convertidas, e cinzas sobre a terra semeadas,  
Terra agora feita carne, pele e fezes,  
Ossos de homens e bestas, trigais e folhas.  
As casas vivem e morrem: há um tempo para construir  
E um tempo para viver e conceber  
E um tempo para o vento estilhaçar as trêmulas vidraças  
E sacudir o lambril onde vagueia o rato silvestre  
E sacudir as tapeçarias em farrapos tecidas com a silente legenda.*

**T.S. Eliot in Os quatros quartetos tradução de Ivan Junqueira**

*Não importa que a tenham demolido: a gente continua morando na velha casa em que nasceu.*

**Mário Quintana**

A casa estava ainda lá teimando contra o próprio tempo para não desmoronar perante os que ali trafegavam. A porta principal, contudo permanecia cerrada e os dois grandes janelões de ferro estavam fechados, denunciando aos passantes que não havia mais ninguém a transitar naquela residência.

Durante sete décadas aquele bangalô da Praça vivia iluminado com crianças brincando na calçada e pelo alpendre ventilado o proprietário costumava passar as tardes sentado numa preguiçosa, sendo embalado pela brisa que descia da Serra de Santa Luzia e por seu velho rádio “Mensageiro”, três faixas, entrecortando aqueles turnos com o som inaudível de uma emissora das Serras das Maravilhas.

Por ali ele ouvia notícias do mundo, de gente que conhecia, das pelepas políticas, das sacanagens que o governo ditava goela abaixo sem o cidadão ter o direito de protestar,

ele era um aposentado no mar da miséria social que se estabelecia a cada cochilo vespertino.

A casa tinha a fachada sempre pintada a cada virada de ano e em seu interior àquela família povoava na medida do possível aquele nicho interiorano. Por muitos anos foi parada obrigatória de vendedores e carteiros para entregar as preciosas correspondências que chegavam de longe, sobretudo dos filhos que espalhados pelo mundo mandavam suas novas e pediam conselhos para trilharem pelos caminhos tiranos das grandes cidades. Aquela residência tinha o aspecto joly naquela geografia catingueira.

Por ocasião de férias escolares se via o transitar de mocinhas em completa felicidade adolescenciana. E naqueles confortáveis cômodos abrigavam camas macias, forradas com lençóis Santista, de babados de cassa, e sobrepondo colchas de chinil, perfumadas a patchuly, que a mãe carinhosamente colocava para o repouso dos seus guerreiros e de qualquer outro visitante que ali aportasse para um pouso.

Na parede da fachada a placa azul do logradouro, cunhada em alumínio, indicava um número cabalístico: vinte e nove. Sempre, enquanto o proprietário por ali zanzava a calçada vivia tomada por automóveis. Era uma casa que se destacava das outras, pela singeleza dos traços arquitetônicos sertanejo e o perfil dos que ali habitavam. A casa da Praça teve décadas de apogeu, ficou na moda durante anos e depois caiu em declínio. Agora está lá na paisagem silenciosa enquanto um bando de ciganos arranchado temporariamente na cidade tenta adquiri-la para fazer dela um grande comércio. A casa ainda resiste e talvez peça clemência ao senhor do tempo para não desmoronar perante os olhares curiosos de conterrâneos. Nota-se que o mata-pasto endiabrado e o capim de burro aflora pelas frestas dos mosaicos da entrada principal. Quem passa e ver aquele desperdício na paisagem e o descaso suspira indignado com aquele fim. Por ali transitaram candidatos a cargos eletivos, almocreves, mascates, artistas e salafrários em busca de guarida e dos saborosos pratos da culinária nordestina. Gente que vinha de longe para beber um copo d'água do tanque limpo, construído de alvenaria e dormentes de trilhos, em busca de um cozido de bode, um assado de leitão, um mandi frito na farinha de guerra, pescado no açude da Camandaroba, pencas de banana-maçã, amadurecidas sem carbureto, nas terras férteis do Adro de São Gonçalo do Amarante. A arraia-miúda que dava de tudo para um dia

saborear na sombra fresca daquela alpendre uma manga papo-de-rola que até Von Martius e Spix assinalaram quando ali passaram no século XVIII.

A casa tinha personalidade própria, pois o cheiro que destampava as narinas de quem um dia teve a felicidade de ali transitar era inebriante. O chilrear das panelas no grande fogão emprestava um colorido diferenciado, e numa corda estendida no quintal ficava um quarto de bode secando, tangendo os bernes, na espera da hora. Distante ao longe um papa-capim entrecortava com seu canto aquela nicho. Parecia que aquela casa ficaria para sempre no olhar. Pelas paredes ficavam expostos quadros com motivos populares, um gato, um galo, um urso, uma paisagem de uma choupana sobre uma cachoeira, uma gravura da última ceia de Nosso Senhor Jesus Cristo, que eram comprados no meio da feira, sem nenhuma preocupação estética. Eram quadros kitichs que embelezavam e enfeixavam o ambiente, também dando a senha do pendor daquele proprietário. Ficava ainda no alto, um velho crucifixo de marfim denunciando a todos que ali habitava uma família católica e mais alto, num caibro, em cada quarto, um mosquitoeiro vagabundo e espinhento livrando todos dos terríveis pernilongos noturnos.

Um dia sem ninguém esperar o esteio dessa casa desmoronou-se. Ele veio para capital da Bahia, passar por uma bateria de exames, cauterizar suas varizes de esôfago, e voltando ao verdadeiro ninho, faleceu numa das camas que ficava para o nascente, onde a claridade e o calor lhe fizeram companhia enquanto penou naquela quadra de quinze dias com uma bomba de soro atado ao seu braço murcho, querendo lhe reconduzir para o mundo dos vivos. O enterro, o velório, o odor de velas, o burburinho, as rezas e novamente a casa por alguns dias ficou em evidencia naquele ermo. Na missa de sétimo dia a casa já não tinha tanta importância de quem sempre cuidou dela, agora estava ele do outro lado, inerte. Jazia num mausoléu sapecado de azulejo de cozinha de mãos cruzadas no peito a espera que a cal lhe corroesse para sempre.

Abateu-se então na velha mãe uma trovoadade de desânimo e sinalizando despontou então a enfermidade. Veio a galope na esteira da perda a depressão que lhe botou insegura perante o mundo. Já não havia chãos sob os seus pés. Se diluirissa tudo numa madrugada de frio e insônia. Ela que tomara a frente da cozinha que ao lado do velho companheiro encaminhou os filhos para o mundo, se via atada, de peia nos pés, a cabeça

em torvelinho e a loucura se instalando. Não adiantava rezas, ladainhas e promessas. Iniciava-se ali uma via crucis que a levaria ao calvário.

Laodâmia, a filha, mais velha, comovida com a desgraça que se abatera na família pedira licença do trabalho se arranchara num dos quartos, fazendo dali o seu mundo, para cuidar da velha mãe. De pavio curto, não tinha nervos pra cuidar da velha. A anciã tinha a natureza enganenta, difícil de se lidar. De pouca conversa, a boca travada de segredos, ia a cada dia se implodindo a ponto do desespero se instalar no arcabouço da alma. A cara franzida de choro, de um choro que não desaguava em lágrimas, mantinha a boca fechada feito um cágado. Não perguntava nada, já não dava em voz alta mais ordens. Agora a contra vontade recebia ordens para se comportar dentro da própria casa. A solidão povoava as suas lembranças e o seu cotidiano.

Laodâmia vivia trancada no quarto e quando a velha imersa na loucura de seus delírios batia a porta para ela acudir, puxando cabelo, num tique nervoso que mantinha, permanecia calada sem atendê-la. Paradoxalmente a filha vivia um dilema.

A velha abandonara a religião e dera as costas para Deus. O seu mundo era permeado por remorsos, pecados e situações constrangedora que lhe fazia correr por dentro da casa feito uma louca. Sem gás, de tampão cheio com as histórias da velha, Laodâmia descobrira por um acaso como aquela doença estava na moda que a velha sofria do Mal de Alzheimer. E para Petrolina do outro lado do Rio São Francisco levava a velha para se consultar com um médico que um parente lhe indicara. Tinha mesmo Alzheimer. E agora com a sucessão de caixas de medicamentos que custavam o olho da cara se via endividada com a pífia aposentadoria da mãe que não cobria as despesas básicas. Estava de pé e cabeça dentro de um inferno. A velha mudara o comportamento e passara a ter delírios por dentro da casa velha a custa do torpedeamento que lhe deixavam grogue.

Autólico, o filho mais velho, sentado no rol da casa, balançando a perna direita lembrou da genealogia da progenitora. Era filha de um coronel sem ter tido patente no alto sertão do São Francisco. Possuira meio mundo de terras, um latifundiário com suas mil e quinhentas cabeças de gado vacum protegidas por seis fios de arame farpado *Motto*, naquele descampado de ingazeiras, gravatás, pião roxos e malvas. Quando saía de seus domínios para visitar um de seus filhos trazia amarrado na cintura por debaixo do paletó um cinto de dinheiro, que dava para adquirir qualquer fazenda que lhe desse na telha e ele

batesse o olho e a cobiçasse. Baixinho, mais alvo que lençol Santista, ficara viúvo muito jovem, e casara-se novamente constituindo uma numerosa prole. Sempre respeitado em sua região. A sua fazenda muitos acorria em busca de dinheiro, dele ser avalista. Severo, conservador e adepto do catolicismo ortodoxo na Quaresma se misturava aos penitentes de rosto coberto, envolto num tecido de algodão grosso, dilacerava as costas com a ponta de uma gilete e ao término daquela cerimônia de autoflagelação as águas do velho Chico estavam cobertas de sangue. Era um penitente anônimo que se autopunha em temor e em respeito ao que Jesus Cristo sofreu nas mãos dos algozes. Quando veio a falecer deixou uma fortuna incalculável. Fruto do suor e da abnegação. Tornando-se uma verdadeira lenda e até hoje pela região o seu nome corre trecho, é falado.

As filhas desse velho quando ficavam mocinhas eram mandadas para um colégio interno de freiras francesas em Petrolina, para ali aprenderem as boas maneiras, o idioma francês, a literatura, a culinária e a religião. Nessas idas e vindas de vapor pelo Rio São Francisco uma delas conheceu o seu noivo de terno de linho branco no convés da embarcação que voltava de Pirapora. Foi amor a primeira vista, daquele amor sem fronteira, de pular muro, sair cavalgando numa noite de lua nova na garupa de seu cavaleiro. Aquela paixão não fora admitida pelo velho pai que via no pretendente somente um rufião sem causa. Mas a mocinha ávida para sair da peia do pai e das freiras resolveu fugir com o seu noivo para uma cidade distante do norte de Minas Gerais quebrando as normas morais.

Iniciava ali a saga daquela família. Em terra distante, Montes Claros, sem parentes, aquele casal abençoado pela inocência empreendia a dura luta da sobrevivência. Ele tornara-se caixeiro viajante de máquinas datilográficas *Remington* e ela dentro da diminuta casa aguardava ansiosa para cair nos seus braços. Aquela idílio amoroso durou apenas um ano quando grávida perdeu o primeiro filho. E vieram então outras percas. Um dia fizeram uma promessa ao Bom Jesus da Lapa e alçando a graça foram a pé até a Serra da Canastra para depositar o ex-voto. As dificuldades foram aumentando com a chegada da primeira filha. Tangidos pela dificuldade buscaram abrigo no sertão baiano para fazerem em definitivo o verdadeiro pouso.

Ali com a ajuda de um irmão rico da esposa abriu uma loja de tecidos. O novo empreendimento durou apenas seis meses o tempo suficiente para que um inimigo político da UDN mandasse uma carta anônima ao empresário, proprietário da loja, que o

representante vivia pendurado em mesa de jogo, traçando carteados e bebendo. Numa madrugada desembarcou na pequena cidade um caminhão levando todos os cortes de tecidos e fechando a loja. Foi a primeira derrota do casal que o fizeram não se apurarem mais na vida. De cara pra cima, com três filhos para criar se viu na eminência de passar fome. E humilhado na cidade abriu um pequeno comércio onde lá vendia bebida e cereal. Foi com o tempo se enfadando daquela vida medíocre. A mulher o tangendo para a budegá, e ele querendo dar seus cochilos de meio da tarde.

Foi então que buscou ajuda num velho político, que mandava e desmandava pelas bandas do Alto Sertão. Arrumara um emprego para a esposa nos Correios e Telégrafos e o fantasma da fome se afastara. Teria a aposentadoria e a garantia de que o pão nosso de cada dia estaria em sua mesa. Passara então a se candidatar a vereador e com sua retórica e o poder de convencimento se elegera sete vezes. Os filhos foram ficando grandes e indo a busca de trabalho em outras cidades. A filha mais velha mandara igual à mãe para um colégio interno. Foi então levando a vida a sabor dos ventos e das tempestades. E quando não mais esperava, ele já velho a velha esposa ficara grávida e tivera o seu último rebento com cinqüenta anos, ele já passava dos sessenta. Era uma menina que esperada como homem nascera mulher para a mudar no futuro a face egoísta daquela prole.

Dentro da casa viviam para si e os filhos. Não davam esmolas e pouco caso fazia com quem batesse a porta. Foram criando os filhos e os filhos se estapeando uns com os outros. Tornou-se com tempo inimigos uns dos outros. Era uma situação esquisita aos olhos de qualquer terapeuta.

A velha, no entanto abominava mentira, divindade infernal que segundo os antigos tinha a seu cargo conduzir as sombras para o Tártaro e se representava como afável e sedutora. Ana tinha a virtude de ser honesta de chegar a ser idiota com tanta pureza de caráter num mundo que se desmoronava, num mundo povoado por ladrões.

Autólico recostado na cadeira de vime que um dia o pai recostara, viu as algarobas da praça balançando ao vento indiferente a sua história e almejou ser prefeito daquela localidade. Fez contas de quem lhe apoiaria naquela empreitada, lembrou que o velho pai tinha deixado o reduto eleitoral que ele poderia aproveitar. E se metera a ser político. Na sombra do prestígio que o pai deixara se candidatara a vereador. A primeira eleição vencera na segunda levou pau no lombo, teve poucos votos e se mudara da cidade

revoltado com os conchavos. E de longe de festa em festa retornava para a cidade buscando um espaço político numa terra povoada por coronéis do PFL e por políticos raposas, vira-folha.

Segunda-feira apontava e o velho irmão preparava a bagagem para cair fora deixando para trás a mãe de olhar desesperador e em pânico. Para ele era mais importante cuidar da vida, ajeitar metodicamente a bagagem, limpar a poeira dos seus objetos pessoais do que aliviar a dor daquela pobre mulher. Levantando vôo em seu guaribado carrinho branco, seguiu pelos caminhos esburacados do sertão o nobre vereador No banco de trás os filhos e no banco da frente à diletta esposa de rabo de tanajura que contrariando as suas vontades entrara de corpo e alma como obreira de Testemunha de Jeová.

Na velha casa a mãe continuava a correr feito uma carrapêta por todos os cômodos. E eis que numa terça-feira desembarca Caco vindo da capital com toda a pança e ferrão. Viera para botar ordem na casa e se inteirar da enfermidade da velha mãe. Foi se arranchando dentro de um dos quartos. Trazia a bagagem grande composta de vinhos, azeites, macarrões, arroz integral, misso, bardana e o escambau. Em meio aquela parafernália uma caixa de cds com mais trezentos cds piratas e o aparelho para lhe fazer companhia naquela quadra interiorana. Parecia que vinha de muda. Chegara fazendo alarde na cidadezinha, veio para mostrar para a cidade que ele estava aposentado e agora era rico. Não dava nada a ninguém. Apurava tudo após qualquer bebedeira. Fazia contas imaginárias de lucros, chupando um ciso eufórico. A indumentária daquele filho não condizia com aquele nicho geográfico. Batia de frente com a cultura daquele povo e era alijado. De camisa espalhafatosa, bermuda pantacu, sandália arrastão. Abria a porta-mala do carrão, botava o som nas alturas tudo para chamar atenção dos passantes. Era na verdade um estranho naquele ninho. Quando soube que a velha mãe dispunha de uma vultosa poupança botou o olho em cima e persuadindo a velha mãe enferma resolveu fazer uma reforma no velho bangalô da praça com o dinheiro da velha, guardado que era para o funeral.

Caco era espalhafatoso batia de frente também com Laodâmia, ambos não se entendiam, um não comia o h do outro. E a velha pelo meio da casa louca, vendo a poupança a cada dia sendo desfalcada, e aquele mundo de pedreiros botado a casa abaixo. Virou uma loucura. Ele braços abertos, de peito de pombo, arrotando grandeza com o suor dos outros. Ia para as casas de materiais de construção e exigia que dessem nota fiscal em

seu nome e não no nome da velha. Tinha uma carta na manga, além de desfalcocar a bendita poupança da velha guardaria os recibos para provar em juízo na hora da partilha do quinhão que fora ele que fizera a reforma do bangalô. Assim ele dava um tapa de luva em todos os irmãos e mais uma vez mostrava que ele era o mais sabido. Os irmãos de longe viviam no fogo de munturo fazendo fuxicos, botando mais lenha a fogueira, na rede da fofocaria via telefone.

Após seis meses de reconstrução entre poeira, batida de martelo e chapisco a reforma ficara pronta. O estado da velha mãe nada mudou continuava a delirar continuamente devido aos fortes medicamentos para o mal de Alzheimer. Mais cômodo fora construído e o bangalô da praça tornou-se mais amplo. A velha quando se permitia sentar no sofá e bater o olho no teto e mirar a paisagem da sua própria casa achava no fundo que aquela reforma era desnecessária. Ela própria não desfrutaria daquele prejuízo. O pai quando vivo dizia a seguinte pérola do próprio filho: “O Caco é pinga e faz adoração a deusa Bibésia”

Ninguém dizia nada para Caco no fundo temiam também a sua insanidade. Era bruto, um pedaço de cavalo. Só amansava quando se embriagava e ficava tão besta que desatava a chorar nas mesas de bar. Quando se mostrava interessado em que algum dos irmãos viesse lhe dar lucro, se permitia ainda a ouvir o diálogo, via telefone. Mas na maioria das vezes não sabia escutar, só ele falava, só ele era importante, a dor dos outros e a história não tinham a menor importância para aquele coroa. Sofria de complexo de arrogância, achava que sua riqueza comprava tudo e que no céu compraria um bangalô. Não acreditava em Deus. Na década de setenta quando flertou com a cultura hippie, frequentou o restaurante *Grão de Arroz*, paraíso dos porras-loucas, abraçando a causa macrobiótica e os ensinamentos budistas. Dizia-se budista, porém comia seis quilos de picanha sozinho num churrasco para saciar a sua sede de glutão.

O velho pai sempre foi irreverente aquele nicho geográfico. Andava nu da cintura para cima, metido numa calça de tricoline sem se importar com olhares conservadores da terrinha. Para ele o que tinha importância era ir de manhãzinha no açougue e escolher um quarto dianteiro de bode, ele não comia quarto traseiro, dar uma passada na feira pegar a melhor jerimum, ver se as tangerinas se eram doces, se a “barriga d’água” estava de vez, depois sentado na preguiçosa, esperar pacientemente o cozimento da

sua preciosa iguaria. E após o almoço, dar seus arrotos, palitar os dentes e cochilar ouvindo uma estação de rádio distante onde aquela música lhe embalasse pelos caminhos da memória, e ali embalado por Morfeu e Cuba, révisitar Monte Santo, os barreiros, os pés de pindobas, uma juriti cantando, uma carrega-madeira fazendo o ninho e o sol impiedoso tingindo de ocre toda aquela paisagem.

Quando se aposentara dera uma banana para as etiquetas. Só usava terno quando se comparecia as sessões da Câmara de Vereadores, mas calçado com uma havaiana vagabunda de meio de feira. Ele não se importava com isso. Para ele o essencial era ter livrado sua feira de cada semana, tem dinheiro na poupança para bancar o seu funeral e o da esposa.

Para aumentar a sua renda resolveu no fundo da sua casa construir diversos quartinhos e casinhas para que ali fossem erguido o brega da cidade. E as velhas prostitutas acharam guarida naquele gesto generoso daquele homem irreverente. Da sua cama ao cair da noite até despontar a neblina da alvorada ele se embalava ao som de Waldick Soriano, Carlos Santos, Odair José, Pinduca e toda sorte da boa música romântica que era tocada pelas bregueiras para atrair a clientela. Ele próprio era um inveterado cliente, quando a velha mulher roncava de sono solto às dez horas da noite. Abria o portão da casa, e ali nos braços daquelas mulheres de todos, afogava seu gansão. Nada na vida era misterioso para aquele homem. Já tinha nas costas oitenta outonos, que o fazia não acreditar em mais nada. A vida se revelava de cara, não havia lirismo e o peito conturbado de dores o tornava um cético. Autólico para lhe dar uma função na vida montara uma casa mortuária onde ali na madrugada quando batia a sua porta ele atendia despido para vender caixão. Já tinha visto de tudo e nada mais no mundo lhe surpreendia. Seu revólver guardado numa salva mantinha há cinqüenta anos com seus projeteis intactos, sem nunca ter dado um único tiro. Mas se algum dia qualquer vagabundo lhe atazanasse ou lhe faltasse respeito ele decerto detonaria na cara sem ter piedade. Era lei de machos do sertão que como ele regia o seu mundo. Não procurava briga e corria légua de qualquer querela, mas não lhe botasse no fogo porque decerto ele entraria e sairia sem se queimar. Acostumado a servir de conselheiro, foi durante muito tempo um verdadeiro líder numa determinada povoação daquele município. O primeiro comandante dos sem terra naquele entrecho. Quando começaram as invasões de propriedade devolutas ele fora o seu verdadeiro mentor daquela

revolução silenciosa sentado ao longe na sua preguiçosa. O seu coração era socialista, abominava a ganância e o sofrimento do povo. De hábitos simples o seu aposento parecia de um monge beneditino. Uma cama de vara, a caderneta de anotações, uma mesa tosca com uma máquina datilográfica e papéis pautados, um rádio, a escova de dente, o dentrificio num copo de alumínio, o creme de barbear Bozzano, um aparelho de barbear, a punça, um vidro de alfazema, duas calças, duas camisas e um sapato com o solado furado. Era todo o seu objeto pessoal. Para ele pouca coisa bastava contanto que dentro da casa houvesse comida para ele e a mulher. Se os filhos um dia aparecessem em visita, dava um pulo no girau, pegava uma franguinha nova e mandava a esposa preparar com leite de licuri. As suas conversas giravam em torno da política local: “*Sicrano tá roubando da viúva, beltrano tá dilapidando o patrimônio público...*” E assim por diante. Não parava para falar besteira, jogar conversa fora. Abominava burrice e mediocridade. Admirava as pessoas cultas e fazia referência quando alguém se mostrava sábio. Sabia o que o era dois pesos e duas medidas. O seu critério de julgamento era o mais justo, talvez ensinasse com tantos anos de vida um juiz dar a verdadeira sentença. Não devia a ninguém, e nunca sentou na cadeira de frente para um gerente de banco para tomar dinheiro emprestado, tinha nojo de agiotas e ciganos.

No tempo que viveu dentro de seu bangalô tudo ali era armengado, era seu jeito de prover, de se virar independente na vida. O seu quarto tinha o telhado baixo que o fazia colocar entre a telha e os caibros papéis importantes, impostos a pagar, contas de telefone. Aquele cenário de seu pouso parecia uma tenda árabe. Se surgiam goteiras mandava um portador na Rua do Galo Assanhado chamar Ninho Cagão para resolver o problema. Era o seu pedreiro que ouvia seus esbregues se importunar. “Ninho Cagão não faça desse jeito, não é assim que se trabalha!”. Assim em tom alto se ouvia sua voz dentro da casa.

Na cozinha era um verdadeiro “chef” e o cozido de bode seco que preparava dava água na boca a qualquer visitante. A sua casa em período de pleito acorriam toda sorte de políticos interessados em voto e em seu reduto eleitoral. Sobretudo os remanescentes do Movimento Democrático Brasileiro. Na eleição de 1986, o candidato a governador Waldir Pires, após longa conversa com ele pernoitou em sua casa com uma pequena comitiva. O apoiara e a cidade inteira votara a seu mando nas oposições. Passado seis meses de governo tentou uma audiência com o governador eleito do estado que ele ajudara a eleger pleiteando

quatro cadeiras de rodas para deficientes de sua terra. Recebeu porta na cara e descaso para um homem velho como ele. Resultado nunca mais pronunciou o nome de Waldir de Pires e em sua agenda de telefone naquele lugar reservado ao político fez diversos xs de caneta esferográfica vermelha acrescentando o que ele achava daquele vulto nacional em caligrafia garrafal: “cachorro”.

Inventara certa feita de adquirir um fusca verde abacate novinho em folha. Porém não sabia pilotar. Botara os meninos novos da cidade para lhe ensinar. E numa tarde encalorenta saiu para os treinos ao volante. Voltando para casa, atrapalhara onde era o acelerador e o pedal do freio. E enxergando Pedro sentado no banco do jardim da praça metera a cara para fora do carro e gritara com todos os pulmões: “*Sae da frente Pedro Buceta que eu quero passar*”. E no meio do jardim da praça largara o carro, revoltado com si próprio da barbeiragem. Ao sair na porta a velha esposa viu aquela cena hilária. O automóvel de seu marido estacionado dentro do jardim da praça. E indagando a ele, o velho sem perder o reboledo, saiu com essa: “*Eu botei ele lá que é pra tomar uma fresca, ele tá muito quente*”. Encobria assim a barbeiragem.

Grau 33 da Maçonaria não havia sinais que ele não decifrasse. A sua vida era pautada no compasso, na régua, em São João Batista e no Arquiteto do Universo que ele depositava verdadeiramente a esperança. De temperamento arredo, pouca conversa dava, ficava às vezes introspecto, olhando nuvens para chegar a uma decisão final quando algo lhe inquietava. Era de porte alto, muito alto semelhante aos beduínos do deserto, mas ao andar arqueava os ombros para baixo, ele preferia que ninguém o notasse ao passar. Não vivia de mão na bunda com senhor ninguém, nem gostava de freqüentar rodas, a dele era sozinho, no seu canto, comendo, arrotando, bufando, fudendo, dormindo e o mais que fosse pros quintos dos infernos.

Execrava trapaça e mentira. E quando o sujeito chegava em sua porta para lhe pedir alguma coisa ou relatar qualquer assunto, no bater dos lábios, em três frases emitidas pelo interlocutor já lhe bastava, não era necessário lengalenga, bolidório, conversasse pouco e fosse sintético no discurso.

O pai chegara a cursar o quinto ano de Medicina na antiga Faculdade do Terreiro de Jesus a mesma que o poeta alagoano Jorge de Lima tinha alisado o banco. Mas com o advento de uma enfermidade pulmonar se embrenhara nos sertões de Canudos em

busca de fontes de águas límpidas e termais que o salvasse. Abandonara uma carreira promissora para casar com uma jovem retirante remanescente do séquito de Antonio Conselheiro, vinda de Quixeromobim, no Ceará. E no coração da caatinga edificou uma família numerosa que resultou em procuradores da república, juizes, médicos, advogados, artistas, escritores, empresários, políticos e gente de bem. Da sua linhagem não deu gente que não prestasse para o mundo. Ficou apenas uma foto oval do velho pai onde ele e a irmã Ana seguravam no terreiro da porta nos sertões de Bendengó a única imagem deixada pelo velho progenitor. A velha mãe ainda alcançou os filhos dirigir-se pelo mundo para expirar já velhinha. E de xale nos ombros, um pano amarrado na cabeça como faziam as mulheres dos sertões nordestinos ela andava a fazer cuscuz de milho pisado num pilão de pedra.

Na distante década de 45, em plena Segunda Guerra Mundial, um de seus filhos se dirigia para o Rio de Janeiro para negociar pedras preciosas a bordo de uma corveta. Mas na altura do Farol do Morro de São Paulo os nazistas torpedearam a embarcação brasileira. Com a capanga de pedras atado ao peito e náufrago nadou quilômetros até encontrar terra firme. Aquele episódio do tio náufrago povoava as prosas ao cair da noite, na beira de um fogão de lenha, relatando a bravura daquele homem tão decidido que não quis se entregar aos braços à Janaína e nem ser comida de peixe.

A irmã mais velha casara-se com um cordelista e vidente. Mandava o sujeito abrir a mão e pelas linhas descobria o destino. Chegava nas taperas, o fazendeiro cortando mandacaru para dar pros bichinhos, sem água nas fontes, gavião de vôo baixo para bicar umbigo de burrego, a vacaria arriando no chão, saía andando pelo pasto, chegava em determinado lugar, e dizia com segurança: *“Pegue a picareta e cave aqui”*. O catigueiro incrédulo se metia naquela empreitada. E em poucas horas jorrava água em pleno solo árido do sertão. Construiu com abnegação ao longo de décadas o maior acervo de peças da famigerada Guerra de Canudos. Era um sábio sertanejo, coisa rara a se encontrar hoje em dia, nesses tempos de falta de palavra, da derrocada moral, da espiral crescente da violência e do consumismo desenfreado. Sabia pelos sinais que se mostrava no céu se veria chuva ou se bateria trovoada. O seu vaticínio criou fama em todo nordeste baiano.

Às vezes aquele pai irreverente se mostrava enigmático que ninguém conseguia ler nos seus olhos o que ele verdadeiramente sentia. Sensível a ponto de chorar ao ouvir uma canção entoada pelo velho Lua, Rei do Baião, ao mesmo tempo se apresentava

ranzinza, dando espôrro pelo meio da casa a troco de nada. Não bebia, não fumava e não gostava de jogo. Quando rapazinho fumou Continental e deu alguns tragos tomando Vermute. Recolhia-se muito cedo, cerca de sete horas da noite, ele já estava na cama, embrulhado num cobertor de lã do pé a cabeça. Acordava ao canto dos galos, e pela casa zanzava até chegar a hora de fazer seu próprio desjejum. O seu divertimento era ver a sua própria pressão arterial. Adquirira pelo reembolso postal um aparelho digital que media a pressão, e com isso todo o santo dia se prostrava na mesa, solene, a verificar como estava o velho coração. Gostava de se divertir com as novidades do progresso. Alcançara ainda os coronéis de sua terra e com alguns deles travou amistosos diálogos. Eles o achavam uma verdadeira águia, e alguns vendo o poder da sua retórica nos discursos de palanque se aliaram com ele na política. Ser inimigo dele era estar contra o povo. E aquele povo cordato o elegeu sete vezes. Na memória, porém daquela comunidade não se vê uma rua com seu nome, não se observa um prédio escolar com ele titulando, o filho quando vereador discursou muito e nada fez pela memória do pai. Agora está ali aquela comunidade sem saber que ele existiu. Os mais velhos relembram e até dão risadas de sua figura exótica e independente. E assim aquela gente como muitas outras vão sepultando aquele que deu voz a ela no parlamento municipal e hoje nem placa de rua sequer representa Mas aquele velho irreverente da casa vinte e nove tinha algo de especial, era doce como ambrósia, e se foi embora após penar quinze dias em cima de um leito calorento. Quando partiu em definitivo o velho bangalô da praça por muitos meses respirou a sua presença. Os filhos o via recostado na parede que dava para o quintal, sorrindo como que tomando conta do seu reduto. Dias que a velha mulher o enxergava ao seu lado, no sofá, na mesa de refeições se deliciando com uma talhada de melancia. O velho achava a vida algo de preciosa e mágica.

Começou então ele a promover aparições dentro de seu ex-domínio. Já tinha partido para sempre, e estava enterrado na pequena necrópole. E eis que um dia tamanho a velha viu o seu velho zanzar por dentro da casa, como que tomando conta do que ainda ali restava. Bateu os olhos, consertou os óculos bifocais e não tivera dúvida, seu velho ainda estava vivo e andava. Por alguns segundos mirou aquela estampa altiva, e o cobiçou. Começou a lhe observar, ele trazia a mesma calça que um dia ela levava ao alfaiate para montar, nu da cintura para cima, de sandália havaiana entre os dedos, a andar jocoso por

dentro da sala. Era o fantasma de seu marido que voltava para lhe atazanar. Entre devaneio e assombração o velho surgia na praça dos vaqueiros contrariando a lei da física.

Em segredos se manteve a velha com o insólito. Os filhos chegavam de viagem se dirigiam para o banheiro para tomar banho, e na beirada do tanque, no escuro, lá estava a figura do velho, em pé, dando risadas da cena. A nora, que tinha também um pé na loucura, e já tinha freqüentado casas de santo, e testemunhar que os mortos voltam. Entrou em verdadeiro pânico, saiu despida da casa de banhos, gritando a toda altura que vira o sogro sorrindo de suas vergonhas. Estabeleceu-se daquele dia em diante uma vigília para ver quem via a aparição do velho da casa vinte e nove.

A primeira a notar a presença do velho, fora uma neta com idade de seis anos. A pequena estava sentada numa esteira de palha de pindoba brincando no meio do quintal com casinhas de bonecas quando ao seu lado o velho acorrou-se e passou a lhe ajudar a montar aquele circo infantil. E os dois passaram a brincar despreocupadamente. A mãe da garotinha lhe indagou então com quem ela conversava tanto. E a criança lhe disse que estava brincando com o seu avô. A casa em alerta recebeu aquele acontecimento com naturalidade.

Durante o período de seis meses após a morte do velho a mãe antagonicamente retomara o gosto pela vida. Mandou pintar a casa, colocava flores nos jarros, ouvia sempre música que ela própria escolhia os seus intérpretes favoritos, e voltou a fazer crochê para passar o tempo. Parecia que a normalidade da vida tinha retomado o seu curso. Dentro dela parecia um alívio o desaparecimento do velho marido. Era um rabugento, gostava de dar ordens. Em sessenta anos de convivência só agora poderia respirar aliviada, sem mais a presença daquele homem no pé de seu cangote, fungando e lhe cobrindo sem piedade. A sua porção feminina vivera esse tempo toda adormecida. Quando a velhice lhe alcançou ela já não tinha mais graça com a vida. Vivera uma história de entrega e caprichos para satisfazer a vontade do marido. Vivera somente uma convivência de entrega e implosões cotidianas.

A primeira depressão lhe alcançou na primeira gravidez, se prolongou por diversas décadas sucessivamente. Parecia que estava marcada para morrer louca, fadada a terminar seus dias num asilo. Os filhos quando crianças passaram a conviver com aquele quadro “O triunfo da morte” de Pieter Brueghel, vendo-a naquela estampa esquecida da

Idade Média. E talvez por isso que o marido nunca lhe tenha levado a sério. Ele pouca bola dava para as suas coisas. O achava uma abestalhada, em pânico com o próprio mundo que o rodeava. A dureza da infância e a sucessão de perdas a tornaram frágil diante do mundo. Foi assim que com dois anos sua mãe partira, deixando-a órfã. A única lembrança que guardara dela era uma foto preta e branca com todos de lutos e ela ao lado do pai e dos irmãos entoados de preto na cerimônia da celebração da missa de sétimo dia da sua progenitora. Foi criada então pela madrasta. Passou o pão que o diabo cozinhou nas mãos de uma estranha, a ponto de sofrer discriminação e descaso. Relegada a segundo plano, viveu sua infância em completo abandono. Sem carinho, sem afago e com cobranças, se viu diante dos Baal, perpetuados sobre a face da terra. Buscou em Eli, amigo de infância o povoamento daquela solidão. E eis que um dia o amigo parte para o eldorado paulista e lá sucumbe. Na noite do acontecido ele volta para lhe revelar que aqui no mundo não mais estava. Foi aos poucos essa mulher remoendo por dentro toda uma saudade mal resolvida. O peito tremulava o vazio, e nos escombros da alma o frio ardente do descaso. O pai severo lhe mandou para um colégio de freiras para que ali ela se encaminhasse pelos caminhos tiranos e difusos da sua própria história. Dias quando batia aquela angústia naquela adolescente, ela só fazia sublimar. Tentava nos cânticos, no evangelho, naquela pedagogia conservadora e falsa, se reencontrar perante a sua própria saga. Naquele ambiente ela via as freiras esconder a refeição, a madre superiora requisitar a noite uma das alunas para seu aposento e ali perpetuar o lesbianismo. Via as colegas em cima dos beliches roçando com a sua companheira de leito viu o roubo de seus objetos pessoais, via a falsidade se instalar e nada podia dizer. Tudo em prol da moral e da religião daquela irmandade. Ali começou o caos se instalando na personalidade daquela infante.

O mundo lá fora ardia em chamas, e dentro dela as labaredas do torvelinho lhe consumia. A aparente calma que reinava no ambiente na qual quem estivesse de fora iria perceber o quanto de harmônico era aqueles objetos e móveis por dentro da casa, contrastava com o caos que se ameaçava se instaurar na sua alma. A toalha de linho posta na mesa com bordados de ponto de cruz o remetia ao passado. E aquela memória vinha tingida de remorsos. O seu desejo era partir em disparada pelas ruas da cidade. A inquietude e o desassossego lhe impulsionavam a ficar a zanzar sem rumo por dentro da casa. Passou então a viver numa cadeira de rodas imobilizada ao ventre. Os familiares

temiam acidentes domésticos que o levasse a uma fratura qualquer que lhe deixasse em cima de uma cama parálitica. Sentada na sala que dava para o imenso quintal via o mundo passar como um caleidoscópio gigante. Aos poucos foi perdendo a articulação da boca, e começou a falar baixinho sem que ninguém entendesse o que dizia. Parecia que falava a língua dos pombos, aquela velha ficava a rulhar nas tardes calorentas sem que ninguém o importasse com o seu estado. O seu rosto passou a apresentar uma máscara de desespero. Parecia que a dor do mundo estava instalada nela. O olhar enviesado era semelhante há um cão arruinado. E as mãos não tinham a menor firmeza. Já não se alimentava sozinha, era necessário que alguém lhe desse na boca o alimento. Tornou-se uma inútil compondo a paisagem daquela casa. Ficava semelhante a Anoldo de Sacrifício sustentando uma viga imaginária que a qualquer momento poderia desabar. Aquele vanádio, kadmo, níquel enferrujando naquela geografia e ao longe se ouvia sussurrar no tempo um blues rouco emitido por uma diva americana. Era Billie Holliday que cantarolava “*Sumertime*” e a melodia invadia aquelas tardes como um lamento. Escutava-se também uma canção de Tim Maia e aqueles acordes negros encharcava de tristeza aquele ambiente. Ainda se ouvia uma voz em pânico gritando: “*Há algum médico no recinto?*” E aquele silêncio perpetuado de velórios e necrópoles teso, no ar.

Naquela quadra dezembrina quando se inicia a faxina na vida e se refaz o prumo da trajetória sobre a face da terra, a velha se convalesceu de vez. Laodâmia notara que ela não mais fazia xixi. E ali naquele ermo não havia médicos, apenas enfermeira nos cacete-armado para saquear com seus diagnósticos escusos os infelizes sertanejos. O jeito era mandar a mãe para a capital. Mas não havia transporte. E numa ambulância calorenta, desconfortável e miserável, dessas que o governo federal doa para calar a dor dos nordestinos, embarcou a velha ao lado de um neto buscando a cura naquela manhã de sol a pino.

A porta da ambulância se abriu e Castália, a filha de olhar saudoso buscou na retina o rosto amigo da mamãe. Estirada numa fria e dura maca de fibra de vidro estava a velha naquele estado lastimável de abandono. A velha senhora buscou o olhar da sua cria e sussurrando baixinho, exclamou:

*-Minha filha, me acuda!*

Castália de coração partido desatou a chorar ao constatar o quadro desesperador em que se encontrava aquela velha senhora. Naquele sol escaldante da tarde a velha senhora penou durante três horas até ser atendida por um especialista. Era a lei da selva que regia os famigerados planos de saúde. Após realizar uma bateria de exames e procedimentos foi averiguado de que a velha senhora não sofria do Mal de Alzheimer, a velha na verdade estava muito debilitada com infecção urinária instalada e era portadora de depressão crônica. Naquele momento do diagnóstico revelado pelo profissional de saúde, caía por terra todo uma sucessão de diagnósticos equivocados emitidos por um médico nos sertões da beira do Rio São Francisco. Aqueles medicamentos ingeridos durante seis meses oneraram as suas economias e a inutilizara perante o mundo.

Tangida do seu verdadeiro lar a velha passou a habitar com a filha Castália na capital. Iniciava ali um rosário de lamentos e doações. A sua casa no interior ficara abandonada, entregue ao vento que por dentro rodopia feito fantasmas. Aos poucos o cupim foram dando na cumeeira, os caibros apodrecendo e um dia o telhado veio abaixo. Ficou assim a velha sem pátria doméstica, em suspensão na casa dos outros. A angústia foi lhe corroendo a ponto de passar a maior parte dos dias a gemer de uma dor imaginária. Era aquela cantilena miserável no pé do ouvido sem dar trégua a qualquer ouvinte. Ao longe os filhos que jamais vinham se solidarizar com a dor da perda daquela pobre mulher, omissos estavam, omissos ficaram durante três anos sem lhe dar a mínima bola, parecia um capricho maldito que ostentavam com orgulho. No fundo tinham vergonha do próprio estado clínico da mãe. Era um prato cheio para um psiquiatra. Na verdade era um bando de desnaturados, cuidando da própria vidinha medíocre enquanto a mãe morria aos poucos sem o afago e atenção daqueles que ela própria botou no mundo. O quadro de debilitação foi se agravando a ponto da velha senhora sofrer pequenos derrames que foi deixando parte da face e dos dedos das mãos imobilizados. O descaso e a omissão dos filhos, porém continuou. Parecia que a velha tinha perpetuado algo de muito grave contra cada um deles, mas no fundo o que permeava era a ingratidão naquela relação mal resolvida com a própria genitora. Nada de grave havia acontecido.

Ao amanhecer a velha senhora passou a não querer acordar para enfrentar o cotidiano. Para ela parecia que aquela história não tinha um fim. Era como se estivesse passando aos seus olhos aquele filme da derrocada, do banimento e do desprezo. O que

seria depois que ela falecesse daquele núcleo familiar que ela construiu. Assim se perguntava sem achar uma solução. Ao seu lado, Castália a cada dia se contaminava e se afundava naquela neurose que a própria mãe envolvia todos daquela casa. Aquela residência da filha passou a ser um desassossego. A velha a tocar fogo no mundo sem piedade. Ao acordar o cheiro de amoníaco se espalhava pelo corredor e envolvia toda a casa naquele odor miserável de xixi. A cada amanhecer eram as fronhas, o lençol e os travesseiros que eram trocados e lavados. A urina se impregnava em tudo. Nada se podia fazer, estavam todos passando uma chuva na espera de que houvesse bom tempo e surgisse de novo o brilho do sol.

Silenciosa se avizinhava mais uma congestão cerebral, pois o coração vivia encharcado de desgosto. E para aliviar de quando em vez aquela torridez surgiam as irmãs que moravam distante, uma sobrinha, uma cunhada em visita para solidarizar-se com aquela desgraceira que vivia a velha senhora. Ficavam ali horas e horas em saborosos diálogos que eram regados por tortas de chocolate e chá. Os cães dos filhos da velha senhora continuavam alheios ao sofrimento da mãe. Para não passarem batidos, enviavam os filhos para tomar benção a avó. Era o único modo que eles se mostravam presentes. A velha senhora imersa em depressão vivia numa sinuca de bico. De fora quem via aquela história se desenrolar ficava constrangido com o grau de egoísmo e irresponsabilidade daquela gente.

Havias dias em que a velha senhora se defrontava ao espelho da penteadeira chipandelle do seu aposento, e ao deitar-se ficava um tempo, estática a observar o semblante murcho, as maçãs do rosto desaparecidas, a face chupada feito uma manga espada depois do almoço, e interiormente murmurava para as paredes de sua alma: “*Quem ti viu heim Ana Perena, como você decaiu!*”. Uma lágrima solitária descia encharcando a gola do robe. A noite já ia alta, e o som da orquestra mexicana que na década de sessenta percorria o interior baiano começou a lhe invadir, pôr-se então a ouvir vindo do tempo “*Angústia*” do cubano Benvenuto Granda, solado aos violinos, e se viu no meio do salão do clube social de sua terra, de mãos dadas com o marido, Bianor. Transpunha aquele ambiente melancólico como uma pluma. O vestido de bolero rosa com decote no busto, chamava a atenção dos que ali estavam para aquela festa. E observou que em cima daquela penteadeira um dia ficou um par de luvas negras, a punça, o talco Myrurjia, o perfume

Jaïpur Saphir da Boucheron, um batom carmim, um tubo de laquê, e a rede de cobrir o penteado. Viu o batom da Payot sem a tampa ao lado do convite da festa. Naquela noite ela dançaria ao som de boleros, tendo o vento frio da madrugada agasalhando suas mãos que suavam quando o marido lhe tirava para dançar. Em cima da mesa reservada havia o nome de Bianor gravado em letras douradas, demarcando aquele assento. E o vai vem de garçons servindo champanhe e petiscos, o perfume enebriante cobrindo aquela noite de festa a transportava para um reino das fadas. Mirou o espelho e na memória embaçada que transpunha viu Bianor lhe dando um beijo. O coração palpitando e o som da orquestra alastrando-se. Observando aquele mundo de Narciso notou que suas pálpebras estavam caídas e a sobancelha que no passado ela fazia de lápis crayon quase que não mais existia. Eram breves fiapos brancos sobre a pele. Os cabelos que outrora eram fartos e sedosos agora se encontravam totalmente grisalhos, opacos e diminutos. A boca que causava frisson em Bianor estava torta e a baba cai continuamente no colo. Os dentes alvos e aquele sorriso desbragado agora se escondiam numa ponte fixa, surreal.

Foi assim decrépita e descendo a ladeira que dormiu com Bianor sem ter pavor do inusitado. E nua, sem o lençol, o ar condicionado pipocando no ar, se entregou pela última vez ao seu amado. E ele do outro lado da morte atendeu o seu chamado. Ana Perena fazia do amor aquilo que o poeta inglês John Donne um dia cantou: *“O amor não conhece estação ou clima/ Nem horas, dias, meses, os farrapos do tempo .”* Foi a trepada mais idílica que ela teve nessa vida. Quando se quedou saciada de prazer, o mundo em volta se mostrava com outra cara. Ao acordar da promenade, babatou no escuro a presença do marido ao seu lado, e frustrada daquela ausência mergulhou novamente na depressão. A fralda encharcada de mijo, a urina no lençol tomando todo o seu corpo, aquele odor miserável invadindo o ambiente, gritou desesperada para que alguém viesse lhe salvar daquele inferno. Envergonhada do seu estado ficou sem querer abrir os olhos para enxergar o mundo a sua volta. A vida já não tinha sentido, buscava nas lembranças algum bálsamo para acalantar a sua travessia pela face da terra. Estava difícil empreender a caminhada, de pernas banzas e tomada também pela demência tornou-se um fardo pesado que as empregadas tentavam lhe colocar nos trilhos do longo corredor. Passou então revoltada com aquele seu estado a se autoflagelar como forma de abreviação do sofrimento. Estendeu a se jogar na ponta da mesa, ferindo o supercílio, por pouco não vazou o olho, deixando-a

cega. Atirava-se escada abaixo sem medo algum de se ferir. E vieram os ferimentos, o rosto tomado por hematomas semelhante ficou como um boxeador no último round após o nocaute. Tentava dar um fim e ao mesmo tempo chamar a atenção dos filhos para que eles a procurassem. E nem com todo esse sofrimento os filhos deixaram suas vidinhas de lado para vir lhe visitar. Ana Perena percebeu que o seu tiro tinha saído pela culatra. Não houve nenhum telefonema de solidariedade ou saudade, apenas Castália que continuava a lhe cuidar, botava unguentos e a tratava com doçura. Mas para Ana Perena ela entendia que tudo continuava antes como dantes no quartel de Abrantes. A vida seguia trôpega, cambaleante e enfadonha. O cotidiano continuava longo sem a coberta da noite para abreviar sua saudade. O dia tornava-se uma sucessão de marasmo. O seu barulho interior era mais potente que a vozeria que eclodia lá fora. Em sua cadeira de rodas, assistia impávida o enredo da sua própria história. De frente para o televisor, com o rosto apático, ficava vendo imagens de desenhos animados enquanto o mundo globalizado e infeliz explodia em guerras e ataques terroristas. A mão tremula e enrijecida quase que não mais atendia ao seu comando. A artrose aos poucos ia atingindo sem piedade seus membros. O sorriso desaparecido da face dava lugar a balbucios e choraminguações. Se supostamente um de seus filhos ingrato chegasse para lhe visitar o semblante tornava-se sereno e durante aquela estada a lucidez se instaurava dentro dela. Opinava, emitia juízo de valor sobre algum fato, parecia que estava lúcida e o que faltava era somente aquele afago e o calor dos desnaturados. Mas ao se despedirem hibernava no estado da melancolia e afônica gritava para que viesse lhe fazer companhia. Ana Perena não gostava da solidão, queria sempre gente por perto, vinte e quatro horas a sua disposição. Sofria de síndrome de abandono e esquecida vivia pela catupilha de filhos.

Quando Novembro findava e o calendário gregoriano denunciava que o período do Advento se anunciava para o mundo ocidental, Ana Perena então imaginou que os corações de seus filhos se encharcariam de solidariedade e amor ao próximo. Afinal a celebração dos festejos natalinos impregnariam nesses incubos algum sentimento de amor, já que somente nessa época é que eles pensavam no outro, e hipocritamente distribuía nos seus quixodós, presentes entre a sua própria prole, enquanto no ano inteiro viravam-se a cara para o seu mais próximo semelhante, inclusive ela, a velha Perena, da Praça que da cadeira de rodas esperava ver o semblante amigo de algum filho, antes do ano romper.

Entretanto a velha senhora não dava trégua sequer naquela cantilena miserável de viver o dia inteiro chamando uma irmã morta para vim lhe acudir. Parecia que Ana tinha um encosto que lhe deixava insana. Levada pela filha há uma casa de candomblé se descobriu após os jogos de búzios que Perena estava tomada por eguns. Durante seis meses após os trabalhos a velha senhora voltara novamente a clamar pela mesma irmã morta. Era uma melopéia miserável de agouro que se entendia por toda a casa incomodando aqueles moradores. A cada manhã que destampava ela definhava fisicamente acentuando a pelancaria e o magrém. Os filhos a lhe evitar e a filha caçula de coração tomado pela compaixão se torturava vendo aquela estampa Boschniana se esvaindo. A velha não se pegava com Deus, vivia feito um fantasma a grunhir para que se fizessem a sua vontade imediata. No tempo que rezava fazia trezena para o Trombeta do Evangelho de preces contritas em língua francesa. Quando a loucura se instaurou aboliu a religião de sua vida. Passou a não ter a menor paciência de rezar uma Ave Maria inteira, no meio da oração, pedia para que se parasse. Vivia grunhindo e calada observando todos e tudo dentro da casa. Esquisitamente foi tomando uma postura corporal semelhante como Frei Damião teve no fim de sua trajetória terrena percorrendo as missões no Nordeste. Parecia que ela tinha visto o religioso italiano pela televisão em sua peregrinação de pescoço torto, teso como Nosso Senhor ficou na cruz, no Gólgota, após o suspiro, que lhe imitava. Semelhantemente ela passou a andar de pescoço torto, para frente, pedindo clemência ao próprio tempo para não sucumbir. O dismantelo que ela própria promovia com o seu corpo, em seu próprio templo, daria sinais mais tarde. Ana Perena era teimosa e só fazia o que ela bem entendia. As empregadas a lhe cuidar com mimo e ela soberana, feito uma rainha inglesa, a botar pra fuder em suas serviçais. Não adiantava o diálogo, as palavras amenas que sua filha caçula pedia para aliviar com suas mucamas. Ela não dava importância. Ana Perena parecia que vivia no tempo da senzala, no tempo perverso do chicote, tronco e salmoura. Sem dar um fresco para ninguém dentro da casa. O único interesse dela pelo mundo se encontrava no odor que exalava do fogão, e em meio de caçarolas e panelas, o óleo borbulhando, ela vislumbrava uma iguaria saborosa que poderia saciar seu apetite. Ana nunca se deixou levar pela abstinência, fazia da cerimônia de suas refeições algo de grandioso. Adorava comer de olhos fechados, naquela manparração sem fim para engolir, arrotar na cara de quem tivesse por perto e cochilar embalada pela onda do paladar.

Quando a quadra da lua se mostrava propícia no céu da Bahia, Ana Perena tinha dias que pedia a moça que lhe acompanhava, que lhe tirasse para dançar arrocha. Era uma situação singular, ela que vivia imobilizada na sua cadeira de rodas, levantava-se sozinha, e no meio da sala de som alto, as duas passavam a fazer passinhos embaladas por esse gênero musical do povão baiano nessa década do século vinte um. Quem observasse de fora aquela cena imaginava que a velha senhora estava completamente curada. E dava risadinhas, a moça quebrando naquela coreografia sacana e Perena a lhe acompanhar com passos tímidos.

Oreando poldro, passou a viver a velha senhora de seu canto tangendo a distancia sua tropa. Nesses três anos em que a mesma morou fora de casa, a visita mais constante foi de Perina, uma filha que ela gostava muito de rever. Vinha essa de quando em vez e a lhe preenchia de afagos. Ambas moravam na mesma cidade, mas o cotidiano, os compromissos, a dificuldade que Perina atravessava, faziam que ambas ficassem distantes. Perina chegava com as olheiras aparentes, aquele sofrimento estampado na cara, de bom humor, Perina sempre foi de rocha, gente boa, ficava por ali a embalar de saudades a velha mãe. A matilha de filhos continuava de peito empinado, se exibindo pelo mundo de carro novo pelas avenidas da capital baiana. na mesma miserabilidade de sempre, sem encontrar tempo na suas agendas para rever a velha enferma. Estavam chegando os festejos do reveillon, e com isso um se exibia para o outro. Apesar de não se falarem. Mandavam mensagens através dos filhos. Enquanto a língua ferina, um esculhambando o outro, Castália imprensada caminhava na querela mal resolvida de dois marmanjos que cujo objetivo era se mostrar para a família inteira de que eram retados.

Numa cadeira de rodas, presa a um lençol, Ana Perena sonhava com a visita e eles distante fazendo trança e a mãe esquecida naquele tiroteio. Nada mudava. A velha senhora oreando seus poldros inconscientemente buscava no ar uma notícia de seus Brimos. E eles de compromissos com o seu próprio mundinho, estreito e raso para o criador. Era uma promoção, uma reforma na mansão, um culhão que não subiu, uma colega de trabalho que não conseguia levar para um motel, era aquele folhetim globalizado e ridículo. Depois que o ano rompesse estariam diante do televisor se admirando das proezas de Faustão ou Ratinho, enquanto as banhas de suas próprias panças aumentavam feitos verdadeiros hipopótamos. Só a morte da velha o fariam sair da letargia daquele atropelamento para se

envolverem naquela onda. Ela continuava durante um dia inteiro a grunhir em clemência que fossem lhe visitar. Nada mudava o quadro. A velha de sua cadeira de rodas só pedia água e comida como forma de sublimar aquela rejeição. Havia caos nos domínios da velha, e na pele de seus filhos vangloriando entre os próprios filhos que estavam ficando ricos e a velha no ermo, esquecida no mundo.

A cada amanhecer o trabalho para cuidar de Ana Perena redobrava feito uma tarefa de titãs. Nas manhãs a casa inteira era tomada pelo odor de urina dormida que se impregnava em todo ambiente. Aquela passasão de baldes, desinfetantes, lençóis, fronhas e travesseiros para serem novamente lavados. A casa vivia em função da mijação da velha durante toda uma manhã inteira. Ela, todavia ficava amarrada na cadeira de rodas após o banho grunhindo um idioma incatalogável. Não havia quem entendesse aquele rema, rema, nhã, nhã que se estendia por todo o dia.

Veio de Periperi uma velha já no tempo de se aposentar para cuidar de Ana. Desde o momento que pisava o pé na soleira da porta principal que Berenice detonava a contar misérias e contratempos. Aquele rádio ligado no pé do ouvido dos moradores não dando trégua. De um lado Ana Perena balbuciando besteiras e de outro a velha Berenice disparando a carretilha da língua. Ficava a suburbana a todo trabalho que fizesse dentro da casa a querer apurar alguma coisa, ter com isso algum lucro. No fundo tratava-se de uma mercenária passando uma chuva, esperando o bote para botar a patroa no pau. Ela não tinha nada a perder, estava em fim de carreira e qualquer coisa era somente lucro.

Ana Perena não suportava a presença da sua enfermeira. Ela tinha vontade de pular na garganta e esganá-la. Apesar de surtada tinha momentos de clara razão. E quando via a velha Berenice mentindo, tinha vontade de bater na cara. Mas imobilizada numa cadeira de rodas pela própria Berenice vivia a velha a domar aquela aporrinhção cotidiana. A velha suburbana tinha o cão da exibição domando o seu caráter e não sabia escutar o outro. Para tudo ela tinha uma solução jogando o barro na parede. Vivía feita uma cega em tiroteio atirando para tudo que é lado, se pegasse, pegou. Tinha cumprido a sua missão.

A velha Berenice chegava para o batente às oito horas da manhã, mas nunca era pontual. Tinha dias de aparecer as oito e quarenta, nove horas, alegando que a condução tinha atrasado por um assalto no trajeto, na altura da Br 324. E aí toda sorte de detalhe da viagem era sapecada na cara de quem estivesse no ambiente, quisesse ou não escutar aquela

embromação. E antes de bater a hora do Ângelus já estava de banho tomado, perfumada, siriricando, e empurrando a lavagem de uma sopa na velha Perena. Se mandasse ela no inferno buscar uma encomenda ela de andar enviesado, traria sem problemas. Agora se pedisse para passar uns bifês, certamente esses ninguém comeria. Era uma inutilizada na cozinha, só servia para fazer mandados, tranças, fuxicos e sapecar a mentira na cara de qualquer cristão.

A velha Ana Perena passou a falar frases que remetiam ao seu passado. Feixes de palavras que vinham carregadas de nostalgia. Chamava pela mãe num tom voz melodiosa e triste, como se estivesse a pedir socorro. Era fato que a sua genetriz tinha partido desse mundo quando ela contava apenas com três anos de idade.

Passou a recordar os seus tempos no colégio interno de freiras francesas, e a cada colherada do alimento que a empregada lhe dava na boca, do seu almoço, de olhos fechados lembrou do poeta cearense padre Antônio Tomás.

E ia seguindo a vida sem rumo nas tardes bêbadas de ansiolíticos e antidepressivos. A Norma de cor roxa do quintal da casa de Castália em que Ana morava despencava vespertinamente sobre o muro de alvenaria. Caminhava dezembro a época de sua floração. Porém no coração da velha a angústia se avolumava. Amor de mãe para com os filhos é algo grandioso e se perdura durante o tempo que a mesma viva sobre a face da terra. Do outro lado não se sabe como fica a história de cada um. Ana Perena continuava no compasso de espera, louca de saudades de rever o rosto de qualquer um de seus filhos, e esses metendo o pau no ouvido, sem tá nem aí para a velha mãe. Parecia uma perversidade inútil que aquela raça perpetuava contra a própria criação. Não telefonavam, não davam as caras, não apareciam para visitá-la. E ela de coração pipocando, de pressão alta quase sem respirar se perguntando porquê tanta ingratidão. Eram sete filhos, sete corações, sete romances inacabados que se perdia na paisagem de seu olhar.

Amargurou durante anos a velha Ana Perena o desprezo que seus filhos a tinha para com sua própria espécie. Ficava a velha a gemer, a choramingar, a querer sair louca pelo mundo, enquanto a pequena prole cuidava de seus próprios negócios. Viveram eles durante a vida toda enquanto permaneceram dentro do bangalô da Praça, a trocar farpas, palavras malditas, agressões verbais, ironias baratas, desconsideração e falta de respeito de um irmão para com o outro, resultado, gerou a diáspora que nessa altura da vida, sem mais

Bianor vivo e Ana Perena na fila para se encontrar com Deus, nenhum deles tem o menor interesse de reparar tanto desmantelo e maus trato com gente da sua própria tribo.

De fato já não mais existia a família de Ana e Bianor coesa como eles juraram diante do altar. Restava apenas uma manada de éguas e cavalos baios, correndo soltos pelos caminhos do mundo, tangendo seus poldros para chegarem em primeiro lugar no pódio. O mundo lá fora globalizado e a velha senhora vivendo como se estivesse em plena Idade Média, alheia aos avanços tecnológicos.

Em sua casa no interior baiano estranha música estava sendo ouvida para quem chegasse a porta de entrada. Vinha a melodia embalada por cordas de violinos num lamento triste de compasso quaternário e que alguém estava a executar aquele concerto esquisito em meio aos escombros. Passou então aquele estranho fenômeno a fazer parte daquela cena interiorana e aos poucos foi surgindo na porta do bangalô da Praça uma multidão de contrrâneos curiosos em escutar aquela melodia melancólica. Naquela cidade não havia novidades, somente de quando em vez, surgiam bandos de ciganos colorindo a paisagem. Logo a cada dia se prostravam diante da fachada daquela residência uns bandos de gente do povo ávidos para ouvirem aquela apojatura. Eram melodias na maioria desconhecidas e executadas por fantasmas. Pois, dentro daquelas ruínas, não havia nenhum aparelho de som e muito menos se mostrava na tela algum músico para que o povo pudesse matar a curiosidade do inusitado. Da aurora ao crepúsculo aqueles acordes pesante e mesto permaneciam audíveis a qualquer um que ali aparecesse para escutar, ininterruptamente.

Numa tarde enalorenta, de fim de ano na capital, surgiu Ceres, velha amiga de Ana Perena, que após percorrer seus quatrocentos e oitenta quilômetros a bordo de um ônibus bufe-bufe, parando em tudo que é biboca, pela estrada esburacada, fez a via-crúcis para rever a sua velha compatriota. Ceres tinha um tipo fora dos padrões de beleza ocidental. Tinha trinta e cinco centímetros de altura, a tez de índia paiaia e uma agilidade fora do comum para aquele arcabouço corporal de anã. O sorriso desavergonhado e uma vontade de viver que se mostrava em seu discurso permeado de otimismo. Portava uma mala de couro, maior que o seu tamanho e no cocuruto uma rodilha de pano. O pé direito daquele bôbolôjô era alto batendo no céu, mas figura de Ceres transitando ali dava um aspecto de que estava numa parada onde se exhibia tipo exótico de um carnaval veneziano. Ela vivia roendo beira de sino sem um papagaio para roer o cu. A marca de Cronos,

Zarateempo se mostrava naquela aparência de seus oitenta e oito anos de verões ardentes e invernadas embolorentas. Ana Perena com aquela visita passou a ficar feito pele de pica, para frente e para trás, inquieta, sem dar sossego, não desfrutando o ritual daquele acontecimento. A presença de Ceres despontou na velha uma grande inquietação. Parecia que existia algum mistério que poderia se destampar, e vir à tona, causando-lhe contratempo. Aquele arrebatamento da presença da nanica se mostrava no olhar de revulsão da anciã.

Após uma breve merenda, das três horas da tarde, doce de leite com requeijão, as duas se encaminharam, a anã levando Ana Perena na cadeira de rodas para o aposento, e lá permaneceram durante o resto da tarde. Não se ouvia o diálogo que ambas empreendiam. Era sussurros, chamar na chinha, descoser a orelha, daquele frogôdô por parte das duas. Ceres por sua vez fazia o seu gongôlo, no fode-mansinho, montando na cacunda da velha abrindo o véu com aquelas revelações. Toda a sorte de muafos, sapecados na cara pela onze letras, após trinta anos do vavavá e zébrune. Ceres estava ali para adivinhar passarinho verde, querendo aproveitar enquanto Brás é tesoureiro, pra botar a boca na maré vazante. O desejo de que detrás do meu cu não quero lundu, a anã não trazia para aquela baila. E Ana Perena pensava que berimbau era gaita. Ceres encarnava o Satanás pregando quaresma.

Estava para lhe relatar que na sua casa a melodia que estava se ouvindo dentro dela, nada mais era do que os acordes do violino de Neméa, que ela mandara no passado envenenar por que se tornou amante de Bianor, e com ele teve seus dois filhos. Ceres indagava a Ana Perena se ela não se recordava que Neméa, foi spalla da orquestra sinfônica da Universidade Federal da Bahia e por diversas vezes vinha no final do ano para a serra de São Gonçalo do Amarante, e ali promovia seus concertos.

Após a descoberta por Ana Perena de que os dois filhos de Neméa eram de Bianor mandou então promover o crime do envenenamento e a anã naquela época tomava conta do casarão da musicista enquanto ela trabalhava na capital. Para colocar uma dose de cianeto de potássio na comida daquela mulher foi somente um passo, selando a sorte, deixando dois meninos órfãos.

Ceres passou a exigir da velha que só se mantinha calada com aquele segredo se ela fosse recompensada monetariamente de outra forma abriria a boca no mundo. A velha Ana Perena apontou para o guarda-vestido e mandou balbuciadamente que a anã pegasse

aquele pacote de cédulas dentro de um envelope pardo. Seria o preço para pagar aquela extorsão. A pequena Ceres se mantinha com os olhos faiscando no breu do aposento quando tocou naquela vultosa soma de bagarotes. A velha continuava naquele mundo, variando e tendo lampejos de razão. Quedou-se tranqüila, como se estivesse tirado um peso que lhe atormentava quando Ceres lhe disse no escuro que travaria a boca e esqueceria para sempre aquele crime. A anã ficou por ali hospedada durante dois dias até bater asas de volta a sua terra, levando na bagagem o preço por uma delação.

Mas nessa vida tudo o que se faz nessa terra, nela mesma, um dia se paga. Neméa surgiu em sonhos a um dos filhos pedindo que fosse a túmulo onde estava enterrada, e tirasse de sua língua uma moeda colocada quando jazia morta no esquife na noite de sua sentinela. E de que ela fora envenenada a mando de Ana Perena. Os filhos procuram a velha e relataram o episódio, a velha que sentada na cadeira de rodas, de olhar desesperador, foi ficando avermelhada com o decorrer daquela revelação, a atingir a uma tonalidade roxa, quando de lado baixou a cabeça, num infarte fulminante lhe levando para o andar de cima. Os filhos providenciaram o sepultamento e na boca miúda do povo quando o cortejo passou por ruas estreitas alguém chegou a comentar dentro da cozinha:

- Deus perdoe sua alma!

E na janela, do outro lado da rua, uma mulher do povo comentou, se benzendo:

- Que a terra lhe seja leve!

## NO OCO DA CAATINGA

**Para meu Pai, em lembrança.**

No oco da caatinga, quase dentro dos paus, naquele ermo escondido, ficava a Fazenda Trancada, do pabo Sá Miranda, no piemonte da cordilheira do Espinhaço do Cavalo. Se o Rio Tocós estivesse seco, descobrindo o leito e desse passagem, chegava-se por uma vereda esburacada, repleta de mata-burros e cancelas, naqueles atoleiros dos infernos. Só se ia lá quem tinha compromisso. Por aquele mesmo corredor à noite se evitava passar para não receber uma pedrada atijada naquele alvéu que diziam ser pelo Zarabeteu. Badogada que ninguém sabia de onde vinha naquele breu das horas mortas. Era um caminho amaldiçoado onde todos evitavam por ali transitar.

Mas naquele dia luminoso de Dezembro descia em diligência num Jeep 56, fretado, perrengue, que costumava sempre ficar na jante, o tabelião Ioiô de Augusto, com seu imenso livro de escrituras no colo, a caneta Parker, tinteiro, mata-borrão e a almofada de carimbos. O notário tinha sido convocado pela família de Sá Miranda para evitar gongolô e lavrar o testamento do galalau que já se encontrava prestes a subir na fumaça. No volante do automóvel Nadinho de Aurélio, cheio de tiques nervosos pela face, chispando por aqueles caminhos.

Ioiô de Augusto era um sujeito humilde e tinha a paciência de Jó, amável, camaradeiro, boa conversa, jamais se irritava com nada, só dentro de sua própria casa. Ali era tão sério que parecia estar num quartel. Nunca transigiu a lei dos homens e de Deus. No passado foi seminarista no Convento dos Capuchinhos da Piedade, largando a batina,

entrara para a Polícia Militar, sendo soldado da cavalaria. Sentou praça ao lado de Estevão Olha o Cão, Sabonete que pertencera ao bando de Lampião e Gérson, filho de Memência Figueiredo, sua devota tia. Quando a II Grande Guerra Mundial eclodiu foi chamado servir na Itália a combater os nazi-fascista. Ficara, porém, na Bahia, pegando espiões alemães em porões na Baixa dos Sapateiros, onde aí eles mantinham estações de rádios clandestinas.

No cartório de Tabelionato de Notas acolhia a tabaréuzada sem a menor distinção. Estava sempre não importando o dia enfatiotado de gravata e paletó naquele calor desgraçado que assedia o ano inteiro aquele nicho, sempre também com o sorriso geminiano estampado na larga cara do povo dos carneiros. De olhar triste, a sobrancelha cheia, os braços cabeludos, a estranha calvice e na ponta da falange do polegar direito uma cicatriz. Tinha um timbre de voz potente parecendo de um locutor. Era uma mão aberta para as custas cartoriais, pois não costumava cobrar reconhecimento de firma, coisa que sua companheira Jovita abominava, “era o leite das crianças”, dizia ela.

No caminho, entre uma paisagem e outra, a figura de Sá Miranda vinha sempre à tona naquela viagem. E surgia na lembrança de ambos quando ele apontou na cidade montado num burro alto, um chapéu Ramenzoni na cabeça, botas altas até o joelho, e um rebenque de prata nas mãos, chamando a atenção de povo pela estampa. Parecia um coronel da Guarda Nacional como muitos que tiveram naquela terra. E os coronéis foram também morrendo e as fortunas de terra sendo divididas, a vacaria se mudando de pasto, e os casarões despencando no tempo. Quem conheceu o fausto dessa geração de títulos comprados e caxixe, alcançou a derrama entre mesa de bar e quengas na velha Rua do Fogo do pequeno arruado. Viu também as mulheres dos coronéis, todas fração imprópria, alquebradas, de facão amarrado, sentadas em cadeiras de rodas, tresvariando entre o pátio e a enorme cozinha. E o séqüito de serviçais envelhecendo e indo povoar a rua do Molambo, Furrupa, Troca-Tapa, Alto do Cemitério, Cruzeiro, o entorno da pequena cidade. E os coronéis tinham seus currais de eleitores semelhantes como seus currais de gado, onde todos eram marcados a ferro em cédulas eleitorais. Mandavam e decidiam a política conservadora daquele pequeno feudo sertanejo. Durante um século esses coronéis da Guarda Nacional ostentaram seus falsos títulos e empreenderam querelas inomináveis por um pequeno corredor, um passadiço, um mourão fora de rumo, um marco que o próprio tempo fazia apagar. E as pilhas de processos de Reintegração de Posses, de barulho, de

Questão, avolumavam-se na Justiça local. Eram juristas que vinham de longe, casuístas para defenderem os desmandos, os caprichos de seus constituintes e levarem rios de dinheiro. Os capangas dos coronéis foram também envelhecendo, com eles a língua costurada nos segredos, nas tocaias, nos trabucos enferrujados que não mais atiram nem metem medo mais a senhor ninguém. Foram se aposentando de seus postos, ganhando um taco de terra como prêmio da lealdade. E nos pequenos minifúndios foram surgindo os nomes na memória do povo: “... ah! Num sei quem... foi vaqueiro do coronel Marcelino Doido, é de uma raça paba que ninguém quer conta!”, o mesmo povo os renomeavam nas bodegas e nas quermesses.

E o vulto do lobisomem que atormentava as noites da fazenda Trancada, também veio na memória daquele tabelião, naquela empreitada. Viveu o monarca Sá Miranda durante muitos anos com o demo batendo a sua porta quando a noite caía naquele horizonte. Chegava o vulto desconforme a bater nas portas do fundo, entre a casa de farinha e a cozinha, para avisar acintosamente que estava naquele domínio. E por toda a madrugada passava a fazer suas lambanças, seus jaculèbu, derramando a farinha, o feijão, o milho, armazenado nos depósitos de alumínio, como forma de provocar frogodó e fuá. Via-se aquela visagem, com feições de porco, rosnando em volta da casa da fazenda, na busca de sangue de inocentes e pagãos. Foram anos de martírio, de sentinela para tentar matar o bicho. E o azougue sempre furtivo, deixando um rastro de devastação e prejuízo. Noites e mais noites em claro na tentativa de dar cabo àquela maldição de satanáas ficou Sá Miranda na tocaia.

Num dia de festa comemorativa de emancipação da cidade do jugo de Cachoeira, destampou no alto dos céus a mula gigante de Sá Miranda com ele montado em arreios de ouro que encandeava o olhar de todos os conterrâneos. Veio a mula voando dos lados da Fazenda Barra de Maninho Figueiredo, contornou pelo alto a bela estátua da madona de bronze, passou pela Praça da Matriz e no telhado da sede velha da prefeitura daquele arruado, despejou uma chuva de estrume. Via-se do céu aquele derramamento de merda que encharcou toda aquela via. O primeiro a dar o alerta para a cidade foi Benjamim Martins e Marica que do outro lado do imóvel viram descer pelas bica aquela chuva de excrementos. Logo Toni de Ozéas, Zé de Tuza, D. Menininha de João Tupy, Antônia de Leny de Ozéas, Rosito de Totó, Pedro São Paulo, Pedro Paulo e o povo de Dr. Neco

tiveram que se mudar daquele arruamento. A mula gigante de Sá Miranda com ele montado estava como uma tromba d'água a despejar excreção no telhado da viúva. Ficou durante quatro anos, o tempo quase de uma gestão municipal, o imóvel do alcaide imprestável de se trabalhar, onusto de sujidade. Aquele presepê de Sá Miranda que pensava que berimbau era gaita, lhe custou um ano de xilindró. Por ordem do magistrado José Ferreira Filho, titular daquela comarca, veio o entupigaitado Sá Miranda, escoltado com dois praças, mas montado na própria mula do acontecido para o velho Riachão. E o animal permaneceu também enjaulado no Curral de Conselho da Prefeitura Municipal enquanto durou a pena de seu amo. Cumprida a sentença voltou Sá Miranda montado na mula de volta para a sua fazenda, não mais voando. Mas Zuza Sodré de Lima e Bonfim, seu filho, quando viajavam por aquelas estradas afirmou na época que quando o retinto alcançou a Fazenda Santana do deputado Eliel Martins, observou que o desassuntado esporou o vazio da mula, suspendeu a rédea, mandou o calabrote no lombo e voou em direção a Trancada.

Na Câmara Municipal foi baixado decreto proibindo o abissínio ginete de voar com o animal. Entendiam os asphaltinos que aquela presença tornava-se uma ameaça à ordem pública, e assim semanalmente quando o marrim vinha para a feira adquirir seus mantimentos amarrava a mula na Venda de Tune e evitava o transtorno com a policia local.

O caminho da Trancada é um caminho tortuoso, repleto de armadilhas e curvas sinuosas beirando os esconsos. O chauffeur de praça tem que estar o tempo todo em alerta, ao menos que queira provocar uma virada. A estrada que leva a Trancada é semelhante como a estrada onde Satanás perdeu as botas, e nela pode se virar azougue. Nadinho de Aurélio não olhava para o lado do tabelião, conversava atento as traições daqueles borocotós. Naquela praça todos temiam a viagem a Trancada, temerosos com que se contavam daquele corredor.

Não demorou em uma ponta de pedra daquelas veredas perfurasse um dos pneus do automóvel impedindo o prosseguimento daquela viagem. E os dois viajantes só restou ficar com a cara pro tempo feito bilhete de sereno. Se um deles voltasse a pé para Riachão, decerto só chegaria a noite naquela cidade e se retornasse para trazer um borracheiro ou outro pneu, naquela altura Sá Miranda já estaria morto e o testamento ficaria a grupar veado.

E por três horas seguidas de marasmo naquele fim de mundo, se ouviu a distancia um ronco de um motor vindo naquela direção do atraso. O sorriso voltou a face do tabelião quando ele viu destampar na entrada da vereda o seu amigo Antônio de São Roque pilotando um outro Jeep. E botando a mão para os céus, exclamou, cheio graças:

- Enfim, quem anda com Deus nunca está sozinho!

O fazendeiro Antônio de São Roque por força do destino tinha ido avistar uma boiada de Antônio da Limeira para negociar, daí estar naquele brocotó, perdido. Antonio de São Roque não mediu esforços para acudir seu velho amigo. Resolvido o bolidório, e se despedindo, seguiu o tabelião em penitência para alcançar os domínios da Trancada. A espanta-boiadas tomavam sol pelos caminhos e coloriam a paisagem, fazendo barulho e companhia àqueles dois viajantes.

Ficou durante muito tempo atribuído a Sá Miranda a inhaca que assolou o assento da cadeira de espaldar dos alcaides da terra. Fora ele o responsável direto por aquela maldição. Todos aqueles que algum dia sentara a bunda na cadeira daquela viúva não demorava pouco a vir passar para a cortina do silêncio. Ficou de uma forma que não mais se fazia eleição naquela terra, os prefeitos a contragosto eram nomeados na Bahia pelo Governador do Estado. Nenhum cidadão jacuipense queria sentar na cadeira maldita da viúva pois temiam esticar a canela. Aquela lenda da maldição foi se perpetuando por gerações inteiras até que um dia em que o próprio Sá Miranda se candidatou a prefeito da joça.

Entrou no páreo da disputa mais dois cidadãos jacuipenses de caráter ilibado que já tinham uma vasta folha corrida de relevantes serviços prestados àquela comunidade. Por um lado candidatou-se o comerciante de peles, mamonas e sisal Sabino Alves Sampaio mas que carinhosamente todos os conhecia como Bino de Verônica. A torcida para Sampaio crescia a cada dia antes do pleito. E ele de sorriso dum canto a outro da boca, se vangloriava. Do outro lado disputava também Bilô, estabelecido na Praça Osvaldo Cruz, parede e meia com Oscar Xulinha, Gerente, Lilinho e que apostava nos votos da raia miúda da terra. Bilô já se achava o senhor da situação pois contava com o povo ao seu lado é o que ele dizia em cada cacete armado que freqüentava em campanha política.

Sá Miranda ficou feito pele de pica, pra dentro e pra fora da cidade, cabalando votos, quando se instalou em definitivo o pleito e aberta as urnas, Bino que segundo as

pesquisas liderava a eleição, não teve um único voto, nem dele mesmo. O único voto a receber por coincidência foi do seu êmulo Bilô, que escreveu na cédula: “Bino se quiser subir que suba na mãe, assinado o tal ...Bilô”. Aquele episódio sepultava a carreira política do empresário Sabino Alves Sampaio. Deixava Bilô em segundo lugar levando a vitória ao poder municipal o velho pabo Sá Miranda com dois votos de diferença. Fora uma vitória de pirro.

Debaixo de sol a pino a paisagem mudava em cada curva que fazia Nadinho de Aurélio dirigindo a sua arabaca enquanto o tabelião de indumentária encharcada de suor e poeira, segurava o pesado livro da Justiça com afinco. Quando parecia que não chegava a Fazenda de Sá Miranda se avistou ao longe a cumeeira do casarão. Um certo alívio veio aos dois, empapuçados do enxôlo da viagem.

Sá Miranda tomou posse na cadeira de prefeito a mesma que ele do alto despejou merda para que nela ninguém sentasse. O primeiro ato baixado pelo novo prefeito foi revogar o decreto que proibia sua mula de voar pelos arredores da cidade. Porém, o novo administrador fez do quintal da prefeitura o próprio curral de sua mula voadora. Vinha ele da Trancada voando pelos ares num espetáculo esperado todos os dias pelos seus conterrâneos. Com o passar do tempo tornou-se algo costumaz aquele estranho vôo do prefeito e sua mula voadora. Como se não bastasse suas excentricidades num 14 de Agosto, dia de emancipação política do município, em sessão solene na Câmara de Vereadores presidida pelo vereador Nena do Morro, o prefeito Sá Miranda convocou todos os ex-alcaides da terra que estavam mortos a tomarem assento na mesa. Todos os presentes ficaram espantados, e não demorou muito para que Pedro Silva, José Abraão Carneiro, João Moraes, Américo Carneiro, Orlando Marinho, João Campos, Eliel Martins e Gildásio Oliveira Souza surgissem de repente pela porta principal, todo o grupo em silêncio solene e se sentassem nas suas respectivas cadeiras. Naquele momento os mortos voltavam para prestar contas e serem homenageados pelos edis. Por toda a sessão solene todos que ali estavam tiveram o prazer de rever aquela brilhante comitiva que sem pronunciar nada, permaneceram por toda a sessão sentados. Logo correu a notícia na cidade e o burburinho tomou conta dos lares e dos bares. Os mortos voltavam na administração de Sá Miranda é que se constatava.

Meia hora mais tarde naquela viagem se viu riscar no largo terreiro da porta, aquela comitiva que não poderia falhar daquele destino.

Já se alcançava o meio-dia quando Ioiô de Augusto, o tabelião da comarca, pisou em definitivo no batente do casarão do moribundo. Pelo avarandado se avistava meio mundo de gente para presenciar aquele ato judicial. Conduzido pelo filho mais velho, o tabelião saudou a todos e seguiu para o quarto do ex-prefeito para lavrar o tão esperado testamento. Largado numa cama de casal de cabeceira alta, estava Sá Miranda vestido num pijama e ao lado da cama um castiçal com uma vela apagada. Uma de suas filhas ao seu lado ficou para lhe socorrer lhe dando os medicamentos. O tabelião sentou-se ao lado da cama, e em voz alta, falou:

- Bom Dia, Honorato. Cheguei para celebrar o Ato do Testamento.

O enfermo em seu leito de morte, abriu os olhos e exclamou:

- Até que fim Ioiô, pensei que você não chegava mais!

O tabelião já no adiantado da hora, respondeu:

- Podemos começar, enfim Honorato.

Colocou o imenso livro na perna direita e com ajuda da pena começou a escrever. “Aos vinte e três de dezembro do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e sessenta e seis,”

A filha disse ao tabelião:

- Está aqui a minuta que papai redigiu, Seu Ioiô.

O velho na cama, inquiriu:

- É assim que eu desejo Ioiô que se proceda com meus bens.

Durou cerca de quarenta e cinco minutos o tempo gasto pelo tabelião para proceder aquele ato. E ao término, disse:

- Eu irei ler Honorato...

O quarto se encheu de gente que estava na casa. Ao término, o tabelião pediu que Sá Miranda assinasse e ele com a mão trêmula assim fez. Ao fechar o livro, Sá Miranda exclamou em cima da cama:

- É , agora eu vou.

E fechando os olhos, não deu tempo nem da filha colocar a vela em sua mão, suspirou profundo, passando para a cortina do silêncio.

## ENTRE SÃO SEBASTIÃO E A CRUZ

*“ Antonio Carneiro morava em S. Bartholomeu, hoje Termo de Riachão de Jacuhype e então de Cachoeira; tinha seu lar no sitio mais tarde conhecido por sitio dos Carneiros, por haver ahi fixado residência o alferes José da Silva Carneiro, filho de Antonio Carneiro da Silva , e se tornado chefe da numerosa prole, toda com o sobrenome de Carneiro.”*

*“ Essas famílias ramificaram-se depois por Cachoeira, Feira de Sant’Anna, S. José de Itaporocas, Santo Amaro, Água Fria, Pedrão, Inhambupe, Riachão do Jacuhype, Coité, Monte Alegre, Jacobina, Sento Sé,etc.”*

*“ Em 12 de janeiro de 1741, por escriptura publica passada na cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, Antonio Carneiro da Silva comprou á Santa Casa de Misericórdia, representada por seu procurador Francisco de Sá Peixoto, a fazenda S. Bartholomeu, no Termo da Villa de N. S. do Rosário do Porto de Cachoeira.*

*Vinte e cinco annos depois, em 21 de Maio de 1766, Antonio Carneiro da Silva comprou a Manoel Saldanha, por escriptura publica passada em notas do tabellião da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, Antonio Barbosa de Oliveira, do sitio Bom Sucesso,*

*Boqueirão e Tocós, “que parte ao meio com a fazenda da Serrinha, pelo Morro.”*

*Araújo, Dr. Antonio Jose de, “A Família de Serrinha, Tipografia O Serrinhense, Serrinha”, junho de 1926.*

**N**uma trilha de picada estreita, naquele massapê de caiporas, cabeça-de-frade, piçarro, velames, carapicho que mal dava para passar uma carroça de burro, na mesma estrada que se seguia para a Cutilada, Senharó, Malhador, indo também as Pedrinhas, se caminhando também chegava aos domínios da Fazenda Lagoa, naquele mesmo caminho antigo dava-se na Quatro Estradas, em Candéal, bifurcando pela roça de D. Anisia Curandeira, estabelecida no fundo do Seminário Vocacionista, erguidos pelos vigários Dário Di Ciesco e Helio da Rocha, naquela mesma passagem do Rio Boqueirão, a filha adotiva do Professor Didi Rios e Margarida de Alacoq, Bolotinha, viu o Cão sentado na margem esquerda do lajedo fumando um charuto benvenuto, e do outro lado da Fazenda de Lalau que ficou rendido após socorrer o filho que estava se afogando nas águas daquele mesmo córrego, ali se avistava uma casa velha avarandada de uma Fazenda, entregue ao abandono, parecendo uma tapera com uma série de cortiços de mandassaia estendidos em volta daquela dacha.

Na vigia ficavam em alerta oito bitelos vira-latas, feito bilhete de sereno, com a cor de boneco de alódê que atendiam cada um pelo o nome de peixe, e um louro desbocado que ficava o dia inteiro solto na cumeeira daquela de guêta a soltar os mais hediondos palavrões que corava de pudor qualquer mocinha bem comportada que ali chegasse à visita.

Era ali naquele ermo afastado uma légua da cidade que habitava uma velha destemida de nome Judithe Carneiro de Figueiredo, sempre com um dente de alho nas narinas, mascando um taco de fumo, um ramo de arruda na orelha, no peito uma penca de medalhas. A anciã era cuiuba, olho azul, metida numa saia de chitão que alcançava os pés, no busto um corpete encardido de algodão, o cabelo longo e grisalho enrolado numa polpa, presa a um pente de chifre e pelos pés uma chinela de couro.

Naquela picada de trilha estreita não havia cruzeiros por aqueles caminhos que lembrasse o holocausto, mas por ali era a passagem obrigatória do povo dos Carneiros

todos devotos, de véu e rosário em punho, em direção a bela matriz caiada de azul do povoado.

Quando batia as invernadas destampavam os atoleiros e por algum tempo ficava aquilo intransitável para as carroças. Surgindo a estiagem ficavam aqueles caminhos repletos de erosões e pelo leito da picada marcada ficava pelos cascos dos animais que ali transitavam. Nem era necessário ser bom rastejador para se notar que por ali ficava na areia escura a marca dos rastros de teiú e cascáveis a transitar no solo esturricado daqueles sertões. Naqueles tempos ainda havia caatinga fechada onde só boi brabo avançava depois veio à praga do sisal enfeitando e desarmonizando a paisagem.

Em 1721, chegara naquelas terras, nos sertões dos Tocós, três irmãos de origem portuguesa, vindos da distante cidade de Guimarães e que adquiriram nas mãos dos herdeiros da Casa da Ponte os sítios de Tamboatá, São Bartolomeu e Bom Sucesso. O primeiro se transformou na cidade de Serrinha, o segundo sítio na poética localidade de Ichu e o terceiro deu origem ao Riachão. Aquela velha pertencia àquela mesma geração que fundou esses povoados, e o seu bisavô Ângelo Ambrósio de Figueiredo tinha sido o primeiro professor público daquela cidade e fora proprietário da antiga Fazenda Riachão, como consta de documentos no Arquivo Público do Estado no Livro Eclesiástico de Terras da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Riachão, lavrado esses documentos pelo Frei José de S. João Batista, vigário encomendado em 1857.

Os mais antigos moradores sabiam desses pormenores, os mais novos tocavam o pau no ouvido. A velha vivia como se estivesse em pleno Oeste americano, quando no tempo das diligências, aterrorizada com o mundo. Todos passavam ao largo da sua cancela, e o saudavam com distância. Ninguém com ela queria se meter. Daquele seu território permaneceu durante quinze anos sozinha com seus cachorros sem ter nunca um dia arredado os pés para ir ao brongo. Quando ela estava roendo beira de sino mandava um recado por Lalau, seu vizinho, que falasse ao seu filho Godofredo Carneiro de Figueiredo que providenciasse aquela encomenda. E pela boca da noite surgia Zé Meicão, a mando do filho, trazendo os mantimentos ou querosene para lhe acudir naquela semana.

Em novembro quando batia as trovoadas para os lados do Riacho da Onça, o Rio Boqueirão tomava água que alcançava o terreiro da porta impedindo a velha de se comunicar com mundo lá fora. O filho então recebia a notícia e mandava a feira pelo cabra,

esse atravessava o rio a nado, com os mantimentos no lombo pra salvar a velha da fome. Era assim quando novembro surgia com os relâmpagos e trovões por aquelas bandas. Os caminhos ficavam intransitáveis, os arames farpados das cercas que delimitavam as propriedades na trilha enferrujavam mais depressa e com dois anos aqueles cercados vinham abaixo, vinham ao chão, e a paisagem naquela geografia sertaneja parecia uma terra devoluta, de ninguém.

A velha Judithe fora casada com Augusto Asclepiades de Oliveira, o primeiro Tabelião de Notas daquela comarca e com ele tivera seis filhos mas como era de família com sangue no olho, querendo ganhar o mundo, esperou o caçula nascer, virou azougue e saiu feita cigana zanzando pelas freguesias indo parar na cidade de Serrinha. O velho amargurado, deixado ao abandono, passou a cuidar dos filhos, como uma verdadeira penitência. Muitos anos depois com eles criados apareceu um cego que pedia esmolas pelas feiras na casa do velho Tabelião dando conta que a velha Judithe morava perto da linha de trem em Serrinha e vivia de comercializar mingau naquela estação. O velho tomado de remorsos selou três animais e em comitiva com os filhos trouxe a velha de volta para dentro da casa. O tempo tinha transformado aquele casamento, e nem mesmo à distância e a ausência uniram mais aquele casal. Perdendo a liga, permaneceram intrigados. A velha preferiu morar sozinha na Fazenda do filho, e o velho tabelião permaneceu dentro da casa. Foi aos poucos Augusto dividindo os cômodos da casa e dando a cada um dos filhos aquele pequeno quinhão. A casa de esquina, dava para fazer uma grande reforma e mudou completamente a planta. Restou para o velho tabelião um pequeno quarto no fundo onde permaneceu durante todo o resto de sua vida em completa solidão.

## HORA DO GAGAU, MÃE

A velha estava ali sentada na cadeira de rodas ao lado de sua acompanhante, naquela tarde enalorenta, na espera de que a estação de rádio anunciasse a canção do ângelus para que se iniciasse o ritual cotidiano de sua última refeição naquele abusado dia.

A velha estafeta sofria do mal do século e a outra velha que lhe cuidava faziam uníssonas o coro infeliz da aporrinhação. Cada uma mantinha um badalo na boca que não parava um segundo para aliviar os tímpanos dos moradores daquela casa. Era assim aquela lengalenga sem fim desde as oito horas da manhã quando a velha acompanhante riscava com sua pata no batente da porta principal que aquela cantilena dos diabos se estendia até as sete horas da noite, quando ela de dever cumprido, tomava banho, incendiava a casa com seu perfume barato e seguia feita Miss Primavera remexendo a bunda murcha em direção a sua casa, no subúrbio da velha capital baiana.

O badalo das duas contaminava todo o ambiente, numa sinfonia desentoados de lamentos e pequenos pontos de vista sobre banalidades domésticas. A velha arrogante, pidona e mandona parecia uma rainha de bunda chocha esparramada no seu trono, a balbuciar de dois em dois minutos que viessem lhe atender. Na maioria das vezes era somente capricho e pirraça, enquanto a outra velha alheia ao ambiente se exibia das peripécias da via crúcis que ela empreendia de sua casa ao trabalho. A velha acompanhante não sabia ouvir e para tudo tinha uma carta escondida na manga, sapecava pela cara do sujeito toda sorte de chapisco que se pegasse, tinha salvado o dia. Analfabeta que não sabia distinguir na folhinha em que dia estava ou qual o mês, para ela era mais importante que janeiro se apresentasse na tampa para em definitivo se aposentar com o seu salário mínimo e viver cordeiramente, feliz o resto de seus dias com o marido bruto e a rencada de filho beberrão fazendo biscates para afugentar o fantasma da fome.

Aquela situação em que vivia as duas velhas se assemelhava aos textos de Ionesco e Adamov, tal era o absurdo de suas vidas. Ficava a velha acompanhante a reclamar da pedição ansiosa de sua ama enquanto ficava a provar e beliscar de toda refeição que colocava para a patroa. Ambas não paravam a boca, estavam sempre a taramelar. Quando surgia uma visita a velha estabanada se comportava feito um cordeirinho, de rostinho sereno, comportada, parecendo que vivia em brancas nuvens. Tinha a velha parentesco com surucucu de beira de pote, traiçoeiramente hibernando, para logo em seguida botar pra fuder dentro daquela casa. Foi um tempo em que a velha viveu amarrada com uma corda na sua cadeira de rodas tal a loucura que praticava em plena luz do dia. Naqueles tempos brabos não havia para ela limites detonava com tudo e com todos, chegando a ponto de se jogar em vôo da cama que dormia para o corredor, fraturando o osso do íliaco. Passou a viver a velha durante três meses deitada ao leito e de lá gritando a todos os pulmões que lhe tirassem daquela prisão. Após a fisioterapia voltara a andar e a cagar pelo meio da casa. Eram aqueles toletes grandes cheirando aos infernos que odorificava o ambiente. Quem estava por perto passou a lhe encarar como uma louca que necessitava de estar num hospício. Mas a questão era outra. Nos tempos de hoje com a saúde pública sucateada hospital nenhum mantinha mais seus loucos, a família que cuidasse, ficava mais vantajoso para os cofres públicos. E assim a velha estafeta permanecia tecendo as peripécias enquanto a velha acompanhante repleta de falsidades, se acercava-se dela, e sorrindo, dizia:

- Hora do gagau, mãe!

E a velha como um bebê de olhos fechados, abria a boca para receber a sua última refeição daquele dia, enquanto o fedor de mijo destampava no ar...